

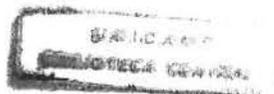
**Maria Rita Salzano Moraes**

## **Materna/Estrangeira: o que Freud fez da língua**

Tese apresentada ao Curso de  
Lingüística do Instituto de Estudos  
da Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas, como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de Doutor em Lingüística

Orientador: Profa. Dra. Nina Virgínia  
de Araújo Leite

**UNICAMP**  
**Instituto de Estudos da Linguagem**  
**1999**



12.000.196

UNIDADE	3e
N.º CHAMADA:	
V.	Ex.
TOMBO BC/	40463
PROC.	278100
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	\$ 11,00
DATA	11/03/00
N.º CPD	

CM-00140110-4

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M791m	<p>Moraes, Maria Rita Salzano</p> <p>Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua / Maria Rita Salzano Moraes. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.</p> <p style="text-align: center;">Orientador: Nina Virgínia de Araújo Leite</p> <p style="text-align: center;">Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p style="text-align: center;">1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Linguagem. 3. Inconsciente. 4. Escrita. I. Leite, Nina Virgínia de Araújo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	---

---

**Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite**

---

**Profa. Dra. Ângela Maria Resende Vorcaro**

---

**Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos**

---

**Prof. Dr. Edson Françaço**

---

**Profa. Dra. Matilde Virgínia Ricardi Scaramucci**

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por maria Rita  
Salzano Moraes  
e aprovada pela Comissão Julgadora em  
01 / 10 / 99.

Cluaelli

para Camila

## **AGRADECIMENTOS**

À Nina, por acreditar nessa minha aposta, e pela amizade preciosa.

Ao João Baptista, pela escuta em todas as passagens.

À Cláudia, pelas observações precisas com que me presenteou.

À Ângela, por reconhecer nesse meu percurso, um trabalho.

À Viviane, pela leitura carinhosa, e pelas “sabatinas” movimentadas.

À Escola Lacaniana de Psicanálise de Campinas, por um lugar.

## RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar a relação Língua Materna – Língua Estrangeira a partir da constituição do sujeito por linguagem. Isto supõe que se faça uma diferenciação entre sujeito e Eu, o que é possível, se se toma como base para essa reflexão, a **hipótese freudiana do inconsciente**. Essa hipótese contempla, na sua formulação, uma concepção diferenciada de memória, em que a inscrição da linguagem é um processo de escrita/leitura dos traços mnêmicos, cujo registro simultâneo em sistemas diversos, não permite sua recuperação imediata. A possibilidade de recuperação dos traços mnêmicos passa pelo necessário caminho da expressão verbal, da leitura, de maneira que, se, de acordo com a hipótese de Freud, a memória é, em grande parte, inconsciente, abre-se um outro lugar de discussão sobre o estatuto da dita Língua Materna: ela não representa, para o sujeito, sua segurança, dado que aí não pode dizer tudo. Fica suspensa a condição de a Língua Materna ser o veículo da certeza do sujeito.

Nessa hipótese está implícita, portanto, uma divisão entre língua e linguagem, sendo a língua o lugar de apresentação da certeza do Eu, mas, simultaneamente, da possibilidade de manifestação da linguagem inconsciente, daquilo que fala no Eu, sem seu consentimento. Como consequência dessa hipótese, acrescenta-se à discussão, o **estranhamento na língua** como elemento organizador que permite deslocar, na relação Língua Materna – Língua Estrangeira, a questão da **alteridade**. Língua Estrangeira perde o estatuto de estranha, porque diferente, para ser questionada a partir do estranhamento próprio à Língua Materna.

Se a hipótese sobre o inconsciente foi construída porque Freud ouviu falhas, hesitações e esquecimentos como manifestações de um funcionamento desconhecido pelo Eu, devemos destacar, sobretudo, que Freud não concebe seus 'aparelhos' de memória e de linguagem senão enquanto **sistemas de escrita**. Isto não é sem importância para este trabalho, uma vez que é essa concepção de linguagem enquanto sistema de **escrita/leitura**, que nos dá os elementos para questionar a condição de familiaridade da Língua Materna e a de estrangeiridade da Língua Estrangeira.

## ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b>	1
<b>PARTE UM</b>	
<b>A CONSTITUIÇÃO do APARELHO de LINGUAGEM</b>	
a) Por que pensar a noção de Língua Materna a partir da constituição do aparelho Psíquico tal como concebido por Freud ?	9
<b>1.1 APARELHO de LINGUAGEM</b>	
b) Que sentido tem esse aparelho com relação à especificidade das funções da linguagem?	10
c) Quais as conseqüências que podemos destacar, desse trabalho de Freud, para pensar a Língua Materna a partir da complexificação das noções de estrutura e de função do aparelho de linguagem ?	22
<b>1.2 APARELHO de MEMÓRIA</b>	
d) Qual a originalidade da concepção freudiana da memória ?	26
e) Que possibilidades essa concepção da memória abre para este trabalho ?	33
<b>1.3 APARELHO PSÍQUICO</b>	
f) O que representa a fala para o Aparelho Psíquico ?	35
g) Mas, o que move esse aparelho ?	46
<b>PARTE DOIS</b>	
<b>A CONSTITUIÇÃO DO EU : a Pulsão, o outro e o Outro</b>	
<b>Introdução</b>	53
a) Como a linguagem separa a fala do corpo ?	56
b) Qual é, então, a necessidade de Freud introduzir, ao lado da importância da fala, ou seja, do campo da representação verbal, outra coisa, algo como o fora da linguagem ?	65
c) Ao lado do Vazio necessário à formação do Eu com o objeto, que importância tem para Freud a questão da imagem na constituição do Eu e, conseqüentemente, do sujeito ?	71
<b>2.1 O Estranho de Freud</b>	76
<b>2.2 Materna, Língua Estrangeira</b>	77
<b>2.3 O Familiar na Língua Estrangeira - o caso de Anna O.</b>	85
<b>2.4 O Estranho na Língua Materna - o caso de Louis Wolfson</b>	90
<b>PARTE TRÊS</b>	
<b>A LINGUAGEM e a ESCRITA do SUJEITO</b>	
<b>Introdução</b>	
a) Por que podemos falar de texto psíquico em Freud ? De que tipo é essa escrita ? O que significa a leitura dessa escrita ?	101
b) Como se escreve essa escrita ? Por que se pode dizer que a escrita condiciona uma passagem ?	107
c) O que revela essa operação das leis do primeiro tempo da escrita com relação à significação ?	114
d) O que faz a escrita no lapso e no esquecimento ? Como a linguagem os lê ?	120
e) Por que importa considerar a escrita e sua leitura no conjunto deste trabalho ?	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	131
<b>ABSTRACT</b>	133
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	134

## INTRODUÇÃO À QUESTÃO DA TESE

Com este trabalho, pretendemos tecer uma reflexão sobre a relação entre Língua Materna e Língua Estrangeira, a partir da hipótese freudiana do inconsciente. Essa hipótese contempla, de início, a inclusão do sujeito falante como efeito de linguagem, e torna possível postular uma diferença na relação acima referida. A partir da anterioridade lógica da inscrição da linguagem no sujeito, cada um se encontra na Língua Estrangeira de maneira única, a sua, não havendo aí uma simples relação de exterioridade, mas a intermediação do fato anterior de que a linguagem é condição de possibilidade do sujeito. Faremos, a seguir, um breve histórico da área da Lingüística Aplicada, para podermos situar o leitor quanto à questão deste trabalho.

No campo da Lingüística Aplicada, especificamente na área de Língua Estrangeira, os estudos que envolvem a relação Língua Materna - Língua Estrangeira têm, como ponto de partida, a posição de alteridade da Língua Estrangeira (outro código) em relação à Língua Materna e, como consequência dessa postura, Língua Estrangeira caracteriza-se pela questão de ensinar e de aprender.

A Lingüística Aplicada surgiu, no interior da Lingüística - uma ciência ainda em expansão - a partir da necessidade de aplicação, ainda incipiente, dos resultados das pesquisas teóricas no ensino de línguas. Acreditava-se que os resultados da descrição e da análise de línguas, empreendidas pela Lingüística, poderiam ser testados e incorporados ao ensino de línguas estrangeiras.

Concebida inicialmente com o propósito de solucionar problemas práticos da Lingüística, a Lingüística Aplicada encontrou, nas décadas de 40, 50 e 60, o ápice do otimismo no distribucionalismo behaviorista. Utilizava modelos psicológicos da teoria da aprendizagem, associados a modelos lingüísticos. Essa união, que parecia prometer uma nova era no ensino de língua estrangeira, adotou, por assim dizer, as noções de aprendiz e de língua, que a Lingüística e a Psicologia tinham a lhe oferecer: na Lingüística, descrevia-se a fala e não se considerava o sujeito; na Psicologia, acreditava-se que a língua falada consistia

em aprender uma série de hábitos. Ensinando-se respostas específicas e apropriadas, aliavam-se os pontos de vista da Língua e os da Teoria da Aprendizagem, na Psicologia. Nesse início, quando se considerava o sujeito, este deveria aprender a língua como um outro comportamento, o verbal.

A teoria gerativa de Chomsky trouxe, nos anos 60, uma visão diferente para os professores de línguas: a de que a linguagem não é um comportamento, mas um saber que não coincide com a produção do falante<sup>1</sup>. Assim, em contraste com as tendências behavioristas anteriores, a natureza da língua tornava-se uma questão para a prática, pelo fato de que a partir de um conjunto finito de regras era possível a produção de um infinito de enunciados.

Contudo, a gramática gerativa colocava grandes problemas para sua aplicação. Isso levou a Lingüística Aplicada a dirigir seu olhar para as teorias psicológicas, tanto de desenvolvimento quanto da psicologia sócio-histórica. A partir de então, começou-se a considerar a aprendizagem como um processo social, no qual o sujeito falante foi incluído e, assim, as dificuldades encontradas na área de ensino e aprendizagem tornaram-se psicológicas por excelência. Sentiu-se como necessária a inclusão, na pesquisa, de variáveis tais como: maneira de ensinar do professor, motivação do aluno, idade, sexo, *status* social do aprendiz, além dos resultados de estudos comparativos sobre as diferenças entre língua materna e estrangeira.

Após as sensíveis transformações pelas quais passou a Lingüística Aplicada, convivendo com as abordagens da língua oriundas tanto da Lingüística quanto da Psicologia, ficou evidente que a área de pesquisa em língua estrangeira deveria investigar questões relativas ao **ensino**, tomando, se necessário, em caráter de multidisciplinaridade, emprestando de outras áreas, tudo aquilo que pudesse auxiliá-la nas pesquisas em sala de aula, para otimizar o ensino da língua estrangeira.

Assim, lentamente, a Lingüística Aplicada, na área de ensino de língua estrangeira, deixou de se orientar pelas idéias da teoria lingüística, da teoria da

---

<sup>1</sup> Para se observar melhor os efeitos dessa visão diferente da linguagem, remeto à tese de doutoramento de Maria Teresa Guimarães de Lemos (IEL, UNICAMP), capítulo 2, *A Psicolingüística*.

aprendizagem e das teorias psicológicas, tomando lugar aí uma certa autonomia, e, como consequência, passou a enfatizar aspectos não-lingüísticos na aprendizagem de línguas estrangeiras, deslocando a aprendizagem das línguas para o campo de interesses da Sociolingüística. Observar interações comunicativas de pequenos grupos de aprendizes, seus padrões lingüísticos, e suas estratégias na compensação de falhas na habilidade comunicativa em língua estrangeira, tornou-se uma maneira de descrever o processo de aprendizagem, no momento mesmo em que ocorria, além de propiciar ao aprendiz e ao professor, uma consciência desse processo.

Esse procedimento, que se considera uma investigação de fenômenos psicológicos, inclui relatos dos alunos sobre suas hipóteses e estratégias e é considerado elemento excelente para uma previsão acurada da aprendizagem. Está aí implícito o significado de aprender uma língua dentro de um contexto social, isto é, rejeitam-se relações causais entre ensino e aprendizagem, porque todo conhecimento é culturalmente ligado a contextos sociais específicos, e precisa ser entendido na maneira singular como as pessoas agem e colaboram para construir socialmente suas realidades.

A despeito de a pesquisa em língua estrangeira voltar-se, agora, para o **processo de aprendizagem** como seu objeto de estudo, aí incluindo o indivíduo em seus vários aspectos (raça, sexo, classe, diferenças culturais), é preciso considerarmos que esse aprendiz foi tomado, de um momento para outro, como indivíduo falante, mas passou a fazer parte dessa equação de aprendizagem, separado da língua que aprende, porque, assim como o compreendemos, está também separado da própria língua materna. A língua estrangeira preserva, então, nessa nova equação, seu estatuto anterior de sistema a ser aprendido e reforça uma noção de linguagem como instrumento de comunicação.

Estamos dizendo que língua estrangeira e aprendiz ocupam lugares diferentes nessa proposição, porque está aí implícita também uma noção de língua materna como algo que está fora daquele que fala. Esta suposição dá início, na pesquisa em língua estrangeira, a uma infundável série de variáveis, que buscam, no encontro com outras áreas de saber, sob o nome de

multidisciplinaridade, desenvolver sua pesquisa, para dar conta de um possível sucesso ou insucesso desse aprendiz.

Assim, noções como 'sucesso', 'insucesso', 'embaraço', 'desembaraço', vão sendo ressignificadas a partir de deslocamentos de enfoques, ora para os métodos de ensino (onde o papel do professor é central e o produto do ensino é o testemunho da aprendizagem), ora para as estratégias cognitivas de aprendizagem do aluno (interessa entender seu processo particular), além dos assim chamados fatores extra-lingüísticos, como os sociais e psicológicos (motivação, fatores afetivos, fatores de personalidade, etc.). Parece que todos os esforços em elencar variáveis procuram aliviar o aprendiz do estranhamento que essa nova língua possa lhe causar. Assim como os entendemos, são esforços para que a língua estrangeira se torne cada vez mais familiar para aquele que a aprende.

Como já destacamos, a Lingüística Aplicada tomou seu trabalho com a língua estrangeira, de início, como um trabalho de ensinar e aprender. Isto porque aceitou, na noção de língua estrangeira, uma alteridade, um outro sistema. Mas essa noção de sistema está, de certa forma, implícita na língua materna, considerada um sistema formal fechado em si mesmo, lugar da sistematização, lugar do social, mas exterior ao indivíduo e, portanto, sistema a ser aprendido. Embora se façam diferenças entre aprender e adquirir dentro da Lingüística, resta reconhecer que não se pensa aí o sujeito constituído por linguagem. Tampouco a Lingüística Aplicada interroga o fato de o sujeito não estar, nessa equação, contemplado na linguagem.

Apresentamos este trabalho, portanto, com a intenção de convocar aqueles, como eu, envolvidos com a pesquisa em Língua Estrangeira, a empreenderem uma primeira reflexão sobre seu estatuto, interrogando esse conceito a partir de uma outra concepção de Língua Materna.

Para entendermos a Língua Materna de um outro ponto de vista fez-se necessário buscar, primeiramente, as conseqüências da afirmação de que o sujeito é constituído por linguagem. Fomos buscar em Freud e em seus 'aparelhos' a maneira de observar como os fenômenos daquilo que ele chama de

linguagem se manifestavam na fala. Veremos que a discussão da relação Língua Materna – Língua Estrangeira ganha novos elementos se pensarmos suas diferenças a partir do sujeito, e não a partir de sua descrição.

## ESTE TRABALHO

Construímos nosso trabalho partindo do estudo dos Aparelhos Psíquico e de Memória (Parte Um), para constatar que as funções psíquicas da linguagem originam-se, tal como Freud o propõe, na estruturação de uma memória, em grande parte, inconsciente, presentificando-se nas falhas ou nas linhas de ruptura, e não ao acaso, mas exatamente em função da estruturação desse aparelho pela linguagem.

O Aparelho Psíquico, cuja função é associar e tornar possível a significação, sofre imposições de sua própria função, pois emergem na fala, em consequência da inscrição estratificada dos traços mnêmicos, perturbações nas associações das representações, cuja presença permite que se fale de dois espaços coexistentes na fala. Atravessam o espaço da língua corrente operações de linguagem, cujos efeitos desconcertantes revelam a imposição de leis antigas de associação de traços de memória. Essa concepção diferenciada da memória permite que se pense a inscrição da linguagem como um processo de leitura/escrita dos traços mnêmicos que, registrados simultaneamente em diversos sistemas, não permite uma recuperação imediata. Sua recuperação passa pelo necessário caminho da expressão verbal, de uma leitura, e tem, como consequência fundamental, que a relação entre função e funcionamento desse aparelho esteja suspensa, provocando o desconhecimento do sujeito, que se apresenta, na língua, falado por linguagem.

O que possibilita um passo adiante neste trabalho (Parte Dois) é verificar que todo esse campo representacional, apresentado por Freud através dos 'aparelhos', não se funda senão a partir do 'irrepresentável', um Vazio que coloca o 'aparelho' em funcionamento. Por esse motivo, antes de falarmos do sujeito,

impõe-se que observemos as conseqüências desse 'irrepresentável' nas formações do Eu. O anterior ao sujeito é estruturado, segundo Freud, por momentos insuperáveis, mas necessários, porque fundantes, em torno dos quais se dá todo o encaminhamento posterior do sujeito.

Veremos que o fundamental na constituição do Eu, segundo Freud, é a relação com o outro (objeto), que se desenvolve no Complexo do Próximo e no Narcisismo, resultando em uma divisão interior ao Eu, na qual **dentro e fora** permanecem em continuidade. Essa experiência tem como efeito o desconhecimento do outro do Eu, que torna o mais Familiar, Estranho. Esse fato permite que interroguemos o Familiar da Língua Materna e a suposta alteridade atribuída à Língua Estrangeira.

A partir da hipótese freudiana do inconsciente pudemos entender a razão da diferenciação entre Eu e sujeito. Dos 'aparelhos' de Freud, pudemos depreender que língua é o lugar ilusório da certeza do Eu, ao mesmo tempo em que representa a possibilidade da intervenção dos elementos de linguagem. Se a inscrição dos elementos de linguagem provoca efeitos de estranhamento que ultrapassam o sujeito, na língua, devemos destacar a relação Estranho-Familiar na, assim chamada, Língua Materna, como elemento organizador da relação do sujeito com as línguas estrangeiras. Trouxemos, para isso, o relato de dois casos, que evidenciam a necessidade de incorporar, em reflexões sobre a relação Língua Materna - Língua Estrangeira, a questão do Estranho-Familiar da Língua Materna.

Na Parte Três vamos procurar recuperar a questão daquilo que Freud (Parte Um) sugere como escrita/leitura no processo de subjetivação de cada um. Para isso, tomamos *A Interpretação dos Sonhos* e *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, e destacamos o que se apresenta, na língua ou no sonho, como estranho e sem sentido para o sujeito. Freud faz notar que os elementos inconscientes são da ordem de uma escrita, e que a possibilidade de se tornarem conscientes depende de uma leitura desses traços por linguagem.

Quando abordamos, neste trabalho, a constituição do sujeito por linguagem, percorremos um caminho, com Freud, que, partindo da hipótese do inconsciente, coloca em questão o próprio estatuto de Língua Materna como

alguma coisa intimamente familiar ao sujeito. O que é intimamente familiar é o estranhamento que ela provoca. Em decorrência dessa constatação, toda a relação do sujeito com a língua precisa ser, necessariamente, abordada de um ponto de vista de desconhecimento e de estranhamento. Se olharmos retroativamente, do ponto de vista do que representa a Língua Materna para o sujeito, altera-se o estatuto da Língua Estrangeira de 'outra', para aquela que lê a 'Língua Materna'.

## ***PARTE UM***

### **A CONSTITUIÇÃO do APARELHO de LINGUAGEM**

## **A) Por que pensar a noção de Língua Materna a partir da constituição do Aparelho de Linguagem tal como concebido por Freud?**

A intenção de deslocar o conceito de Língua Materna de uma posição de língua que se aprende com a mãe, ou de língua nacional, para a de causa de sujeito, nos possibilita, de uma certa forma, outra visão (não psicológica) da importância (psíquica) que a relação Língua Materna - Língua Estrangeira pode vir a assumir para um sujeito. Vamos procurar desenvolver esta parte do trabalho de maneira a poder iniciar a discussão da questão fundamental de que, entre as línguas, tomadas como capacidades simbólicas, não há outra diferença, a não ser a partir da posição do sujeito na Língua Materna. Veremos que a alteridade comumente atribuída à Língua Estrangeira é uma alteridade radical, ou seja, está presente já na Língua Materna, o que nos permite supor que aquilo que pode apresentar a Língua Estrangeira como diferente ou semelhante não se esgota numa descrição, uma vez que inclui o sujeito que, a partir de sua posição na Língua Materna, fará a diferença entre as línguas.

É necessário, portanto, para compreendermos o estatuto da diferença ou da semelhança entre línguas, que as abordemos a partir daquilo que na Língua Materna se apresenta como Estranho e como Familiar, isto é, daquilo que é Familiar no Estranho ou Estranho no Familiar, e que os tomemos tão somente do ponto de vista de sua relação no sujeito. Para iniciar a caracterização dessa relação iremos apresentar, tomando como ponto de partida os aparelhos de Freud, e como são, de início, por ele complexificados, os conceitos de "representação", de "associação", de "memória", de "objeto", e conseqüentemente, de "significação".

## 1.1 APARELHO de LINGUAGEM

### B) Que sentido tem esse Aparelho com relação à especificidade das funções da linguagem?

No início de sua construção teórica, Freud concebe o Aparelho Psíquico como um Aparelho de Linguagem, e, em seguida, como um Aparelho de Memória. Constatamos que Freud não concebe o Aparelho de Linguagem como um Aparelho para linguagem, mas para nos mostrar que ele é construído por linguagem, o que inclui, de imediato, o outro, enquanto falante, nessa constituição. Importa salientar, então, que essa constatação tem, como consequência fundamental o fato de este aparelho não estar aí colocado como um instrumento pré-existente à linguagem, mas sim, para articular, numa relação de causa e efeito, a função da linguagem na formação desse aparelho: a linguagem não é só efeito desse seu funcionamento, mas é também aquilo que o funda. Dessa forma, o outro e o mundo vão se constituir objetos, a partir do que a linguagem constrói.

Não podemos tomar Língua Materna e Língua Estrangeira como entidades distantes e estranhas uma à outra, pois, se considerarmos, com Freud, o psíquico como lugar da linguagem, ou a linguagem como lugar psíquico que inclui o outro enquanto falante, há que se tratar essa dualidade - Língua Materna/Língua Estrangeira - perpassada pelo sujeito, de forma a tomar os elementos que a constituem, como só existindo na e pela relação estabelecida a partir do sujeito, e não como entidades que preexistissem a ele.

É preciso, agora, para que possamos desenvolver as questões propostas, que percorramos um caminho com Freud, encontrando ponto a ponto, na diferença de sua abordagem dos fenômenos, e na sua maneira de nos mostrar o imprescindível da linguagem na constituição da subjetividade, os momentos nos quais nossas questões puderam se construir.

Iniciaremos o trabalho destacando alguns textos de Freud, entre os quais, *A Interpretação das Afasias*<sup>1</sup>, a *Carta 52*<sup>2</sup> a Fliess, o *Projeto para uma Psicologia*

---

<sup>1</sup> Sigmund Freud, 1891, *A Interpretação das Afasias*, tradução de António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977.

*Científica*<sup>3</sup>, *Estudos sobre Histeria*<sup>4</sup> e *A Interpretação dos Sonhos*<sup>5</sup>, cap. VII, com a intenção de apresentar a constituição do Aparelho Psíquico como Aparelho de Linguagem, na medida em que sua estruturação não é nem anterior, nem posterior ao desenvolvimento das funções da linguagem.

É muito clara a intenção de Freud no seu estudo crítico sobre as Afasias: “ver o que é que nos ensina a observação das perturbações da fala sobre a **estrutura** e a **função** do aparelho da linguagem”<sup>6</sup>.

Quanto à estrutura desse aparelho (“uma área contínua do córtex”), Freud não se limita a reconhecer a existência de lugares psíquicos distintos, mas vai atribuir a cada um deles uma natureza e um funcionamento diversos. Quanto à função: esse aparelho associa e faz transposições.

A tendência da medicina, em época anterior a Wernicke, era a de localizar faculdades psíquicas como um todo - tal como as delimita a terminologia psicológica, por exemplo, “vontade”, “inteligência”, etc... - em determinadas regiões do encéfalo. De maneira que, segundo Freud, quando Wernicke propõe que se podem localizar somente os elementos psíquicos mais simples - cada uma das representações sensoriais - na terminação do nervo periférico que recebe a impressão, este fato deve ter parecido um grande passo à frente nas pesquisas sobre as afasias. Porém, Freud considera o mesmo “erro de princípio”, quando se trata de localizar tanto um conceito complexo, e mesmo toda uma atividade psíquica, quanto um único elemento psíquico, na terminação do nervo periférico que recebe a impressão<sup>7</sup>. Não se justifica, para Freud, o fato de se tomar do psíquico a terminação de uma fibra nervosa, que foi, em seu percurso, uma formação fisiológica sujeita a modificações puramente fisiológicas, e acrescentar a ela uma representação ou uma impressão mnêmica.

---

<sup>2</sup> Jeffrey Moussaieff Masson, *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 208.

<sup>3</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, ESB, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>4</sup> Sigmund Freud, 1893-5, *Estudos sobre Histeria*, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>5</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, ESB, v. 5, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>6</sup> Sigmund Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., pp. 66-7 (grifo nosso).

<sup>7</sup> idem, p. 55.

Não há nenhuma diferença, diz Freud, em se nomear artificialmente “vontade” ou “inteligência” - conceitos aos quais correspondem relações muito complexas no mundo fisiológico - e atribuir, da mesma forma, um nome à “simples representação sensorial”, pois a partir daí “não se sabe com maior certeza que se trata de algo diferente”<sup>8</sup>.

É importante destacar que se considerava, na concepção dominante na época, que uma excitação qualquer passava pelas fibras nervosas e estas permaneciam inalteradas, sendo sua função apenas conduzir a excitação entre a periferia e o córtex cerebral. Freud coloca em questão a relação anterior, não-dinâmica, entre as funções e localizações, e toma a noção de **modificação de significação funcional**, para qualificar esse trajeto (que é do campo da fisiologia) da excitação sensorial através das fibras nervosas, até à célula central. Freud está interessado em saber, de um ponto de vista não reflexivo da relação entre o fisiológico e o psicológico, o que seria, a partir dessa noção de modificação, o correspondente fisiológico da representação. Na visão anterior não havia um caminho, apenas uma ligação entre um ponto inicial e um ponto final. O que era dito, em outras palavras, é que a representação estava localizada na célula nervosa. É a partir dessa afirmação sobre a localização da representação que Freud levanta a questão fundamental em torno da qual vai girar sua hipótese sobre as questões de linguagem, pois o que importa para Freud é saber primeiramente o que vem a ser esse “correspondente fisiológico da representação”<sup>9</sup>.

Ao refletir sobre a natureza da modificação funcional, que resulta numa teoria sobre a **localização**, Freud parte dos trabalhos sobre Afasia de Wernicke, Lichtheim, Grashey, Meynert, Hughlings Jackson, Bastian e Charcot, e propõe que não se tome a relação entre a cadeia dos processos fisiológicos e a dos psíquicos como causal, de tal forma que se correspondam duas coisas que não têm necessariamente uma semelhança entre si: o físico e o psíquico. O psíquico, para Freud, é um processo paralelo ao fisiológico, “a dependent concomitant”<sup>10</sup>. É

---

<sup>8</sup> idem, p. 56.

<sup>9</sup> idem, p. 57.

<sup>10</sup> idem, p. 56.

preciso, portanto, investigar a relação acima referida, desse ponto de vista, observando as propriedades dessa modificação, independentemente do seu correspondente psicológico. Freud propõe, então, que o “correspondente fisiológico da representação”, a partir dessa mudança de posição de causalidade para paralelismo, seja “algo da natureza de um processo”, **processo esse que traz a localização**<sup>11</sup>. Com esta visada de um processo, em vez de uma causalidade, não se podem mais distinguir duas partes no “correspondente fisiológico”, a da sensação e a da associação, pois são dois nomes para designar duas perspectivas do mesmo processo:

*“Não podemos ter uma sensação sem logo associá-la...A localização do correspondente fisiológico é, portanto, a mesma para a representação e associação, e já que localização de uma representação não significa mais do que localização do seu correspondente, temos que evitar colocar a representação num ponto do córtex encefálico e a associação num outro ponto. Mas **ambas procedem de um mesmo ponto e nunca se encontram em estado de repouso**”<sup>12</sup>*

Com essa recusa em aceitar a localização como efeito de uma causalidade físico-psíquica, Freud pode deixar de lado a distinção entre “centros” e “vias de condução da linguagem”, como veremos mais adiante. Esta rejeição permite-lhe pressupor, a partir dos distúrbios da fala, por um lado, a existência de **processos funcionais** (radicalmente opostos aos processos mecânicos) nos mecanismos da linguagem, e, por outro, aquilo que já se configura como uma primeira neutralização da noção de patológico no que diz respeito à linguagem.

Na literatura médica sobre a Afasia, até 1891, a faculdade da linguagem articulada estava localizada nos lobos anteriores do cérebro. Broca e Wernicke definiram a correlação precisa das perturbações da linguagem com regiões determinadas no cérebro: enquanto as imagens mnêmicas dos movimentos da linguagem são conservadas no centro motor (área de Broca), as imagens sonoras são armazenadas no centro sensorial (área de Wernicke). As lesões ocorridas em um desses centros resultam em afasia sensorial ou motora. Além da afasia

---

<sup>11</sup> idem, p. 57.

<sup>12</sup> idem, ibidem (grifos nossos).

decorrente de uma lesão central, Wernicke propõe ainda, segundo Freud, uma afasia de condução, resultante da lesão nas vias de associação entre os centros. Ambos os tipos de afasias referem-se à limitação das funções do sistema nervoso a regiões anatomicamente localizadas.

No estudo que estamos expondo, como conseqüência primeira de sua hipótese sobre o fato de a relação entre o correspondente fisiológico e a representação (psíquica) ser da natureza de um processo paralelo, Freud critica a localização pontual da função da linguagem nos “centros” de Broca e de Wernicke e propõe uma localização global, articulada e contínua, em função de um **campo complexo de associações**, que nomeia “Sprachapparat” (aparelho de linguagem):

*“Rejeitamos portanto as hipóteses segundo as quais o aparelho de linguagem é constituído de centros distintos, separados por regiões corticais sem função (...). Assim, não nos resta outra coisa senão expor a concepção segundo a qual **a região cortical da linguagem é uma área contínua do córtex**, em cujo interior se efetuam, com uma complexidade que desafia a compreensão, as associações e as transferências sobre as quais repousam as funções da linguagem”<sup>13</sup>.*

Isto porque, nesse campo complexo de associações, a região da linguagem define-se pela sua extensão, e não pela localização pontual nos centros, pois, ao estabelecer relação com as funções da visão, da audição e da motricidade, essa região avança por entre os campos corticais sem função, propostos por Broca e Wernicke, apresentando o aparelho pelas suas fronteiras e não pelo seu centro. Freud não critica, portanto, a noção de localização, pois, segundo ele, “o processo é que traz a localização”, mas trata-se de uma localização menos limitada, efeito de um processo, pois estende-se por entre outros campos sensoriais e motores:

*“Se, portanto, os “centros” vêm a ser os ângulos do campo da linguagem, então é preciso também considerar quais são as outras regiões confinantes exteriormente aos centros...A região associativa da linguagem, em que entram elementos óticos, acústicos e motores, estende-se*

---

<sup>13</sup> idem, p. 62 (grifos nossos).

*justamente entre os campos corticais desses nervos sensitivos e os respectivos campos corticais motores*<sup>14</sup>

A crítica à localização permite a Freud não só entender o Aparelho de Linguagem como um todo, como também abordar uma outra consequência da teoria da localização. Trata-se da afirmação de Meynert de que os centros de linguagem estão separados por vazios livres de funções: "...É muito provável que à memória como fundamento de todas as atividades intelectuais seja posto um limite de recepção das células do córtex"<sup>15</sup>. Ou seja, frente à limitação da memória, ocupam-se outros territórios, para novos conhecimentos. Freud questiona essa concepção limitada da memória (que veremos ainda nesta seção, e também na próxima) que baseia a aquisição de conhecimentos posteriores como, por exemplo, a aprendizagem de uma nova língua, na ocupação de um terreno até então vago no córtex.

O Aparelho de Linguagem é concebido por Freud (a partir dos trabalhos sobre patologia da linguagem) como uma estrutura, efeito da relação dinâmica entre os campos acústico, visual, motor. É um processo de diferentes níveis funcionais (uns mais complexos e refinados; outros, mais primitivos e menos diferenciados), de maneira que a própria estruturação da função da linguagem contém exemplos de novas aquisições. Aquisições posteriores no campo da linguagem (uma nova língua, por exemplo) não estão localizados, segundo Freud, em "vazios livres de funções", pois não existem exemplos de ocorrências de lesão orgânica na área da linguagem, e conseqüentes distúrbios na língua materna, que escapem (que não aconteçam) à língua estrangeira adquirida posteriormente. Se, no caso de um alemão que também compreende o francês, os sons das palavras francesas estivessem localizados em um lugar diferente dos sons da língua alemã, deveria acontecer que, após uma lesão na área da linguagem, o alemão deixasse de entender sua língua, mas continuasse a compreender o francês. O que ocorre, diz Freud, é o contrário. Perde-se primeiro, digamos, a "compreensão" do francês, enquanto aquisição mais recente, de acordo, então, com a estruturação de todas

---

<sup>14</sup> idem, p. 63.

<sup>15</sup> Meynert, *Psychiatrie*, I, 1884, p. 40, apud Sigmund Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., p. 59.

as outras funções da linguagem<sup>16</sup>. Estas foram estruturadas em tempos diversos: primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e, por fim, o gráfico. Nos casos patológicos, a perturbação da linguagem repete uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem das funções da linguagem, ou seja, “é chamada em auxílio em primeiro lugar a função que permaneceu mais eficiente”<sup>17</sup>.

Quando Freud se propõe a investigar a literatura sobre as afasias, encontra nos trabalhos dos autores já citados a concepção generalizada de que a área reservada à linguagem não possui nenhuma relação com o resto da atividade cerebral. Os distúrbios da linguagem nas afasias são de natureza eminentemente anatômica: causados, seja pela destruição dos centros da linguagem, seja pela destruição das vias de associação entre esses centros.

Analisando os casos de perturbações da linguagem descritos segundo a concepção dos autores já referidos, Freud destaca vários quadros, cujos sintomas são incompatíveis com a teoria desses autores, e demonstra a impossibilidade de uma explicação baseada inteiramente na hipótese da localização. A partir dos casos nos quais não se podem explicar os distúrbios da linguagem localizando pontualmente o correspondente fisiológico da representação no cérebro, mas, antes, como resultado de complexos processos que se alargam por toda a extensão cerebral, Freud avança a tese de uma diferenciação entre representação-palavra [Wortvorstellung] e associações de objeto, ou representação-objeto [Objektvorstellung], dois complexos que, não estando numa relação de oposição, vão possibilitar as mais variadas configurações das funções da linguagem a partir de singulares trajetos associativos das representações.

Na concepção anterior, já existiam as noções de imagem sonora verbal e de imagem motora verbal, e a destruição da via de condução que associa essas duas imagens provocaria um distúrbio de linguagem, que Wernicke denominava afasia de condução. A novidade que Freud nos traz é questionar esse tipo de afasia, concebido como destruição das vias condutoras entre os centros motor e sensorial, nomeando-o “**parafasia**” e referindo-se a ele como um **distúrbio**

---

<sup>16</sup> idem, p. 60.

**puramente funcional**, índice de uma menor eficiência do aparelho da linguagem considerado como um todo, e não uma perturbação como efeito da destruição da referida via de condução:

*“...a parafasia, observada em alguns doentes, não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras, que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída, ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam...É óbvio considerar a parafasia na sua vasta acepção como um sintoma puramente funcional, como um sinal de funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem”<sup>18</sup>.*

Antes de prosseguirmos com os comentários sobre a parafasia, é necessário ainda levar em conta outras duas noções concebidas por Freud, que entram em consideração na explicação das perturbações da linguagem. Já que Freud abandona de vez as considerações anatômicas, utiliza, para representar as relações entre cada um dos elementos associativos da linguagem, as noções de “momentos tópicos” e “momentos funcionais”<sup>19</sup>. Para que essas noções façam sentido, precisamos retornar à sua tese sobre a diferenciação entre representação-palavra e associações de objeto.

Da psicologia, Freud toma a **palavra** como unidade da função da linguagem, porém numa acepção de representação complexa, a cuja composição corresponde um intrincado e fechado processo associativo de elementos acústicos (imagem acústica), visuais (imagem da escrita e imagem da leitura) e motores (imagem motora). Aos trabalhos sobre patologia da linguagem se deve o conhecimento dessa composição, pois, no caso de lesões orgânicas do aparelho da linguagem, verifica-se uma desmontagem do discurso segundo essa composição<sup>20</sup>. A palavra, todavia, encontra sentido pela ligação com as associações de objeto, um complexo associativo aberto de representações visuais, táteis e acústicas.

---

<sup>17</sup> idem, p. 54.

<sup>18</sup> idem, p. 35.

<sup>19</sup> idem, p. 74.

<sup>20</sup> idem, p. 67.

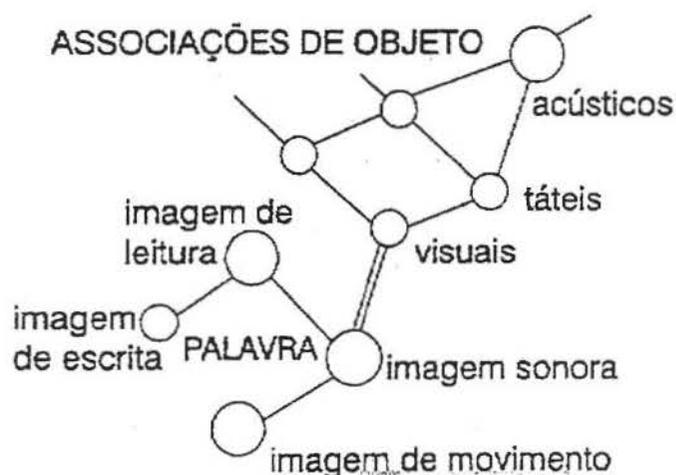


Fig. 1 Esquema psicológico da representação de palavra

Na tese proposta por Freud, com base na patologia das perturbações da linguagem, a representação-palavra está ligada às associações de objeto pela imagem acústica. O modo de associação dos dois complexos é que permite a Freud propor os tipos de afasia: **a afasia verbal**, na qual apenas são perturbadas as associações entre cada um dos elementos da representação-palavra, ou seja, entre a "imagem acústica", a "imagem visual de uma letra", a "imagem motora da linguagem" e a "imagem motora do escrever"; **a afasia simbólica**, em que é perturbada a associação entre a representação-palavra e a representação-objeto e **a afasia agnóstica** (segundo Freud, puramente funcional), quando não há reconhecimento de objetos<sup>21</sup>.

Uma vez que a representação é um processo associativo, Freud a supõe não só constituída pela intervenção simultânea de componentes acústicos, visuais e motores, como também operando em funções relativas a mais de um ponto do território da linguagem. Portanto, a representação deve ser entendida como a **diferença** entre as duas séries de associações: de representação-palavra e de representação-objeto. A palavra corresponde a uma associação de imagens mnêmicas e seu significado sobrevém da articulação da imagem acústica com as

associações de objeto. Estas, por sua vez, não constituem o objeto ou a coisa externa (de onde a palavra retiraria sua significação), pois:

*“a aparência de uma ‘coisa’, de cujas diferentes ‘propriedades’ falam aquelas impressões sensoriais, surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas de um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa”<sup>22</sup>*

O que quer dizer que uma representação não é a reprodução de um objeto externo, isto é, que **seu significado não provém do objeto, mas das associações entre as várias representações**. Essas associações se fazem nos dois sentidos: a palavra adquire significação pela ligação com a representação-objeto, e o objeto ganha identidade pela articulação com a representação-palavra. Não há, portanto, significação anterior ao pensamento, ela se dá pela diferença nos vários registros através dos quais se articulam as associações ou representações. Com essa diferença fundamental na concepção da representação, Freud está recusando uma superposição da ordem das coisas à ordem das palavras, ou seja, recusando à representação a função do conhecimento, e, portanto, problematizando a questão do sentido.

Retornando agora aos “momentos tópicos” e “momentos funcionais”, vale dizer que os primeiros são referidos por Freud para apontar três perturbações da linguagem que, **na afasia verbal**, permitem perceber uma localização da lesão nas partes adjacentes ao campo da linguagem, e explicar com ela apenas o não funcionamento de cada um dos elementos associativos: a afasia motora, a agrafia e a alexia relativa às letras. Quanto mais a lesão se desloca para o centro do campo da linguagem, menos será possível explicar seu efeito como supressão de um dos elementos associativos, e mais dependerá dos momentos funcionais o aparecimento da perturbação da linguagem<sup>23</sup>.

Da mesma forma, **na afasia simbólica**, uma vez que todas as associações verbais se ligam à imagem acústica, uma lesão mais ou menos extensa da região

---

<sup>21</sup> idem, p. 72.

<sup>22</sup> J.S. Mill, *Logik*, I, cap. III; e *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*, apud S. Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., p. 71.

da linguagem nas proximidades do campo acústico, tem como conseqüências perturbações de compreensão na leitura, no falar e no repetir, isto é, interrupção entre as associações de representação-palavra ou perturbação entre a associação da representação-palavra com as associações objetuais<sup>24</sup>.

É possível, segundo Freud, acompanhar até certo ponto a influência do momento tópico da lesão sobre a sintomatologia das perturbações da linguagem, se duas condições forem satisfeitas: 1) se a lesão estiver localizada num dos centros da linguagem (no sentido freudiano), ou seja, nas regiões extremas do campo associativo da linguagem; 2) se a lesão torna esse centro incapaz de funcionar, seu efeito manifesta-se, então, como perda de um dos elementos que em conjunto compõem as associações da linguagem. Se a lesão estiver situada num dos pontos nodais do aparelho da linguagem, mas sem destruí-lo, esse elemento associativo da linguagem reagirá à lesão como um todo, com uma alteração das suas condições funcionais. Se a lesão estiver situada em posição central, mesmo com efeitos destrutivos, apenas poderá determinar aquelas reduções funcionais que habitualmente resultam das condições gerais de um aparelho associativo<sup>25</sup>.

Quanto aos “momentos funcionais”, Freud se apóia em Hughlings Jackson<sup>26</sup>, que propõe que esses momentos representam casos de involução funcional do aparelho de organização superior e não se referem a uma lesão, mas correspondem a estados anteriores de seu desenvolvimento funcional. Nesses casos, uma ordem associativa superior será perdida e permanecerá uma mais simples, estruturada anteriormente.

Os momentos funcionais dos distúrbios da linguagem explicam uma grande quantidade de manifestações de afasia. Tendo em vista que o complexo da palavra, em contraposição às associações de objeto, é fechado (vide Figura 1), a representação-palavra é relacional, pois vai nascer não só de uma conexão primária com as representações de objeto, como também da relação desse

---

<sup>23</sup> S. Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., p. 75.

<sup>24</sup> idem, p. 77.

<sup>25</sup> idem, p. 79.

complexo representacional com outros complexos, que Freud nomeia **superassociação**<sup>27</sup>. Esta diferença que Freud estabelece entre *associação* e *superassociação* revela, em primeiro lugar, que o processo associativo não consiste apenas em associar (primariamente) elementos acústicos, visuais e motores, como é o caso das associações dos elementos da representação-palavra, mas também em associá-la com outras representações-palavra, de maneira que, no caso de lesões: “o que é superassociado é danificado antes do que é associado primariamente”<sup>28</sup>. Além disso, essa concepção funcional permite uma melhor compreensão dos seguintes distúrbios do campo da linguagem: as perdas de novas aquisições lingüísticas enquanto superassociações, em contraposição com a conservação da língua materna; os chamados “restos de linguagem” que ficam à disposição do afásico, como o ‘sim’ e o ‘não’ e palavras usadas quando a fala teve início; as associações mais freqüentemente praticadas, como escrever o próprio nome com facilidade (no caso dos agráficos ou de analfabetos que só conseguem escrever seu próprio nome); a conservação de algo que estiver associado intensivamente, mesmo que raro, e, por último, as representações associadas em séries numéricas: dias da semana, meses, etc.<sup>29</sup>. Para a afasia simbólica, o momento funcional explica a perda de palavras que têm um significado muito restrito, ou seja, que só podem encontrar sentido a partir de poucas associações de objeto.

Vamos agora ressaltar, dentre os efeitos dos momentos funcionais, um fenômeno da mesma ordem, que Freud denomina **parafasia**<sup>30</sup>, que vem a ser uma perturbação da linguagem em que o discurso é atropelado pela invasão de uma má-formação: uma palavra adequada é substituída por outra, embora menos adequada, mas que mantém com ela uma certa relação. Para explicar esses casos, por exemplo, substituir *lápiz* por *pena*, *Butter* (manteiga) por *Mutter* (mãe), ou fundir, em *Vutter*, *Mutter* (mãe) e *Vater* (pai), não é necessário recorrer à

---

<sup>26</sup> Hughlings Jackson, “Brain”, I, 1878-9, p. 306, apud S. Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., pp. 56-7 e 80.

<sup>27</sup> S. Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., p. 61.

<sup>28</sup> idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> idem, p. 81.

<sup>30</sup> idem, p. 35.

hipótese de uma lesão cerebral. Trata-se de acontecimentos “funcionais”, para os quais Freud reserva uma explicação dinâmica, na qual estão em jogo restos de linguagem, ou resíduos mnêmicos associados intensivamente<sup>31</sup> que se impõem ao aparelho, sob a ação de afetos, levando ao fortalecimento ou enfraquecimento da função de associar, e cujos efeitos de funcionamento consistem no ultrapassamento dos limites do aparelho de linguagem. Para compreender esses acontecimentos não é preciso pressupor a desintegração do aparelho, eles revelam modos de atividade desse aparelho que foram libertados da restrição de uma função.

É preciso novamente lembrar que antes de Freud o conceito de representação continha, dentro da teoria anátomo-fisiológica das localizações cerebrais do século XIX, na forma de um atomismo, a idéia de que há um duplo psíquico para tudo que se passa de somático, ou seja, a de que a cada tipo de representação corresponde um suporte neurológico rigorosamente localizado. Quando Freud toma, da Psicologia, a palavra como a unidade de base da função da linguagem e a concebe, de início, como uma representação complexa (sua unidade, como já vimos, implica elementos acústicos, visuais e motores), não só toma a palavra mesma como representação, como também está nos dizendo que qualquer operação de linguagem aciona simultaneamente funções relativas a mais de um ponto no território da linguagem.

**C) Quais as conseqüências que podemos destacar, desse trabalho de Freud, para pensar a Língua Materna a partir da complexificação das noções de estrutura e de função do Aparelho de Linguagem?**

A diferença que Freud propõe com essa complexificação nos leva a perceber o aparelho de linguagem enquanto **um processo de diferentes níveis funcionais** (que se revelam através da patologia): uns, mais complexos e refinados; outros, mais primitivos e menos diferenciados. Essa hierarquia<sup>32</sup> de

---

<sup>31</sup> idem, pp. 80-1.

<sup>32</sup> Que se atente aqui para o fato de que, embora Freud fale em hierarquia, está sempre se referindo a um processo, processo esse que faz prevalecer a estrutura sincrônica.

níveis, que a patologia revela, repete uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem das funções da linguagem. A única diferença, nos diz ele:

*“está no fato de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente nos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial-acústico, depois o motor, mais adiante o visual e, por fim, o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio, em primeiro lugar, o centro que permaneceu mais eficiente”<sup>33</sup>*

O campo da linguagem [Sprachgebiet], tal como proposto por Freud, a partir de suas reflexões sobre os fenômenos das afasias, é concebido em termos estruturais, uma estrutura complexa, mas não fragmentada em centros, e cuja possibilidade de existência se deve exclusivamente aos caminhos que tomam as representações nas associações. Acreditamos que um dos pontos fundamentais a serem retomados desse trabalho de Freud é a noção de **modificação**, que destacamos no início desta parte do trabalho, como indissociável da noção de **localização**. Se existe uma localização no campo da linguagem (ou seja, se se pode falar desse campo como estrutura), ela é devida à modificação que provocam as representações em suas complexas associações na fala. Quando Freud nos diz que as fibras nervosas não permanecem imunes à passagem de uma excitação, está afirmando que:

*“uma vez passado, esse processo deixa no córtex encefálico que investiu, uma modificação, **a possibilidade de recordação**...Mas de cada vez que é novamente excitado este estado do córtex, o psíquico apresenta-se **de novo** como imagem mnêmica”<sup>34</sup>*

Ou seja, o traço de memória não se constitui de uma presença recuperável (por estar localizado), mas sim, de uma diferença (alteração) de inscrição em vários registros, como veremos a seguir no Aparelho de Memória. O que faz a localização é a diferença.

Acrescentamos ainda, à questão da **modificação-localização**, outra passagem do texto de Freud, que localiza, **no campo da linguagem**, a aquisição de conhecimentos posteriores (quando entram em consideração outros

---

<sup>33</sup> idem, p. 54.

<sup>34</sup> idem, p. 57 (grifo nosso).

elementos sensoriais), justamente por levar em conta a hierarquia (o processo) que estabeleceu originariamente as funções dos campos associativos da linguagem na língua materna:

*“A função da linguagem apresenta excelentes exemplos de novas aquisições. É o caso de aprender a ler e a escrever relacionados com a atividade primária da linguagem...Todas as outras novas aquisições da função da linguagem - se aprendo a falar e a compreender diversas línguas estrangeiras, se, além do alfabeto aprendido em primeiro lugar, aprendo também o grego e o hebraico, se, ao lado de minha grafia uso também a estenografia e outras escritas - todas essas atividades (aliás, as imagens mnêmicas que é preciso empregar para isso podem ultrapassar em muito o número das da língua de origem) estão evidentemente localizadas **nas mesmas áreas** que conhecemos como centros da primeira língua aprendida”<sup>35</sup>*

Nessa articulação de Freud, é possível entendermos que algo da ordem de um caminho se abre na estruturação das funções primárias da linguagem, algo que é já uma localização, uma inscrição, uma memória, por onde necessariamente passarão posteriormente todos os outros elementos. Queremos poder estar articulando a relação língua materna - língua estrangeira a partir primeiramente dessa proposição **modificação-localização** de Freud. Este ponto, por si só, começa a interrogar a naturalidade com que atribuímos tanto uma alteridade à língua estrangeira, quanto uma familiaridade à língua materna.

A segunda proposição fundamental de Freud, no trabalho sobre as Afasias, é a de que **“não podemos ter uma sensação, sem antes associá-la”**<sup>36</sup>, proposição esta que, além de não atribuir nenhuma independência à representação (pois ela não representa o objeto), afirma ainda não haver nada (nenhuma sensação) anterior à linguagem. Isto quer dizer que não é a representação que vem primeiro, mas a linguagem. Se sabemos que só existe representação na diferença entre as associações - pois a transmissão de uma impressão, pela própria complexidade nos caminhos da associação, não se faz de forma simples e linear, mas através de sistemas de condução que aumentam

---

<sup>35</sup> idem, p. 60 (grifo de Freud).

<sup>36</sup> idem, p. 57.

ou diminuem sua intensidade, - então podemos dizer que, já nesse trabalho, Freud deixa ver que não há lugar a priori para toda essa rede complexa da fala (pois não há aparelho para a linguagem), se não se parte da anterioridade constitutiva da linguagem.

Da indissociável relação estrutura-função proposta nesse aparelho (que compreendemos pelas articulações feitas por Freud a respeito da localização/modificação, e da sensação/associação), temos uma terceira consequência, também fundamental para o nosso trabalho, que é a questão da **funcionalidade**. Daí podemos entender o ponto-chave da concepção desse aparelho: ele não precisa adoecer para não funcionar bem, ou melhor, seu funcionamento peculiar não necessita da referência a uma lesão. Tal como Freud o concebe, exatamente por ser esse aparelho estruturado por linguagem, é que não podemos prever seu funcionamento. A não-articulação entre a função de associar e a maneira dinâmica de associar desse aparelho abre a possibilidade de o funcionamento desse aparelho ultrapassar sua função. O funcionamento do aparelho contempla restos da operação de linguagem no sujeito, que, embora possam se apresentar como estranhos, não são sinais da destruição da função desse aparelho, ou mesmo de um mal-funcionamento, que poderia ser traduzido por falha nos processos normais ou por erros intelectuais, mas sim, modos legítimos de funcionamento desse aparelho submetido a leis de outra ordem. Aqui Freud nos convida a repensar (o que faremos em outra seção deste trabalho) a questão do Erro, do Lapso, do Ato Falho em língua materna e estender essa reflexão para a língua estrangeira.

## 1.2 APARELHO de MEMÓRIA

### D) Qual a originalidade da concepção freudiana da memória?

Para darmos o próximo passo neste trabalho, é necessário recuperar a complexificação que Freud operou em relação às noções de “associação” e de “representação” [Vorstellung], tal qual as concebe a Filosofia no século XIX. De maneira geral, predomina, nesse período, uma lei na qual a sucessão de associações vem a ser uma combinação de elementos que se mantêm inalterados no interior do conjunto formado por eles. Dessa maneira, o conjunto associativo resultante dos elementos é concebido como sua soma, de forma que as propriedades desse conjunto são redutíveis às propriedades de seus elementos. À medida que cada elemento psicológico se liga a um elemento fisiológico, a associação entre duas impressões significa uma associação automática de duas representações.

De uma certa maneira, o que se depreende na base dessa teoria é a noção de substancialidade psíquica, efeito do fato de tratar os fenômenos psíquicos da mesma maneira que os físicos, ou seja, de a representação se encontrar sempre localizada como um correspondente psíquico interno, causado por fatos externos da experiência com o objeto. O caráter não-dinâmico dessa postura tem como consequência a redução da associação a apenas uma lei: a de uma correspondência entre o pensamento e o objeto (percebido como tal/inteira pela consciência), ou seja, uma impossibilidade de se pensar uma independência entre representação e objeto. Nessa teoria, a linguagem é, portanto, concebida como tendo sido feita para designar as coisas.

Ao utilizar o conceito de “representação”, Freud recebeu influências de Stuart Mill<sup>37</sup> e de Franz Brentano<sup>38</sup> (1874). É de Brentano a reflexão de que a representação não é uma reprodução do objeto externo e, sendo assim, o sentido da representação não é determinado pelo objeto, mas pela associação da

---

<sup>37</sup> J.S. Mill, 1843, *Logik*, cap. III, e 1865, *An Examination of Sir Hamilton's Philosophy*, apud S. Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., p. 71.

<sup>38</sup> Para o desenvolvimento do conceito de “representação” em Brentano, remetemos a Moustapha Safouan, *O Fracasso do Princípio do Prazer*, parte II, Campinas: Papirus Editora, 1988.

representação com outras representações. Há significação, mesmo quando a representação não se refere a um objeto real (o Centauro, por exemplo). Freud refere-se a Stuart Mill<sup>39</sup>, no estudo crítico sobre as Afasias, para dele tomar o conceito de representação-objeto como um complexo associativo aberto, o que quer dizer que só se constitui objeto o resultado, não apenas de sensações presentes, mas sobretudo de inúmeras possibilidades de novas sensações que formam as associações de objeto.

A articulação da significação é trazida por Freud na ligação do complexo “fechado” da representação-palavra com o complexo “aberto” da representação-objeto, através, principalmente, da imagem acústica da palavra e da imagem visual do objeto. A noção de que a significação não se dá antes da articulação da palavra com as associações de objeto permite dizer que, para Freud, não há pensamento anterior à linguagem.

A maneira como as associações se encadeiam na fala permite supor, de acordo com Freud, uma organização dinâmica da memória. Partindo do princípio de que o que é representado na representação não é o objeto, mas séries de associações, cada excitação deixa no córtex cerebral uma inscrição permanente (traços mnêmicos), armazenada em registros diferentes: por exemplo, para a composição da representação-palavra, entram, como já vimos, as associações da imagem acústica, da imagem motora, da imagem de leitura e da imagem da escrita<sup>40</sup>.

A novidade fundamental que Freud nos traz a seguir é que grande parte da formação da imagem mnêmica nas associações de representações é separada da consciência, pois a memória é gravada de maneiras diversas, em vários registros, sendo que os primeiros são inacessíveis à consciência. Essa organização supõe que a representação/traço mnêmico [Erinnerungsspur] de um mesmo acontecimento pode ser encontrado em diversos conjuntos de sistemas mnêmicos, ou seja, que a impressão desse acontecimento abriu caminhos associativos os mais variados (o acústico, o motor, o visual, entre outros), fato que proporciona à memória a qualidade de uma não-recuperação imediata e de uma

---

<sup>39</sup> vide nota 22, nesta parte.

certa autonomia com relação aos fenômenos da consciência. Na Carta 52, de 1896, Freud expõe a Fliess sua hipótese sobre a memória, que cito *in extenso*<sup>41</sup> :

“...estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos [Errinerungsspuren] fica sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo [Umordnung], de acordo com as novas circunstâncias - a uma reescrita [Umschrift]. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de signos [Zeichen]. Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo algum tempo atrás (Aphasia), com respeito às vias que provêm da periferia do corpo até o córtex. Não sei quantos desses registros existem - pelo menos três, provavelmente mais. Isso pode ser visto no diagrama esquemático abaixo, que pressupõe que os diferentes registros também sejam separados (não necessariamente em termos topográficos) de acordo com os neurônios que são seus veículos. É possível que essa pressuposição não seja necessária, é a mais simples e é provisoriamente admissível. **W** [Wahrnehmungen (percepções)] são os neurônios onde se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque **a consciência e a memória são mutuamente exclusivas**. **Wz** [Wahrnehmungszeichen (signos de percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade. **Ub** [Unbewusstsein (inconsciência)] é o segundo tipo de registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços do **Ub** talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência. **Vb** [Vorbewusstsein (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado à representação-palavra e corresponde a nosso ego oficial. As categorias provenientes de **Vb** tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa **consciência secundária do pensamento** se dá, no tempo, **a posteriori** e, provavelmente está ligada à ativação alucinatória das representações-palavra, de modo que os neurônios da consciência

---

<sup>40</sup> Sigmund Freud, 1891, *A Interpretação das Afasias*, op. cit. pp. 57 e 67.

<sup>41</sup> J.M. Masson, *A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, op. cit. p. 208 (grifos nossos). A tradução do conceito de Umschrift por reescrita, em vez de reinscrição, é nossa. Tomamos a liberdade de assim fazê-lo, tendo em vista o fato de não se tratar de uma nova inscrição, uma nova Niederschrift, como diz o próprio termo Umschrift, mas de considerarmos o movimento circular implícito no prefixo 'um' da palavra - também presente, no mesmo texto, no conceito de Umordnung (reorganização) -, e percebermos que o prefixo dá a esse conceito mais um sentido de escrever de novo com o já escrito (com a Niederschrift), do que o de uma nova inscrição.

sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos”.

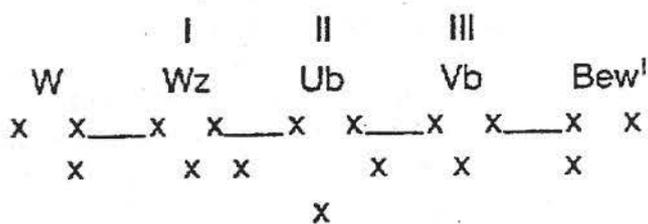


Fig. 2

Freud inicia essa carta declarando que o aparelho psíquico é um aparelho de memória complexo, constituído pelas permanentes e sucessivas reescrituras [Umschriften] das inscrições [Niederschriften], de tal modo que o traço mnêmico longe de constituir a memória por permanecer idêntico a si mesmo, sofre reordenações e, assim, a memória não nos é apresentada como uma propriedade do aparelho, mas como uma construção escrita com as associações da linguagem.

É necessário introduzir, paralelamente à Carta 52, algumas noções importantes do *Projeto para uma Psicologia Científica*<sup>42</sup>, para esclarecer melhor a maneira como Freud nos apresenta sua reflexão sobre a memória. Como consequência do fato de o tecido nervoso possuir a capacidade de ser alterado de forma permanente (como já vimos na seção anterior), encontramos no *Projeto*, a distinção entre neurônios permeáveis (que conduzem, mas não retêm a quantidade de excitação e servem à percepção) e neurônios impermeáveis (que retêm a quantidade, e servem à memória)<sup>43</sup>. Se Freud promove essa distinção é porque quer destacar que os mesmos neurônios não podem servir à memória e à percepção, pois, para que o processo perceptivo possa se desenrolar com fluidez, é necessário que ele encontre uma superfície que permaneça inalterada a cada

<sup>42</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, ESB, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>43</sup> idem, p. 351.

nova percepção e, ao mesmo tempo, que no processo da memória a alteração acontece de maneira permanente e sucessiva.

Freud propõe a existência de três sistemas de neurônios: o sistema  $\phi$  (Phi), que recebe as excitações do mundo externo, o sistema  $\psi$  (Psi), que está em conexão direta com os estímulos internos, e indireta com os externos, através do sistema  $\omega$  (Omega), além da hipótese das barreiras de contato para os dois primeiros sistemas. Essa hipótese é fundamental para a explicação da função mais importante desse aparelho, a memória.

À medida que o sistema  $\phi$  está voltado para o mundo externo e recebe grandes quantidades de estímulos, suas barreiras de contato estabelecem pouca resistência a essa invasão, pois estão protegidas pelos órgãos dos sentidos. O mesmo não ocorre com os estímulos vindos do interior do corpo no sistema  $\psi$ . A excitação interior é uma força constante que provoca maior resistência nas barreiras de contato, que ficam permanentemente alteradas e mais capazes de condução<sup>44</sup>. Esse estado das barreiras de contato Freud nomeia grau de sulcamento [Grad der Bahnung]. A memória, porém, não é representada pura e simplesmente pela abertura de um caminho entre os neurônios, pois não haveria como explicar por que motivo uma via associativa teria preferência sobre outra. A memória vai ser representada pelas **diferenças** nos sulcamentos entre os neurônios. Mas de quê depende o sulcamento nos neurônios  $\psi$ ? Da força e frequência de uma impressão, o que quer dizer que a diminuição das resistências oferecidas pelas barreiras de contato permite a passagem em certas direções e não em outras. Há, nesse processo, por causa da diferença nos sulcamentos, a possibilidade da escolha de um caminho e a sugestão de que a memória não é reprodução mecânica de um traço. Na formação desse aparelho, a memória é constituída na medida em que a quantidade simples é substituída pela articulação da quantidade e (mais) o sulcamento [Bahnung]<sup>45</sup>. O fato de o sulcamento não ser indiscriminado e apresentar diferentes graus de resistência, interroga a noção de traço mnêmico como reprodução e o propõe como diferença que se escreve. Não

---

<sup>44</sup> idem, p. 352.

<sup>45</sup> idem, p. 353.

se trata de uma diferença pré-estabelecida, mas diferença que se escreve em complexos trajetos associativos que constituem as representações.

Retornemos à Carta 52. Freud propõe, nessa carta a Fliess, três sistemas de registro da memória em vários tipos de signos. O primeiro registro, **Wz** [Wahrnehmungszeichen], seria aquele dos signos de percepção (o dos neurônios  $\phi$ , que, por serem permeáveis, não retêm nenhum traço da impressão), e que se organiza a partir das associações por simultaneidade. Esse primeiro sistema não mantém com a consciência nenhuma relação, pois consciência e memória se excluem. O segundo registro das percepções, **Ub**, também inacessível à consciência, é o da inconsciência [Unbewusstsein], cujos traços são organizados, “talvez”, por associações causais, que correspondem a lembranças conceituais. Poderíamos supor que nesse segundo registro se organizam as associações de objeto, sobre as quais falamos no texto sobre as Afasias, já que o terceiro registro, proposto na Carta 52, o da pré-consciência, **Vb** [Vorbewusstsein], “se liga às representações verbais”. Já vimos que as associações de objeto só podem fazer sentido a partir de “certas regras” e “a posteriori”, na sua ligação com as representações-palavra.

Além de Freud estar aqui remetendo a uma formação da memória a partir do complexo associativo da linguagem, está ainda nos introduzindo a idéia fundamental de que **existe alguma coisa na linguagem que é da ordem de uma escrita, e que não tem ligação com a consciência**. Então, podemos entender que aquilo que Freud nos trouxe do trabalho sobre as Afasias, com o estatuto de distúrbios funcionais, toma, no texto da Carta 52, um outro lugar: a partir da consideração de que a memória é, em grande parte, inconsciente, falhas na memória, esquecimentos, lapsos na fala, não podem mais ser consideradas deficiências do aparelho, mas sinais/efeitos do modo de funcionamento desse aparelho.

É importante, então, retomarmos a proposição de que, dos três registros do material psíquico, o único que liga a memória à consciência é o terceiro, o da pré-consciência, onde se articulam as representações-palavra e as representações-objeto, de acordo com certas regras: as representações-objeto só atingem o pré-

consciente se ligadas às representações verbais, ou seja, na emissão dos vocábulos. Os dois registros anteriores são inacessíveis à consciência. Qual é, então, a importância de sua presença? Parece ser importante para Freud, a partir da experiência da clínica, postular a precedência, na estrutura desse aparelho, de inscrições anteriores à consciência, pois são esses registros que asseguram a estratificação da memória, deixando-a permanecer imanente ao mecanismo indefinido de “reter e, ainda assim, permanecer capaz de receber”, além de fazerem intervir, de início, a impossibilidade de qualquer apreensão consciente imediata do sujeito por si mesmo.

É preciso, diz Freud, após o trecho citado da Carta 52, na passagem das fases sucessivas da vida, que esses reordenamentos e reescrituras dos traços mnêmicos ocorram **como uma tradução** (que entendemos como uma reescritura) do material psíquico. Essa tradução do material psíquico provocaria uma perturbação que geraria um certo desprazer, e a fuga a esse desprazer resulta no que se chamaria uma “falha” na tradução, que constitui o mecanismo do recalçamento, um esquecimento que não deve ser atribuído a uma falha mecânica do aparelho, mas a um modo eficiente de trabalho desse aparelho<sup>46</sup>.

A consequência fundamental da não tradução de parte do material mnêmico para a concepção da memória é que **o que foi recalçado sobrevive**. A maneira como Freud concebe a memória contempla, pelo recalçamento, não só a possibilidade de sobrevivência de traços de um período até um período posterior, onde já atuam novas leis, como também a de que todo estado anterior do conteúdo da memória possa ser restabelecido através da fala, mesmo que todos os elementos tenham trocado seus vínculos originários por outros novos.

Colocada desta maneira, a memória não é um processo mecânico pontual, não é reprodução idêntica de um traço imutável, memória da consciência, mas um processo dinâmico completamente inacessível à experiência, de forma que os acontecimentos que, na passagem de um registro para outro, não são reescritos, vão permanecer num outro lugar, e, como o que vale para um registro não vale para outro, emitirão sinais distorcidos de sua existência, por exemplo, no

esquecimento, no sintoma, ou mesmo na parafasia, quando a eficiência da função de associar desse aparelho é submetida a um resíduo de linguagem associado intensivamente, revelando, assim, um modo de funcionamento desse aparelho.

#### **E) Que possibilidades essa concepção da memória abre para este trabalho?**

Essa maneira de conceber a memória importa, para nosso trabalho, pelo modo como os efeitos da constituição dessa memória se impõem na fala e nos atos manifestos do sujeito. O aparelho psíquico funciona segundo um princípio que define a alienação, ou a divisão fundamental da operação psíquica: a memória e a consciência se excluem. A memória é, por princípio, inconsciente. Quando Freud observa manifestações de perturbações na memória e na fala de seus pacientes, não deduz daí falhas na constituição do aparelho, mas evidências da existência de leis primárias de funcionamento.

Antes de passarmos para a seção seguinte do nosso trabalho, queremos ainda enfatizar três aspectos importantes que se evidenciam na leitura dos textos de Freud até agora: em primeiro lugar, que o aparelho de linguagem (tal qual concebido por Freud) é um aparelho de memória, pois este se constrói com associações das representações que são da ordem da linguagem. Quando Freud nos apresenta o aparelho de linguagem (no texto sobre as Afasias) construído por hierarquias de funções diversas, está nos falando de modos hierarquizados de associações de representações na fala (acústicos, motores, visuais e gráficos), ao mesmo tempo em que está nos colocando a possibilidade de uma construção também complexa da memória. A articulação da hipótese do aparelho de linguagem do ponto de vista funcional, com as associações que promovem os traços mnêmicos resultantes da percepção, permite entender o estranhamento que nos causa a língua materna, que aparece como um ultrapassamento do sujeito pela linguagem.

Se Freud nos apresenta uma memória primariamente inconsciente, é para dizer que a representação consciente compreende a representação-objeto, mais a

---

<sup>46</sup> J.M. Masson, *A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, op. cit. p.

representação-palavra que lhe pertence, o que, significa dizer que para apreendermos os processos de pensamento precisamos de palavras, porém, as palavras não podem explicar o que as faz falar. Apesar de as associações de objeto que se formam no registro da inconsciência [Unbewusstsein] não se constituírem senão a partir de uma articulação com a representação-palavra, o complexo das associações de objeto é "aberto", o que quer dizer que o aparelho de linguagem tem a função de tornar possível a significação, e não a representação-objeto. Então, a representação-objeto que não encontrar sua representação-palavra permanecerá inconsciente, podendo, porém, retornar sobre as representações-palavra, provocando, assim, efeitos singulares na fala. A significação não é dada pelo objeto, na proposta de Freud, mas, como à palavra permanece aberta a possibilidade de se referir a algo exterior - pois a memória se apóia em diferentes séries associativas que estão em relação de simultaneidade e de semelhança com as associações do objeto - a palavra é, então, a possibilidade da passagem no pré-consciente, dos movimentos do inconsciente. Assim, aquilo de que não sabemos se ordena com uma estrutura de linguagem.

Por último, mas também fundamental para o desenvolvimento desta tese, está o fato de Freud caracterizar a memória tomando a impressão [Eindruck] do mundo exterior efetivamente como uma inscrição [Niederschrift] e reescritura [Umschrift] do signo [Zeichen], que se modifica em traço [Spur], fatos estes da ordem da escrita [Schrift]. Esse material literal, primariamente inconsciente, e, por si mesmo, desprovido de significação, pode se apresentar como alteridade radical em relação a quem fala, pois está submetido a leis descontínuas<sup>47</sup> de associação. Essa questão da escrita que, neste momento do trabalho, apenas mencionaremos, será desenvolvida na parte três, quando recolheremos dos textos de Freud as indicações que nos permitiram desenvolver a hipótese deste trabalho.

---

208.

<sup>47</sup> que retomaremos no decorrer deste trabalho, como as leis de condensação e deslocamento.

### 1.3 APARELHO PSÍQUICO

#### F) O que representa a fala para o aparelho psíquico?

Na experiência de Freud com as histéricas<sup>48</sup>, a fala mantém um papel peculiar de produtora e, ao mesmo tempo, de liberadora<sup>49</sup> de sintomas. Nesse momento, embora Freud já se referisse a uma “inconsciência”, estava mais preocupado com a divisão da consciência que se manifestava nos fenômenos da fala. O que queremos destacar, neste trecho do trabalho, é a importância que Freud dá às manifestações de linguagem na fala de algumas pacientes e as consequências que esse fato assume para a sua posterior hipótese do inconsciente.

Pesquisando durante anos as diferentes formas de histeria, Freud observa que não era possível interrogar o paciente para descobrir o ponto de origem do fenômeno, uma vez que o paciente não era capaz de recordá-lo e, muitas vezes, não suspeitava da conexão entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico. Com a hipnose, era possível deduzir “dos enunciados do paciente” o evento desencadeador que provocou o sintoma. Freud percebe então, com surpresa, que cada sintoma desaparecia quando o paciente havia descrito o acontecido com detalhes, e quando o elemento afetivo era ‘traduzido em palavras’, ou seja, quando o paciente trocava o sintoma pela sua “expressão verbal”.

Parece extraordinário, diz Freud, que fatos experimentados há tanto tempo possam “continuar a agir de forma tão intensa”, que sua lembrança não esteja “sujeita ao processo de desgaste”, ao qual sucumbem nossas recordações. Acontecimentos traumatizantes, contra os quais não houve nenhum tipo de reação afetiva, preservam sua tonalidade afetiva do início. Quando essa reação ocorre em grau suficiente pelas palavras, grande parte do afeto do início desaparece:

*“O uso da linguagem comprova esse fato...com expressões como ‘sich ausweinen’, esvair-se em pranto/chorar até à última lágrima, e ‘sich austoben’, esvair-se em ódio. Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado*

<sup>48</sup> Sigmund Freud, 1893-5, *Estudos sobre Histeria*, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>49</sup> Liberadora de um afeto *eingeklemmt*, encurralado, apertado entre pinças [*Klemmen*].

à lembrança. Uma ofensa revidada, mesmo que apenas com palavras, é recordada de modo bem diferente de outra que teve que ser aceita. A linguagem também reconhece essa distinção em suas conseqüências; de maneira bem característica ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como uma 'mortificação', *Kränkung*, que literalmente quer dizer 'fazer adoecer'. A reação da pessoa insultada com relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente catártico se for uma reação adequada, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda um afeto pode ser 'ab-reagido' quase com a mesma eficácia<sup>50</sup>

As palavras não só "faziam adoecer", ao provocar nos pacientes um comprometimento corporal determinando o sintoma, como também remanejavam toda a trama psicológica desatando os nós dos sintomas. Na paciente Cäcilie M.<sup>51</sup>, por exemplo, as palavras determinavam os sintomas: ela sofria de uma nevralgia facial violenta, que surgia duas a três vezes ao ano, durava de cinco a dez dias, e cessava abruptamente. Evocando a cena traumática na hipnose, a paciente descreve uma cena de discussão com o marido e uma observação dele que ela sentira como um insulto, "foi como uma bofetada no rosto". "Ela se sentira como se realmente tivesse recebido uma bofetada...Parecia que, durante anos, os insultos, principalmente os externados verbalmente, haviam, através da simbolização, provocado novos ataques de nevralgia facial", observa Freud. O "olhar penetrante da avó", em outra ocasião, provocara uma "dor penetrante na testa", enquanto "sou obrigada a engolir isso" é acompanhado, a cada vez, por dores de garganta provocadas por alguma ofensa<sup>52</sup>.

Diz Freud:

*"A paciente apresentava uma quantidade enorme de sensações e idéias que corriam paralelamente umas às outras. Ora a sensação evocava a idéia que a explicava, ora a idéia criava a sensação por meio da simbolização, e, não raro, tinha-se que deixar em aberto a questão de qual dos dois elementos fora o primário"*<sup>53</sup>

<sup>50</sup> Sigmund Freud, *Estudos sobre Histeria*, op. cit. pp. 39-44.

<sup>51</sup> idem, pp. 197-202.

<sup>52</sup> idem, *ibidem*.

<sup>53</sup> idem, p. 201.

Essa passagem nos remete para aquela do texto das *Afásias*, em que Freud diz que “não se pode ter uma sensação, sem associá-la imediatamente”, porque a relação entre o associar e o representar não é causal e sim, paralela. Embora Freud deixe *em aberto*, na citação acima, qual dos dois elementos é o primário, cremos que seja possível afirmar, a partir da citação do texto das *Afásias*, que a matéria da sensação é feita de linguagem.

Não podemos deixar de continuar citando Freud, no final do relato do caso dessa paciente. Ele nos diz que, quando um histérico cria uma expressão somática para uma idéia “emocionalmente colorida”, este fato depende menos do que se poderia imaginar de “fatores pessoais ou voluntários”: Ao tomar uma expressão “ao pé da letra” e sentir “uma punhalada no coração” ou uma “bofetada no rosto”, após um comentário depreciativo real, o histérico “não está tomando liberdades com as palavras, mas simplesmente revivendo, mais uma vez, as sensações às quais a expressão verbal deve sua justificativa”. Ao tomar uma descrição no seu sentido literal, a histérica restaura o significado original das palavras ao retratar suas “inervações inusitadamente fortes”<sup>54</sup>. Há, portanto, um saber separado da consciência e ordenado como linguagem, naquilo que escapa ao paciente, mas que, ao mesmo tempo, pode ser acessado pela fala. É com base nesses acontecimentos que Freud formula sua teoria sobre a memória como sendo, em grande parte, inconsciente e simultaneamente construída com linguagem. Se a fala tem o poder de eliminar o “corpo estranho” do sintoma, é porque ele, o sintoma, é feito de linguagem.

Este caso está repleto de exemplos semelhantes, dos quais Freud destaca a precisão dos termos utilizados pela paciente e os efeitos dessas palavras nos seus sintomas. Essa circularidade, ou mesmo, essa homogeneidade entre as palavras e seus efeitos no corpo, e sobretudo o desconhecimento do paciente sobre essa relação, permitem a Freud observar um deslocamento da função da linguagem, que deixa de ser mero reflexo de funções superiores do pensamento, para ser aquilo que separa o falante de seu corpo. O sintoma do histérico tem relação com as coisas ouvidas, mas o paciente não faz essa relação, porque a

---

<sup>54</sup> *idem*, p. 202.

lembrança do trauma toma a forma de uma significação que insiste como “um corpo estranho” no paciente, persistindo como um saber sobre o qual ele nada sabe.

O caso dessa paciente lembra aquela passagem da Carta 52, em que os traços mnêmicos sofrem, de tempos em tempos, uma reescritura. Quando esta não acontece, os traços desse período sobrevivem num outro lugar até um período posterior, em que já atuam novas leis. Esses traços emitem sinais distorcidos de sua existência esquecida nos “corpos estranhos” da fala, que nada são, afinal, senão intimamente familiares. Está presente, então, nessa teoria do Aparelho Psíquico, uma noção de defesa<sup>55</sup> ou recalçamento, isto é, coisas que o doente gostaria de esquecer, e que mantém afastadas de seu pensamento consciente. Esse estado separado deve retornar à consciência provocando uma descarga afetiva (ab-reação) pela fala, como se encontrasse a solução de um problema ou eliminasse um “corpo estranho”. Freud percebe nessa palavra que excede o campo da realidade e da exatidão o efeito de uma divisão no sujeito que fala, dado que um mesmo fato de pensamento vai permanecer idêntico a si mesmo, quer o sujeito o reconheça ou não como consciente.

O sujeito não sabe que sabe (“o ‘não-saber’ do paciente histérico, seria, de fato, um ‘não querer saber’<sup>56</sup>) e a observação do aparentemente sem sentido na fala dos pacientes (“pensamentos que o paciente jamais reconhece como seus”<sup>57</sup>) possibilita a Freud encontrar um sentido na linguagem do sintoma. Quando surge uma representação, esta pode ser um elo intermediário na “cadeia de associações”<sup>58</sup> com a representação patogênica, ou pode ser uma representação que constitui o ponto de partida de uma nova série de pensamentos, ao final da qual a representação patogênica será encontrada. A idéia de dividir o Aparelho Psíquico em sistemas diferenciados numa topologia não surge para Freud senão dessa divisão - não reconhecida pelo sujeito que fala - presente na linguagem de seus sintomas. Graças à observação do poder das palavras nas histéricas e aos

---

<sup>55</sup> idem, p. 283.

<sup>56</sup> idem, p. 284.

<sup>57</sup> idem, p. 287.

<sup>58</sup> idem, p. 286.

relatos dos sonhos, Freud percebe uma certa semelhança entre a dinâmica da formação dos sintomas e aquela presente nos sonhos. Nos dois casos, assiste-se a uma espécie de combate entre duas forças opostas que se resolvem (na fala, no corpo, ou em imagens no sonho) numa formação de compromisso.

O que Freud tenta definir como campo da experiência analítica é alguma coisa que torna esse campo semelhante a uma estrutura construída por linguagem, cujos efeitos se estendem para além do puramente verbal. Não se pode, por exemplo, falar do sintoma como resultado de um trauma principal, pois que ele se apresenta como uma “estrutura em várias dimensões”, em uma “estratificação concêntrica” em torno do núcleo patogênico, organizada por associações de cadeias patológicas de representações. O arranjo concêntrico ou em camadas desse material mnêmico, que se faz de acordo com o conteúdo do pensamento, assume dois aspectos que têm a ver com a resistência, isto é, com a inflexão que toma o discurso, à medida em que se aproxima do núcleo patogênico: o primeiro aspecto, de caráter “morfológico”<sup>59</sup>, está representado por uma linha contínua, curva ou reta, cujos efeitos se apresentam, numa ordem cronológica linear, para o arranjo de cada tema isolado em análise, como um “arquivo”, de maneira que a experiência mais recente aparece em primeiro lugar. O conteúdo de cada camada caracteriza-se por um grau semelhante de resistência, que aumenta, à medida em que as camadas se aproximam do núcleo.

O outro aspecto do arranjo do material mnêmico é de caráter mais “dinâmico” ou “lógico”<sup>60</sup>. Seus efeitos se apresentam no curso, ou no “fio da cadeia lógica” como uma “linha interrompida, que passaria pelos caminhos mais indiretos, indo e vindo da superfície até as camadas mais profundas e, avançando da periferia para o núcleo (patogênico) central, tocando em cada ponto de parada intermediário, “uma linha semelhante à linha em ziguezague na solução do lance do cavalo, que atravessa os quadrados do diagrama no tabuleiro de xadrez”<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> idem, p. 301. Entendemos esse caráter “morfológico” a que Freud se refere, como um arranjo tal do material mnêmico, que tenha como efeito um discurso cronológico e linear, isto é, a emissão de uma palavra após a outra, sem nenhuma interrupção ou hesitação.

<sup>60</sup> idem, p. 302.

<sup>61</sup> idem, ibidem.

Essa cadeia lógica não corresponde apenas a uma linha retorcida, em ziguezague, mas a um sistema de linhas em ramificação, e convergente. Esse sistema possui “pontos nodais” nos quais dois ou mais fios se juntam e, a partir daí, continuam como um só; ou ainda, diversos fios que se estendem de maneira independente ou não, ligados em vários pontos por vias laterais, que desembocam no núcleo patogênico. Freud quer dizer que, como o sintoma é a insistência, na fala ou no corpo, de uma significação esquecida, ele apresenta, nos seus movimentos, os princípios da linguagem, ou seja, ele é “sobredeterminado” por linguagem<sup>62</sup>. Nas associações submetidas à cadeia lógica há, portanto, movimentos diferentes daqueles da cadeia morfológica, e embora se trate de fala, os movimentos na cadeia lógica (que se apresentam como hesitações, esquecimentos, lapsos) são “cada vez mais estranhos ao Eu”<sup>63</sup>. Sempre que se apresentarem, na fala do paciente, associações desconexas (“falsas ligações”), ou seqüências de idéias interrompidas e “remendadas” com recursos da língua, ou mesmo quando a força atribuída a seus motivos for exagerada pelo paciente, pode-se suspeitar, diz Freud, da existência de motivos inconscientes, isto é, resíduos mnêmicos, não modificados, das experiências e atos de pensamentos afetivos, que não são nada além de sintomas, “símbolos mnêmicos” dessas experiências e pensamentos<sup>64</sup>.

Essa intencionalidade inconsciente que Freud escuta a partir da associação livre na fala de seus pacientes, leva-o inevitavelmente a ouvir também os seus sonhos. A insistência em observar o que lhe ensinava esse relato, para compreender o que daí se revelava a respeito da estrutura e da função do aparelho psíquico, nos trouxe *A Interpretação dos Sonhos*<sup>65</sup>. Neste momento do trabalho, destacaremos o capítulo VII, no qual Freud nos apresenta o aparelho psíquico como lugar da operação psíquica, isto é, como modo de trabalho que caracteriza a montagem de um aparelho composto de sistemas. Estamos aqui

---

<sup>62</sup> idem, ibidem.

<sup>63</sup> idem, p. 303.

<sup>64</sup> idem, p. 309.

<sup>65</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, ESB, vs. 4 e 5, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

interessados particularmente na questão daquilo que nesse 'entre-sistemas' possa nos ajudar a falar sobre o 'entre-línguas' da nossa proposta.

Nesse capítulo, o que caracteriza o aparelho psíquico é estar representado como uma **localidade psíquica** [psychische Lokalität], noção que Freud toma o cuidado de distinguir da localização anatômica, sugerindo, para tal, a visualização da parte interna de instrumentos óticos, como o microscópio ou o aparelho fotográfico. Essa localidade corresponderia a um ponto no interior do aparelho - onde se produzem as etapas prévias da imagem - que seria um ponto virtual, isto é, região onde não se encontra nenhum elemento palpável do aparelho. Freud aborda o 'impalpável' e o 'virtual' como analogias do 'desconhecido', na tentativa de tornar compreensível o efeito do funcionamento da operação psíquica, e, para isso, propõe sua decomposição, atribuindo suas funções singulares aos vários componentes do aparelho. "Ao que me consta, a tentativa de descobrir a montagem do instrumento psíquico por meio de uma desmontagem como esta, não se fez até hoje"<sup>66</sup>.

Lembramos que, no texto sobre as Afásias, Freud constrói o campo e a estruturação das funções da linguagem, propondo os complexos da representação-palavra e da representação-objeto, a partir da desmontagem de seus elementos no discurso dos afásicos<sup>67</sup>.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, o aparelho psíquico é um instrumento que vai explicar a operação psíquica através de "sistemas-psi" que mantêm uma seqüência espacial constante ("do mesmo modo que os vários sistemas de lentes de um telescópio se dispõem uns atrás dos outros"), porém, o que garante o modo de funcionamento desse aparelho é sua **disposição temporal**. Assim, em um determinado processo psíquico ("em outros, a seqüência talvez seja diferente"), a excitação faz o percurso que vai da extremidade perceptiva - que, na figura abaixo é representada por **W**, Wahrnehmung (percepção)- para a extremidade motora **M**, passando pelos sistemas mnêmicos - **Er, Er', Erinnerung** (memória), ou seja, pelo Inconsciente - **Ubw** -, em seguida, pelo Pré-Consciente - **Vbw** -, até atingir o

---

<sup>66</sup> idem, p. 567.

<sup>67</sup> Sigmund Freud, 1891, *A Interpretação das Afásias*, op. cit., p. 67.

Consciente, representado aqui pela extremidade motora, atravessando, então, os sistemas numa seqüência temporal específica<sup>68</sup>.

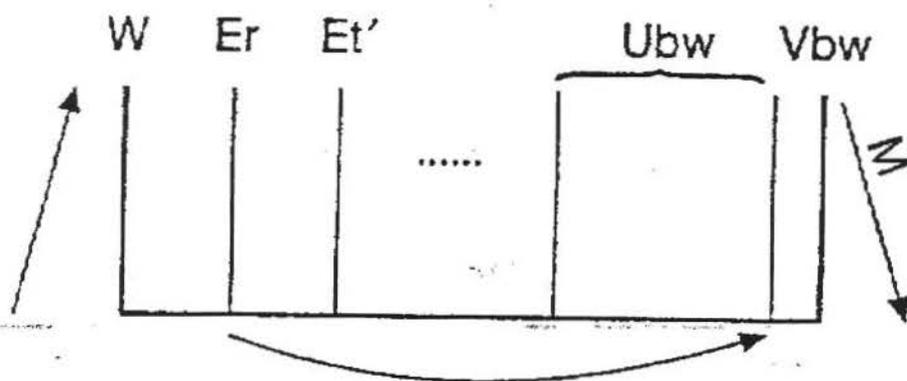


Fig. 3

Os sistemas propostos nesse aparelho são um desenvolvimento da reflexão sobre aquilo que Freud trata, na *Carta 52*, como os vários registros que estratificam a memória, como já vistos em seção anterior, ou seja: o da percepção, o da inconsciência e o da pré-consciência. Ao explicar, em *A Interpretação dos Sonhos*, a maneira como concebe o aparelho psíquico, Freud destaca a necessidade de uma diferenciação na extremidade perceptiva/sensorial do aparelho, pois o sistema perceptivo “não pode reter fielmente as modificações de seus elementos e, apesar disso, permanecer perpetuamente aberto à recepção de novas oportunidades de modificação”. Assim sendo, o sistema perceptivo recebe os estímulos, mas não conserva nenhum traço deles, portanto, não tem memória, enquanto o segundo sistema, o sistema da memória, transforma as excitações momentâneas do primeiro em traços permanentes, que se ligam na memória pela associação. A base da associação está, portanto, nos sistemas mnêmicos, cuja atividade está excluída da consciência<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 569.

<sup>69</sup> idem, ibidem.

Para que essa atividade associativa possa chegar à consciência, é necessário primeiramente que passe pelo sistema pré-consciente e, sob certas condições - a exemplo da função da “atenção”, quando distribuída de uma dada maneira, no caso da atividade da fala - podem as representações-objeto encontrar significação na sua ligação com as representações-palavra. Portanto, a representação inconsciente, por si só, é incapaz de penetrar no pré-consciente, e só pode ali atingir qualquer eficácia, estabelecendo um vínculo com uma representação que já pertença ao pré-consciente, transferindo para ela sua intensidade e fazendo-se “encobrir” por ela<sup>70</sup>.

O que chama a atenção de Freud na fala de seus pacientes é o tratamento singular que recebe uma cadeia de pensamentos ao se apresentar “entrelaçada” por elementos indiferentes (“por não terem dado margem à formação de muitos vínculos”) e recentes (“por ainda não terem tido tempo de estabelecê-los”), que aparentemente não têm ligação entre si, mas que se interpõem no relato dos sonhos<sup>71</sup>. Ainda em *Estudos sobre Histeria*, Freud propunha, como vimos nas páginas anteriores, um caminho “lógico” e um “morfológico” para as associações das representações, em vista dos efeitos dessas associações encontrados na fala dos pacientes. Interessavam a Freud os efeitos desse encadeamento “lógico” nas rupturas da narrativa, nos esquecimentos e nas hesitações da lembrança dos detalhes do sonho. O encadeamento “morfológico” importava a Freud, portanto, na medida em que estava atravessado pela emergência pontual e imprevista de formações outras, que irrompiam numa fala, inter-rompendo-a.

Guiado pelos efeitos singulares que se apresentavam como sintomas na fala das histéricas, e pela análise dos relatos dos sonhos, Freud reconhece duas tendências no funcionamento psíquico, que nomeia **Processo Primário** e **Processo Secundário**<sup>72</sup>. O Processo Primário representaria um modo de funcionamento do aparelho submetido ao Princípio do Prazer, ou seja, o de manter este aparelho livre de uma sobrecarga de excitações (exógenas ou endógenas). Assim, os processos primários existem ficcionalmente desde o

---

<sup>70</sup> idem, p. 591.

<sup>71</sup> idem, p. 593.

<sup>72</sup> idem, p. 615.

começo, e é necessária uma diferenciação (processos secundários) nesses processos, para que o aparelho possa funcionar. É a partir do processo secundário, que se podem perceber os efeitos do processo primário, que se presentificam na linguagem através de uma **lógica própria**, na forma de contradição, de interrupção, de alternativa e de dúvida. O processo não é primário por razões de importância relativa ou eficiência, mas por prioridade “lógica”.

O processo secundário produz pensamentos oníricos racionais, com a mesma validade daqueles do pensamento normal; o processo primário, por outro lado, trata esses pensamentos de um modo desconcertante e irracional. Esse processo é o que Freud chama “trabalho do sonho”, cujos mecanismos de **deslocamento** e de **condensação**<sup>73</sup> (que tratamos na seção sobre o Aparelho de Memória, como “leis descontínuas de associação”), encontrados nas manifestações da fala na histeria, especificam os destinos das representações psíquicas: giros progressivos, desvios regressivos, impasses e repetições, transformações, transposições, deformações que emergem em forma de impressões desconcertantes/inauditas como lacunas (esquecimentos) e lapsos de língua. Nesse caso as representações são vinculadas por um tipo de associação (como aquelas baseadas em homônimos e parônimos) “desdenhada”<sup>74</sup> por nosso pensamento consciente. Nessas manifestações de linguagem, evidencia-se um jogo de intenções opostas e desconhecidas pelo sujeito, as quais revelam, ao mesmo tempo, um descompasso entre o que o sujeito quer dizer e o que é dito. Isto ocorre quando uma seqüência de pensamentos é submetida a um tratamento singular e não resta ao sujeito uma escolha de palavras, pois elas são trocadas tanto quanto necessário, à sua revelia, para encontrar semelhanças e necessidades que vigoram na lógica do processo primário.

A condensação é o efeito presente na fala ou em forma de imagens visuais no sonho, de representações individuais dotadas de grande intensidade. Uma única representação pode, sendo um “ponto nodal”, substituir diversas cadeias de pensamentos que lhe estão associadas. Dessa maneira, formam-se elementos novos e criam-se compromissos entre as diversas séries de representações pré-

---

<sup>73</sup> idem, pp. 621-3.

conscientes e lembranças visuais inconscientes. Mas a intensidade de uma representação pode, no deslocamento, passar para outras representações originariamente pouco intensas, porém ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Assim, um elemento insignificante chega a substituir fatos psiquicamente significativos, efeito de um deslocamento no trajeto da associação. Ambos livres, os movimentos das associações na condensação e no deslocamento caracterizam o que Freud reconhece como manifestações do processo primário no trabalho do sonho.

A partir dessas manifestações, como já foi dito anteriormente, Freud nos apresenta, no esquema do Aparelho Psíquico em *A Interpretação dos Sonhos*, os sistemas Pré-consciente e Inconsciente, para expressar sua relação com o sistema Consciente:

*“Chamaremos de pré-consciente o último dos sistemas da extremidade motora, para indicar que a partir dali os fenômenos de excitação podem chegar à consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam atendidas, por exemplo, certo grau de intensidade, certa distribuição da função que chamamos de atenção. Esse é, ao mesmo tempo, o sistema que contém as chaves da motilidade voluntária. Chamaremos o sistema que está por trás dele de “inconsciente”, pois este não tem acesso à consciência **senão através do pré-consciente**, onde seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações”<sup>75</sup>*

A “localidade” desses sistemas não existe a não ser sob a condição de sua comunicação (para mostrar os caminhos associativos que podem tomar as representações) e suas características traduzem efetivamente a função de transformação que têm os efeitos da fala no psiquismo. Seu modo de trabalho é a **formação de compromisso**, pois, “de um lado, dá ao inconsciente um escoadouro para a descarga de sua excitação e fornece-lhe uma espécie de porta de escape; enquanto, de outro lado, possibilita ao pré-consciente controlar o inconsciente até certo ponto”<sup>76</sup>. Os efeitos desse fenômeno de compatibilização da

---

<sup>74</sup> idem, p. 623.

<sup>75</sup> idem, p. 571.

<sup>76</sup> idem, p. 609.

satisfação com a defesa escaparam à Psicologia, porque a consciência não é capaz de reconhecer nada desse gênero, a não ser ao preço de tomar seus efeitos como erros de raciocínio ou deslocamentos destinados a produzir efeitos espirituosos.

A diferenciação dinâmica fundamental estabelecida por Freud entre os sistemas Inconsciente, Pré-consciente e Consciente deve sua presentificação à observação do modo de operação dos processos primário e secundário nesse aparelho. O conteúdo do pré-consciente evoca sua relação com o inconsciente: problemas não resolvidos, inquietações extremamente penosas, aquilo que não pode ser concluído por causa de um obstáculo, ou por cansaço<sup>77</sup>, e sua função é proporcionar aos fenômenos inconscientes a liberação e o esquecimento<sup>78</sup>. A existência do pré-consciente, enquanto presentificação de um modo **secundário** de trabalho, deve ser entendida como função de retificação, função esta gerada por um aparelho que contém no princípio de seu funcionamento sua própria condenação.

### **G) Mas, o que move esse aparelho?**

Fizemos menção, inúmeras vezes até aqui, às noções de defesa e de recalçamento, sem porém desenvolvê-las adequadamente. Para que se esclareça seu sentido na obra de Freud, é imprescindível que este final de capítulo, que estará introduzindo o próximo, seja reservado para destacarmos o conceito fundamental em torno do qual se constrói toda a sua obra e sem o qual não teríamos encontrado um eixo para o desenvolvimento desta tese.

Para compreender a divisão do sujeito pela própria fala, Freud lança a hipótese de um aparelho psíquico primário<sup>79</sup>, cuja estrutura segue os moldes de um aparelho reflexo, no qual a incidência de qualquer excitação sensorial seria prontamente descarregada por uma via motora. Esse aparelho deve à necessidade/exigência da vida [Not des Lebens], o impulso para seu desenvolvimento posterior. Aos impactos momentâneos do mundo externo, esse

---

<sup>77</sup> idem, p. 584.

<sup>78</sup> idem, p. 606.

aparelho reage com uma descarga motora, que não vale para as excitações provenientes de uma força constante interna<sup>80</sup>, pois essa necessidade não é eliminada.

Essas excitações cessam apenas mediante certas condições que devem ser realizadas, no mundo externo, por uma **ação específica**, já que esse organismo encontra-se submetido às exigências da vida. Dessa maneira, o “sistema nervoso” é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (função primária) e a tolerar um acúmulo, uma reserva de energia suficiente (função secundária) para satisfazer as exigências de uma ação específica<sup>81</sup>. Como nenhuma descarga pode produzir alívio à necessidade, uma vez que o estímulo interno continua a ser recebido pelo sistema de memória como tensão, apresenta-se a urgência de uma intervenção que suspenda a descarga no interior do corpo. A ação específica é promovida por ajuda alheia, em resposta ao grito da criança. Ao ter satisfeita sua necessidade, o “desamparado” fica em posição de executar, no interior do seu corpo, uma atividade para remover o estímulo interno<sup>82</sup>.

Essa experiência, na sua totalidade, constitui a **experiência de satisfação**, “que tem as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do humano”. Isto porque gera três movimentos no sistema mnêmico: uma descarga motora, que elimina o impulso que causou desprazer; um investimento nos neurônios que correspondem à percepção do objeto (uma imagem da percepção do objeto) e notícias da descarga ocorrida pelo efeito da ação específica (a imagem de uma percepção motora)<sup>83</sup>. A lei básica da atividade mnêmica é a da associação por simultaneidade. Então, como resultado da experiência de satisfação, há uma facilitação [Bahnung] entre as duas imagens mnêmicas. O componente essencial da experiência de satisfação é uma percepção específica, cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade.

---

<sup>79</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, op. cit., pp. 347-448.

<sup>80</sup> Essa força constante interna é a Pulsão, de que trataremos na Parte Dois deste trabalho.

<sup>81</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, op. cit. p. 349.

<sup>82</sup> idem, p. 370.

<sup>83</sup> idem, ibidem.

Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá uma moção psíquica que procurará reinvestir a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. A imagem da percepção do objeto será a primeira a ser ativada pelo desejo. Essa reação produz algo idêntico a uma percepção, ou seja, uma alucinação<sup>84</sup>.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud chama esse tipo de corrente no interior do aparelho, que parte do desprazer e aponta para o prazer, de **desejo**, e afirma que só o desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento<sup>85</sup>. O reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que associa a excitação produzida pelo desejo a um completo investimento da percepção. Essa via expressa e regressiva é o caminho da alucinação, que busca a identidade perceptiva, mas engendra o aparelho psíquico em um modo de trabalho primário, inadequado à sua sobrevivência. Esse modo primitivo de trabalho é, por um lado, uma amostra que os sonhos nos deixaram do modo de funcionamento desse aparelho; por outro, está aí implícita a idéia de que o aparelho psíquico não se constitui senão com o outro, agente da ação específica.

Freud postula, então, em *A Interpretação dos Sonhos*, um segundo sistema<sup>86</sup>, que inibe essa livre descarga do primeiro sistema para a regressão e desvia o caminho da excitação da identidade perceptiva para um caminho que encontre essa percepção a partir do exterior, controlando assim o movimento voluntário. O movimento reflexo de descarga a partir de um acúmulo de tensão, tanto no desejo como na dor, precisa ser complexificado para que o aparelho sobreviva. O recalçamento, que consiste na evitação de uma lembrança desagradável, ou em outra maneira de evitar o desprazer causado por um acúmulo de tensão, vai ser o protótipo da defesa desenvolvida pelo aparelho psíquico.

---

<sup>84</sup> idem, p. 372.

<sup>85</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 624.

<sup>86</sup> idem, p. 625.

Todo esse novo caminho mais longo, aberto pela necessidade do recalçamento, diz Freud, não é outra coisa senão um caminho indireto, que a experiência tornou necessário, para a realização de desejo. Toda essa complexa atividade de pensamento constitui um caminho indireto para a realização de desejo. Freud coloca, portanto, o pensamento como substituto do desejo alucinatório, uma vez que nada, senão o desejo, pode colocar o aparelho psíquico em ação<sup>87</sup>.

Essas moções de desejo inconscientes, com suas leis específicas de associação, a condensação e o deslocamento, tentam irromper na consciência através do sistema pré-consciente e obter o controle da motilidade na fala. Quando são bem sucedidas, as moções de desejo inconscientes apresentam-se como falhas da fala, quando submetem pensamentos pré-conscientes, tais como desejos inexprimidos ou temores, a uma **condensação** (de intensidades) em uma única representação, ou a um **deslocamento** (das mesmas) para representações objetáveis e superficiais propondo entre elas um vínculo mais profundo que está submetido à censura<sup>88</sup>.

Se o desejo é o motor desse aparelho, e a fala representa o controle do movimento voluntário, uma exigência do segundo sistema para encontrar a percepção a partir do exterior e não alucinar, então, **falamos porque desejamos**. O desejo é, portanto, inconsciente, é feito de associações de objeto que procuram representações-palavra para irromper na fala. Nada sabemos dele a não ser pela presença de seus efeitos singulares na fala.

O modo de trabalho desse aparelho revela uma estrutura construída com leis da linguagem e sua operação na fala do sujeito. As leis que vigoram no trabalho do sonho, que são as da linguagem, estão inscritas em outro lugar, onde o encadeamento lógico faz o movimento e/ou tem a marca do desejo. A fala presentifica a compatibilização do desejo com a defesa, significa a possibilidade de compromisso entre os sistemas desse aparelho. **A fala é a função desse aparelho, mas ela não pode garantir seu funcionamento.**

---

<sup>87</sup> idem, p. 596.

<sup>88</sup> idem, p. 561.

A fala é um campo onde coexistem diferentes leis associativas e, portanto, lugar onde se dizem coisas diferentes: um espaço onde se presentifica a função do aparelho, que é tornar possível a significação através de “associações morfológicas” na língua corrente; e outro espaço, paralelo, “concomitante”, onde o processo das associações está submetido às leis “lógicas” de estratificação da memória, leis da linguagem, e emerge na fala como uma perturbação no funcionamento do aparelho.

Creemos que é o que Freud nos ensina quando afirma: “O sonho, porém, não é um fenômeno patológico.....[assim como] o mecanismo psíquico que atua nas neuroses não é criado pelo impacto de uma perturbação patológica sobre a vida psíquica, mas já está presente na estrutura normal do aparelho psíquico”<sup>89</sup>.

Vejamos agora as conseqüências que podemos tirar dessa reflexão para o desenvolvimento de nosso trabalho até aqui. O efeito fundamental do texto de Freud sobre as Afasias é que vemos lá, em germe, a idéia de que há perturbações na fala que não são necessariamente devidas a lesões físicas. As perturbações que se apresentam na fala, longe de serem tomadas como exemplos de ineficácia do aparelho, são efeitos do funcionamento desse aparelho, construído com uma memória estratificada com linguagem. Essa memória estratificada em registros diversos permite explicar a tese funcional sobre as afasias, e, ao mesmo tempo, abre outro campo de reflexão que permite observar, na fala, as manifestações de trajetos de representações primariamente associadas em um registro anterior à consciência, o que quer dizer que o pensamento é, em grande parte, inconsciente.

Consideramos ainda como primordial o eixo que perpassa todos os três aparelhos, que é o eixo da fala. Desde o início, a fala está presente, o que a coloca como elemento catalisador<sup>90</sup> no processo de funcionamento do aparelho psíquico. Esse aparelho deixado por si só, funcionaria na direção de encontrar a identidade de percepção, como vimos na experiência alucinatória. Entretanto, são as informações que nos chegam através de descarga motora (do movimento) acionada pela fala do outro, que nos permitem encontrar a informação do

---

<sup>89</sup> idem, p. 633.

<sup>90</sup> Estamos utilizando “catalizador” em seu sentido figurativo, como elemento estimulante, dinamizador e incentivador, sem o qual não se poderia falar de um processo.

movimento para aquela imagem sonora no nosso próprio corpo (como veremos na Parte Dois deste trabalho) e esse movimento funda, segundo Freud, a atividade consciente. Essa fala, por outro lado, está atravessada por elementos de linguagem, e se assim não fosse, não haveria sentido em dividir esse aparelho em sistemas. Não podemos, pois, entender essa divisão como um limite, mas como uma forma de dizer que os efeitos de linguagem só podem ser ouvidos na fala, ou também, que só sabemos de um saber inconsciente se falarmos.

Podemos dizer, então, que **a fala está entre-sistemas de linguagem**. Se assim não fosse, como ela poderia gerar e desatar sintomas, revelando, assim, a divisão e o conseqüente desconhecimento de algo intimamente familiar ao próprio sujeito? Todas as formações do inconsciente, que são formações de linguagem, cujos efeitos são os sintomas, os sonhos, os atos falhos, os esquecimentos e os chistes (faremos uma reflexão sobre algumas dessas formações na Parte Três deste trabalho), não revelam nada além do fato, irreduzível, de que o sujeito é falado pela língua. Freud percebeu o eixo comum entre essas formações: como são feitas de linguagem e ultrapassam o sujeito na fala, são, portanto, decifráveis. Não no sentido de haver para elas um decodificador universal, mas devido ao fato de que, se, para cada falante o desejo se inscreve de maneira única, somente sua própria fala poderá gerar os elementos para a decifração.

Se sua fala é passível de uma decifração, **falar é estar entre-sistemas de linguagem**. Desenvolveremos uma reflexão sobre as conseqüências dessa afirmação para a relação Língua Materna - Língua Estrangeira na Parte Dois, a seguir.

## ***PARTE DOIS***

A CONSTITUIÇÃO DO EU: a Pulsão, o outro e o Outro

## INTRODUÇÃO

Vimos, na Parte Um deste trabalho, que Freud ressignifica o conceito anterior de representação, quando questiona o estatuto da localização, aí implícito, enquanto relação causal entre o fisiológico e o psíquico. Quando propõe que se pense em localização como algo da natureza de um processo (com modificação), Freud está, com isso, abandonando esse conceito de localização - efeito de uma causalidade físico-psíquica -, e reservando um papel fundamental à linguagem, pois essa proposição lhe permite dizer que não podemos ter nenhuma sensação, sem logo associá-la, o que quer dizer que a linguagem vem antes da representação.

Se o campo da linguagem é um campo complexo de associações, é possível, para Freud, através da observação das patologias de linguagem, perceber que a fala é um lugar de manifestação dos efeitos associativos da linguagem (como no caso da parafasia) e, com esse fato, separar função e funcionamento no aparelho psíquico. Tal fato, que na concepção anterior, era visto como deficiência do aparelho, tem um peso fundamental para Freud, no sentido de que lhe permite ouvir, nos ultrapassamentos da fala, os movimentos do inconsciente. Está implícita, nessa articulação de Freud, a idéia de uma estrutura de linguagem, efeito da relação dinâmica entre os campos associativos acústico, visual e motor, que amplia as possibilidades de descompasso entre a função de associar e o modo de associar constitutivos desse aparelho de linguagem.

A ressignificação do conceito de representação contempla uma organização dinâmica da memória. Se Freud separa representação-palavra e associações de objeto, é por observar que a memória é, em grande parte, inconsciente, ou seja, que a impressão de um acontecimento é registrada em diversos sistemas mnêmicos e, por isso, não recuperável de imediato, além de ser independente da consciência. Assim, os distúrbios funcionais da fala não são, segundo Freud, nada além da presença de associações descontínuas de elementos de linguagem, ou modos dinâmicos de funcionamento do aparelho.

Sendo um campo complexo de associações de representações cujos efeitos se manifestam na fala (no sintoma, no sonho), a linguagem deixa de ser feita para designar as coisas, para se presentificar sobretudo, como aquilo que separa o falante de si próprio. Se a linguagem representa, para Freud, o campo do desconhecimento, só podemos saber do que não sabemos, se falarmos. Quando separa representação-palavra de associações de objeto, Freud está nos abrindo a possibilidade de não procurarmos as explicações em um só lugar. O fato de as associações de objeto (registradas no inconsciente) só encontrarem uma significação ao se ligarem a uma representação verbal (do pré-consciente) coloca a fala entre "sistemas" de linguagem, pois as manifestações (inconscientes) de linguagem encontram, na fala, uma das possibilidades de mostrar seus movimentos.

A hipótese do inconsciente não nos traz um sujeito que aprende a língua, mas um sujeito constituído por linguagem, para o qual a língua vem a ser a condição de possibilidade da manifestação de seu desconhecimento. Com essa proposição, Freud está dizendo que o sujeito não é aquele que diz Eu, o que coloca, então, em cheque o que vem a ser a suposta familiaridade na língua, especificamente na Língua Materna, e nos abre outros caminhos, de maneira a não tentarmos responder a essa questão apressadamente.

É isto que aprendemos quando acompanhamos Freud em suas reflexões sobre a fala de seus pacientes, sobre seus sintomas, e em sua determinação em encontrar bases diferentes para explicar seus distúrbios, suas hesitações, seus esquecimentos e seus lapsos. Freud não se apressa na pressuposição de que esses fenômenos se explicariam pela via dos fenômenos da consciência, tomando-os rapidamente como defeitos do aparelho, na tentativa de uma descrição objetiva de um funcionamento subjetivo.

Pudemos extrair esses ensinamentos das diferenças com que Freud aborda os fenômenos da fala, supondo a anterioridade da linguagem, o que nos proporcionou os primeiros elementos para o início desta nossa reflexão sobre os estatutos de Língua e de Materna. Vamos agora, nesta Parte Dois do trabalho, estar comprometidos em destacar a posição de Freud - decorrente do que vimos

na Parte Um do trabalho - no que diz respeito à relação concomitante do psíquico com o somático.

Essa relação está intermediada pela linguagem, na medida em que o corpo, assim como apresentado por Freud, é um corpo submetido à linguagem, e, por isso, dela separado. Se a linguagem separa o sujeito do corpo, pois esta representa o seu desconhecimento, a fala aí entra como o elemento de uma possível ligação entre o corpo e a linguagem. O sentido de uma corporeidade assim concebida deriva da observação dos efeitos da linguagem inconsciente no corpo: prejuízos que uma representação incompatível pode apresentar no corpo, de forma esquecida no sintoma; se não for trazida à fala.

O campo representacional, do ponto de vista freudiano, é um campo simbólico por excelência. Podemos constatar, na Parte Um do trabalho, pela análise que empreendemos dos 'aparelhos' de Freud, a importância da linguagem na fundação do aparelho psíquico. Nesta Parte Dois, estaremos focalizando especificamente o impacto da linguagem no corpo, através do conceito freudiano de Pulsão, além das consequências que essa força constante necessária e externa traz para a constituição do sujeito.

Veremos que o conceito de Pulsão aponta para um além da representação e, para compreendê-lo, destacamos alguns textos de Freud que nos trazem a noção de 'irrepresentável' enquanto elemento necessário para a construção daquilo que chamamos de Estranho da língua. O 'inassimilável' já está presente na raiz da constituição do sujeito com o objeto, quando, na 'experiência de satisfação', o 'complexo do próximo' se apresenta dividido. Essa divisão do próximo em duas partes, uma das quais, inassimilável, é um limite que funda o psiquismo, pois representa uma percepção expulsa no interior do Eu, que o divide, além de representar um fora da possibilidade de simbolização: algo Estranho, que, no entanto, é muito familiar ao sujeito nessa experiência primordial.

Para melhor compreendermos a 'experiência de satisfação', estaremos analisando alguns textos em que Freud apresenta as formações do Eu (o Narcisismo, a Denegação e o Estranho), para justamente trazer a questão do estranhamento enquanto experiência estrutural para o sujeito.

Com esses elementos fundamentais, estaremos introduzindo a questão de a Língua Materna não poder se caracterizar com relação ao Familiar, mas sim a partir da inclusão do conceito de Estranho. Como efeito dessa reflexão, podemos nos perguntar também, diante da impossibilidade de se caracterizar a Língua Materna como Familiar, qual o estatuto da Língua Estrangeira nessa relação?

Trouxemos, por último, dois casos enigmáticos, de estranhamento da Língua Materna e de familiaridade da Língua Estrangeira, para ilustrar nossa questão fundamental: podemos tomar a Língua Estrangeira como alteridade radical, a partir do estatuto que demos à Língua Materna neste trabalho?

### **A) Como a linguagem separa a fala do corpo?**

Quando Freud observa que, na histeria, o sintoma pode inventar uma anatomia própria ao tomar corpo, isto é, quando constata que o sujeito volta a se endereçar (ao seu corpo) uma mensagem que lhe veio do outro, percebe que o corpo é o meio vivo, ou a ligação através da qual a fala do outro é literalmente incorporada. Além disso, Freud percebe que a natureza da lesão que determina a paralisia histérica não depende da anatomia do sistema nervoso, mas é construída aí imaginária e simbolicamente. Essa anatomia é feita de representações, na medida em que uma representação particular investida de afeto (conceito sobre o qual trataremos logo adiante) não chega a integrar o conjunto das representações. Interessa a Freud, a partir da observação desses fenômenos, não somente destacar o papel determinante da linguagem no sintoma do sujeito - o sujeito cujo corpo está, então, submetido à linguagem -, mas sobretudo hipostasiar a existência de uma força constante, em relação à qual o aparelho psíquico se coloca em trabalho, ordenando esse corpo com linguagem.

Para compreender a dinâmica da fala desse sujeito, cujo corpo está submetido à linguagem, Freud toma o conceito de Pulsão<sup>2</sup> [Trieb] enquanto força necessária e externa ao funcionamento desse aparelho e enquanto potência corporal que convoca o aparelho psíquico ao trabalho, o que coloca em questão, com essa tomada de posição, o corpo e o psiquismo, tal como eram pensados

pela medicina, pela filosofia e pela psicologia da época. Assim fazendo, Freud refere esse conceito, tanto ao limiar entre os dois tipos de processos, o somático e o psíquico - fronteira que mais situa um trabalho, do que divide esses processos -, como também o refere ao efeito desse modo de trabalho através de uma representância do somático no psíquico.

Lembremos ainda, retomando a citação feita na Parte Um deste trabalho, que a relação entre o somático e o psíquico, desde o texto sobre as Afasias, não foi concebida por Freud como uma relação causal, mas como uma relação paralela:

*“Verossimilmente, a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam mal se iniciam os psíquicos, pelo contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada elemento seu (ou a cada um dos elementos isoladamente) corresponde um fenômeno psíquico. O psíquico é assim um processo paralelo ao fisiológico (“a dependent concomitant”)<sup>2</sup>*

A partir do saber freudiano sobre o inconsciente, desloca-se a relação psicossomática de tal modo que, do corpo, que anteriormente portava sua significação, surge uma outra imagem de corporeidade, cujo sentido deriva do efeito no corpo da linguagem inconsciente. Ao observar os sintomas das histéricas, Freud percebe que, diferentemente do conceito anterior de corpo biológico - corpo máquina mecânica ou energética, dotado de uma organização, de limites, e de um princípio de funcionamento -, o corpo se apresentava muito mais como o lugar de uma simbolização, e é assim que, sem renegá-lo, percebe nele o meio de que se serve o sintoma, para expressar os danos da tensão de uma representação incompatível, da qual o sujeito está desconectado, e que nele se inscreve como um traço. A Pulsão é o conceito, portanto, que representa o psiquismo enquanto efeito do trabalho que lhe é imposto por sua ligação com o corporal:

---

<sup>2</sup> Sigmund Freud, 1915, *Trieb und Triebchicksale*, GW, v. 10; ESB, v. 14, *Os Instintos e suas vicissitudes*, Rio de Janeiro: Imago, 1966.

*“Se agora nos afastamos do ponto de vista biológico da observação da vida psíquica, a pulsão se nos apresenta como um conceito-limite [Grenzbegriff] entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a psique, como uma **medida da exigência de trabalho que recai sobre o psíquico em consequência de sua relação com o corporal**”<sup>3</sup>*

Vejam agora, ainda que em forma de resumo, quais as características gerais da pulsão. Segundo Freud, a pulsão tem uma **fonte**, que é o corporal; o **impulso** da pulsão é a expressão de sua força constante [konstante Kraft]; seu **objetivo** é a satisfação, ou seja, a possibilidade de o aparelho psíquico levar a tensão a um nível baixo através de uma descarga, a qual só pode se fazer por uma alteração apropriada na fonte interna e que necessita do outro; o **objeto** da pulsão é o que há de mais variável e *não está ligado à pulsão*, podendo ser qualquer coisa que permita que o objetivo seja alcançado. O alcance do objetivo da satisfação da pulsão é provisório, pois a força constante do impulso provoca novamente a tensão no aparelho<sup>4</sup>.

Como o aparelho psíquico tem a tarefa de reduzir ao mínimo a tensão que nele cresce, devido a essa força constante da pulsão, recebe-a - em sua defesa, e, poderíamos até dizer, em função de sua existência -, em forma de representância: a **representação** [Vorstellung] e o **afeto** [Affekt], submetendo esses representantes às leis dos processos primário e secundário, leis que determinam os destinos da pulsão. Esses destinos que sofrem os representantes da pulsão são, portanto, já os modos de trabalho desse aparelho frente à imposição da pulsão<sup>5</sup>. A diferença de função entre esses dois representantes decorre do fato de serem as representações, basicamente, investimentos de traços de memória e, enquanto tais, percorrerem caminhos associativos que seguem certas leis, dentro daquilo que Freud denomina campo psíquico;

---

<sup>2</sup> Sigmund Freud, 1891, *A Interpretação das Afasias*, tradução de António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977, p. 56.

<sup>3</sup> Sigmund Freud, 1915, *Trieb und Triebchicksale*, op. cit. p. 214; ESB, v. 14, op. cit. p. 127 (tradução e grifo nossos)

<sup>4</sup> idem, pp. 127-9.

<sup>5</sup> idem, p. 132.

enquanto que os afetos estão em 'liberdade' e representam, por isso, a qualidade da força pulsional como força de descarga motora que resulta de uma alteração no próprio interior do corpo do sujeito<sup>6</sup>.

As duas possibilidades, portanto, de se ter notícia da pulsão nos vêm de observar a sua representância na representação, ou sua emergência em estado de afeto. Devemos agora destacar como se apresentam os destinos da representação e do afeto enquanto efeitos de um trabalho na fala do sujeito. O afeto se apresenta, ao lado da representação, como seu correspondente, mas quando se dá o recalçamento, é preciso investigar em separado o que ocorre com esses representantes, uma vez que eles seguem destinos diferentes. Observemos primeiramente alguns destinos do afeto: este pode se desprender da representação recalçada (que persiste como um traço mnêmico fraco) e, não encontrando descarga na fala, nem tampouco se ligando a outra representação, se apresenta como uma "inervação superforte", como uma "conversão" para inervações somáticas de uma determinada área do corpo que, então, sofre todo o investimento em paralisias ou inibições. Dessa maneira, como efeito do distúrbio referente à representação, o afeto que não encontra a representação correspondente, cai no corpo<sup>7</sup>.

Outro efeito do destino do afeto, desligado de sua representação é o 'deslocamento' no obsessivo, já visto na parte um deste trabalho, quando o afeto ligado a uma representação se desloca para outra representação vizinha, permanecendo, entretanto, no domínio psíquico. A representação assume um caráter obsessivo, através da ligação do afeto desconectado da representação recalçada com a primeira representação que surgir. Neste caso, a representação que substituiu aquela recalçada não coincide com o sintoma que o sujeito apresenta, pois revela um quadro em que um acontecimento desagradável vê-se despojado de seu afeto, deslocado para outra situação, caracterizando o isolamento de uma cena inesperada e surpreendente<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Sigmund Freud, 1915, *O Inconsciente*, ESB, v. 14, Rio e Janeiro: Imago, 1966, p. 183.

<sup>7</sup> Sigmund Freud, *Os Instintos e suas vicissitudes*, op. cit. p. 160.

<sup>8</sup> idem, p. 161.

Os destinos das representações são os caminhos associativos que tomam as representações de desejo [Wunschvorstellungen] depois de sofrerem o recalamento. A própria nomeação que Freud emprega para esses destinos das representações nos dão uma idéia da gramática de seu trajeto: 'inversão em seu contrário' [die Verkehrung ins Gegenteil], que se desenvolve em dois outros processos, que são a virada da pulsão 'da atividade para a passividade' e 'a inversão interna' [die inhaltliche Verkehrung]; 'retorno/volta sobre a própria pessoa' [die Wendung gegen die eigene Person]; e a 'sublimação' [Sublimierung]. O circuito pulsional apresenta, para Freud, uma gramaticalidade, da qual se depreendem três tempos, representados pelas as-vozes ativa, reflexiva e passiva. São modos diferentes de evidência da pulsão na linguagem, defesas contra a exigência pulsional, processo este cuja dinâmica altera a orientação sujeito-objeto (no retorno para a própria pessoa) e transforma o ativo em passivo (na transformação em seu contrário)<sup>9</sup>.

Interessa-nos destacar inicialmente o trecho em que Freud está tocando na transformação da pulsão em seu oposto material, amor-ódio, especificamente pelo fato de o amor possuir, segundo ele, além dessa primeira oposição, mais dois opostos: amar - ser amado. À oposição amor - ódio acrescenta-se ainda o estado da indiferença. Amar - ser amado permite o retorno a uma situação fundamental característica do Narcisismo (que veremos a seguir): amar a si mesmo. O que caracteriza a atividade (amar) ou a passividade (ser amado) é o fato de o sujeito ou o objeto ser trocado por um estranho [gegen ein fremdes vertauscht]<sup>10</sup>.

A vida psíquica é dominada por três polaridades: sujeito (Eu) - Objeto (mundo externo); prazer - desprazer; ativo - passivo. No início da vida psíquica o mundo externo é indiferente para o Eu-real [real-ich]. Sob o domínio da pulsão, impõe-se a esse Eu uma alteração. Ele toma para si os objetos, na medida em que estes se apresentarem a ele como fontes de prazer [Lustquellen], e expulsa de si aquilo que no seu próprio interior seja entendido como desprazer. A polaridade prazer - desprazer assume, a partir daí, importância inigualável para a decisão de nossas ações. O mundo externo divide o Eu em uma parte-prazer

---

<sup>9</sup> idem, p. 135.

[Lustanteil], que o Eu incorporou [einverleibt hat], e um resto [Rest], que lhe é estranho [der ihm fremd ist]. Do próprio Eu se estranha uma parte que é lançada no mundo externo e sentida como hostil. O que era antes indiferença se torna desprazer<sup>11</sup>. Importante notarmos que o mundo externo, para Freud, só se constitui a partir do que se passa primeiramente nessa ação interna ao Eu primordial. Portanto, não podemos desprezar a importância do objeto, assim como o efeito disso, ou seja, a presença desse resto estranho enquanto divisão na constituição do sujeito.

Nosso interesse em circunscrever aqui, ainda que de maneira apressada, a importância do conceito de pulsão para este trabalho, se deve ao fato de termos percebido, entre outras coisas, que o destino do afeto (esse conceito enigmático), concebido por Freud como o elemento determinante tanto para o adoecer como para o restabelecimento - uma errância que lembra uma mobilidade e, conseqüentemente, uma dinâmica diferente daquela da representação - é aquilo que vai permitir, através de um distúrbio da representação, que a linguagem atravesse o corpo, ou a passagem da linguagem pelo corpo. Mas o afeto, além de se apresentar não redutível à representação, embora a ela ligado, também constitui aquilo que resta do real da pulsão, na medida em que esta se destacou da representação, o que nos abre a possibilidade de pensar esse resto como o avesso da vida representativa, ou seja, o fato de esse resto apontar para um irrepresentável. Em outras palavras, o afeto aponta para a existência de algo além da dinâmica representacional, uma 'linguagem' direta do afeto - um impossível - que se impõe no corpo como um signo a ser interpretado.

A noção de 'irrepresentável' está explícita, por outro lado, na primeira **experiência de satisfação** (já comentada) que, segundo Freud, estabelece o momento primordial da constituição do aparelho psíquico frente à pulsão, tendo em vista a significação que a presença do outro traz para a necessidade da criança. Vamos articular essa experiência com o conceito de Denegação (que desenvolveremos mais adiante), conceito este que vem apresentar a primeira

---

<sup>10</sup> idem, p. 226.

<sup>11</sup> idem, p. 228.

escolha subjetiva, que organizará de maneira irredutível para o sujeito aquilo que irá dominar seus processos de pensamento: o princípio do prazer<sup>12</sup>.

A experiência acima referida revela que essa satisfação foi um dia experimentada pela criança, como efeito da **ação específica** promovida por ajuda alheia. O bebê faminto chora e se agita, mas a situação permanece inalterada, porque seu sofrimento não provém de um impacto momentâneo, e sim, da força constante da pulsão. A inervação da fala (no grito, no choro) é, em princípio, uma primeira via de descarga que conduz a uma mudança interna, enquanto não acontece a ação específica. Essa via da descarga ganha, segundo Freud, uma **segunda função**, a de compreensão [Verständigung]; que se inclui, a partir daí, na ação específica, quando a pessoa que auxilia (geralmente o próprio objeto do desejo) dá um significado para o choro<sup>13</sup>. A descarga na ação específica abre, portanto, uma via (Bahnung) entre duas imagens mnêmicas, uma associação, por simultaneidade, da imagem elementar da percepção do objeto, com a imagem motora da descarga da tensão através da ação específica.

A esse complexo perceptivo referido acima, Freud dá o nome de **'complexo do próximo'** [Nebenmensch]<sup>14</sup>. Nessa experiência, inicia-se o trabalho do pensamento. Interessante notar que Freud coloca, de início, uma barreira para a compreensão desse semelhante/objeto do desejo. É que nessa experiência, quando as percepções interessam, porque estão ligadas ao objeto do desejo, esse complexo perceptivo se divide em dois componentes, um dos quais Freud nomeia **Coisa** [das Ding] - que é inassimilável [unassimilierbar], e permanece unido [beisammen bleibt], impondo-se através de/como estrutura constante [durch konstantes Gefüge] -, enquanto o outro, conhecido do Eu pela própria experiência (qualidade, atividade), caracteriza o que se chama de 'entender' [Verstehen],

---

<sup>12</sup> Princípio enigmático, estabelecido por Freud, a partir de cujo impasse se coloca a possibilidade de funcionamento do aparelho psíquico. Isso porque esse princípio reza que a atividade psíquica tem por finalidade evitar o desprazer e buscar o prazer. Freud aponta a alucinação como efeito da função de esse aparelho se abandonar a tal princípio.

<sup>13</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, parte III, ESB, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 421; *Entwurf einer Psychologie*, (1950 [1895]), Frankfurt: Fischer Verlag, p. 457.

<sup>14</sup> idem, p. 384 e 421.

experiência que se reduz ao rastreamento da memória do movimento do próprio corpo<sup>15</sup>.

Antes de nos atermos ao 'inassimilável' da Coisa, queremos destacar os dois elos que Freud estabelece entre essa divisão do complexo do semelhante e a expressão verbal [Sprachäusserung], ou seja, a importância da relação da descarga, no som do grito (do auditivo), com o complexo perceptivo do semelhante (predominantemente visual). Freud afirma que só podemos apreender alguma coisa de nossos processos inconscientes se recebermos do outro imagens verbais. Vejamos o que isto quer dizer: em primeiro lugar, diz Freud, há objetos - percepções -, que fazem gritar porque provocam dor. O que é extremamente importante observar, é que essa associação de um **som** [eines Klanges] (que também evoca as próprias imagens motoras), com uma **composição perceptiva** [mit einer zusammengesetzten Wahrnehmung], destaca esse objeto como hostil, e serve, ao mesmo tempo, para dirigir a atenção para a percepção. Assim, onde normalmente não se conserva, (diante) da dor, nenhum signo das boas qualidades do objeto, **é a informação do próprio grito que vai servir para caracterizar o objeto**. Essa associação é, portanto, o meio de tornar consciente o desprazer de recordações excitantes e, ao chamar a atenção, se funda a primeira classe de recordações conscientes. Se assim não fosse, não poderíamos ter do sofrimento nenhuma noção clara de qualidade. "Agora", diz-nos Freud em seguida, "não precisa/falta muito para inventar a linguagem" [Es braucht nun nicht viel, um die Sprache zu erfinden]<sup>16</sup>. As qualidades da consciência nos são trazidas, portanto, pela experiência primordial do grito, que caracteriza o objeto na associação do som com uma composição perceptiva.

A experiência de satisfação do sujeito é, segundo Freud, inteiramente dependente do outro [Nebenmensch]. É por intermédio do outro, enquanto sujeito falante, que tudo o que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito em estruturação. Ao mesmo tempo, só há o objeto hostil porque existe o grito. O grito cumpre uma função de descarga e desempenha o papel de ponte entre o que ocorre, e o que é identificado na

---

<sup>15</sup> idem, pp. 380-4 e 421; *Entwurf*, pp. 432, 426 e 457.

consciência, porque confere um sinal de valor (na medida em que os objetos mais importantes para o humano são os objetos falantes) que permite ao sujeito perceber, no discurso do outro, revelarem-se os processos que habitam efetivamente seu inconsciente.

O segundo elo com a expressão verbal ocorre com objetos que emitem constantemente alguns sons, objetos esses em cujo complexo perceptivo um som [ein Klang] desempenha um papel [eine Rolle spielt]. Por causa da tendência à *imitação* [Imitationstendenz], que surge durante o processo do julgamento, pode-se encontrar a informação do movimento [die Bewegungsnachricht] para essa imagem sonora [zu diesem Klangbild]. Essa classe de recordações também pode, agora, tornar-se consciente. Resta ainda que se associe arbitrariamente os sons às percepções; então, tornam-se conscientes as lembranças da percepção dos sinais de descarga sonora, assim como as percepções, e as lembranças podem ser investidas a partir do sistema da memória (Psi). Portanto, a atenção é, desde o início, voltada para o signo da descarga de pensamento [Denkabfuhrzeichen], isto é, para o signo verbal [Sprachzeichen]<sup>17</sup>.

O que Freud nos traz, nesse momento, é a importância das associações verbais/da fala [Sprachassoziationen] para a apreensão dos processos inconscientes do pensamento. As representações sonoras se acham intimamente ligadas às imagens verbais motoras, pois o investimento para a constituição das representações passa da imagem sonora para a imagem verbal e daí para a descarga. Os signos de descarga verbal equiparam os processos de pensamento aos processos perceptivos e lhes emprestam uma realidade, além de lhes possibilitarem uma memória. A descarga das associações verbais oferece, portanto, um signo de qualidade que também é um signo da consciência daquela lembrança<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> idem, ibidem.

<sup>17</sup> idem, ibidem.

<sup>18</sup> idem, p. 456.

**B) Qual é, então, a necessidade de Freud introduzir, ao lado da importância da fala, ou seja, do campo da representação verbal, outra coisa, algo como o fora da linguagem?**

A dissecação do primeiro objeto, o complexo perceptivo do próximo, foi uma operação descrita por Freud como “entender” [Verstehen] ou “compreensão” [Verständigung] (já citado acima) que envolve a função do julgamento, cuja operação é afirmar ou negar. Essa operação de julgamento encontra-se articulada por Freud no texto sobre a Denegação<sup>19</sup> (A Negativa), com a questão do **fora** e do **dentro** no aparelho psíquico.

Nesse texto, Freud destaca inicialmente o modo pelo qual seus pacientes rejeitam um pensamento enunciado por eles durante o trabalho de análise, negando-o. A denegação constitui um modo de se tomar conhecimento do recalçado: é uma suspensão do recalque, mas não sua aceitação. Nessa situação, “a função intelectual está separada do processo afetivo”, pois o recalque recai sobre o conteúdo representacional permitindo, no entanto, que este chegue à consciência. Esse fenômeno parece ser uma outra maneira de separação da representação e do afeto, no qual a representação recalçada reaparece com todas as letras, desde que seja negada, ou seja, a representação recalçada aparece na fala, na forma ou com a coloração da descarga de seu afeto correspondente.

Freud diz que negar algo em julgamento é o mesmo que dizer “isto é algo que eu preferia recalcar”, colocando assim o julgamento negativo como um substituto do recalque, uma vez que o “não” é o “certificado de origem” do recalçamento. Com o auxílio do símbolo da negação, o pensamento se libertaria das restrições do recalçamento, o que é o mesmo que dizer que o reconhecimento do inconsciente, por parte do Eu, se exprime numa forma negativa<sup>20</sup>.

Em seguida, Freud distingue, na constituição do julgamento, duas forças primárias: a de atração e a de expulsão, que constituem o ‘primordial’ do ‘sim’ e do ‘não’, ambas sob o domínio do princípio do prazer. Não podemos esquecer que o julgamento é definido por Freud exclusivamente em referência à instância do objeto. Sua presença na constituição do Eu implica duas “decisões” da função do

---

<sup>19</sup> Sigmund Freud, 1925, *A Negativa*, ESB, v. 19, Rio de Janeiro, 1996.

<sup>20</sup> *idem*, p. 266.

juízo: juízo de atribuição e juízo de existência. No juízo de atribuição, o objeto do investimento da pulsão é o Eu primário e essa primeira decisão tem como consequência que esse Eu introjete “para dentro de si, tudo quanto é bom e ejete de si tudo quanto é mau. O que é ruim, o que é estranho ao Eu, o que se encontra fora, é-lhe inicialmente idêntico”<sup>21</sup>. Dentro e fora são primariamente indistintos, pois, segundo Freud, a antítese entre o subjetivo e o objetivo não existe desde o início. Nessa operação primordial de inclusão no eu [Einbeziehung ins Ich] e expulsão do eu [Ausstossung aus dem Ich] já está contida a origem do pensamento, já que, segundo Freud, o objeto precisa primeiro ser afirmado, antes que se decida sobre sua existência. O pensamento, então, se constrói em uma polaridade: a afirmação [Bejahung], que substitui a unificação [Vereinigung]; e a denegação [Verneinung], que é sucessora da expulsão [Ausstossung]<sup>22</sup>. O pensamento, tal qual Freud o apresenta através da função do juízo, é uma continuação do processo primordial através do qual o Eu integra ou expulsa o objeto do seu interior, de acordo com o princípio do prazer. Parece-nos que Freud está dizendo que a polaridade afirmação-negação é a condição fundamental, para se poder passar para outra coisa, pois, nessa operação de expulsão, aquilo que foi expulso no Eu, permanece fora do domínio do princípio do prazer e o estranhamento que essa operação de divisão provoca é justamente o que vai decidir a “escolha da ação motora”, pondo fim ao adiamento do pensamento submetido ao princípio do prazer e conduzindo o aparelho psíquico à ação<sup>23</sup>.

Toda essa primeira decisão da operação da função do juízo está colocada por Freud, ainda em outro lugar<sup>24</sup>: do interior de um real-ich (Eu-real, Eu primordial), que funciona sob a condição de homeostase no aparelho (o princípio de prazer), diferencia-se, em relação ao prazer e desprazer, um Eu-prazer [Lust-ich], em que os objetos não se caracterizam pela sua existência ou inexistência, mas pelo seu funcionamento unicamente em relação ao prazer, ou seja, aquilo

---

<sup>21</sup> idem, p. 267.

<sup>22</sup> idem, p. 268.

<sup>23</sup> idem, ibidem.

<sup>24</sup> Sigmund Freud, 1915, *Os Instintos e suas vicissitudes*, op. cit. pp. 139-42.

que no Eu se satisfaz com o objeto enquanto prazer. Nessa divisão prazer-desprazer, o desprazer, enquanto aquilo que não favorece a homeostase, vai restar inassimilável e irreduzível ao princípio do prazer, dentro do plano do Eu-primordial.

Tudo o que é da ordem do desprazer vai se constituir, portanto, no plano desse Eu primordial, como não-Eu, como corpo estranho no funcionamento do aparelho psíquico:

*“Para o Eu-prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do Eu coincide com o prazer, e o mundo externo, com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente)”<sup>25</sup>*

Aquilo, portanto, que esse Eu-prazer não “compreende”, através do próprio corpo, na experiência com o semelhante [Nebenmensch] é a Coisa, estrutura constante isolada como uma parte inassimilável do Eu e projetada como não-Eu no interior do Eu. O próximo constitui nessa experiência o único poder de auxílio, assim como o primeiro objeto da satisfação e também o primeiro objeto hostil<sup>26</sup>. Existe, com a divisão desse complexo, uma parte inassimilável, um limite para o que se possa compreender desse próximo, algo que não vai poder ser representado e que se situa aquém da imagem verbal, um **fora** da possibilidade de simbolização. Algo que, no entanto, está muito próximo do sujeito nessa experiência fundamental, no sentido em que constitui uma percepção expulsa no interior do Eu e que, assim, o representa, de início, como dividido. Parece-nos que o psiquismo inconsciente se organiza no ato fundamental do afastamento da Coisa, que presentifica, nessa relação primitiva do **dentro** e do **fora**, o outro do Eu.

Se se trata, então, na experiência de satisfação, da primeira apreensão da realidade pelo sujeito, uma parte dela, a Coisa, estrutura constante, permanece isolada do complexo do semelhante como estranha na operação de expulsão,

---

<sup>25</sup> idem, p. 141.

sendo aquilo que vai igualmente permanecer isolado como o primeiro exterior, que orienta todo o encaminhamento do sujeito. Não se trata, ainda, do exterior como realidade, na qual o sujeito terá que discernir os signos de qualidade, que lhe indicam que está no caminho certo para a busca de sua satisfação, trata-se, como já visto, de uma exclusão **no** interior do Eu-real (real-Ich), que não se submete ao princípio do prazer. Essa estrutura constante, percepção que cria o estado de desejo, não se reduz, portanto, a um componente perceptivo qualquer. É alguma coisa que estará atuando **fora** daquilo que se constituiu como aparelho psíquico, fora do que é regulado pelo princípio do prazer, percepção sem representação, resíduo. Espaço deixado por Freud para o vazio objeto da satisfação, para o impossível da satisfação, e, segundo Lacan, “o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar (...) reencontramo-lo no máximo como **saudade**”. Citamos Lacan :

*“Das Ding [a Coisa] é o que - no ponto inicial, logicamente e, da mesma feita, cronologicamente, da organização do mundo no psiquismo - se apresenta, e se isola, como o termo de Fremde, estranho em torno do qual gira todo o movimento da Vorstellung [Representação], que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer, vinculado ao funcionamento do aparelho neurônico. É em torno desse Das Ding que roda todo esse processo adaptativo, tão particular no homem, visto que o processo simbólico mostra-se aí inextrincavelmente tramado”<sup>27</sup>*

Retornando ao texto sobre a Denegação, onde vimos que a primeira decisão da operação de julgamento constitui o juízo de atribuição, passamos agora à segunda decisão da função do juízo, o juízo de existência, que assevera ou discute se uma representação tem ou não existência na realidade. Trata-se do interesse do Eu em saber se aquilo que foi percebido do objeto, algo que está no Eu como representação “pode ser reconhecido também na realidade”<sup>28</sup>. Não se trata mais, como ocorre no juízo de atribuição, de uma questão de saber se aquilo

---

<sup>26</sup> Sigmund Freud, *Projeto para uma Psicologia Científica*, op. cit., p. 383.

<sup>27</sup> Jacques Lacan, 1959-60, *A Ética da Psicanálise, Seminário 7*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Antonio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, pp. 69 e 76.

<sup>28</sup> Sigmund Freud, 1925, *A Negativa*, op. cit., p. 267.

que foi percebido será ou não integrado ao Eu, pois não basta que o atributo “bom” seja integrado ao Eu, é preciso que esteja também no mundo externo. Todas as representações foram originalmente percepções. Na experiência de satisfação (como já vimos), há a facilitação [Bahnung] entre duas imagens mnêmicas, a da percepção do objeto e a da imagem motora da percepção da descarga. Quando o estado de urgência se repete, a primeira dessas imagens é reativada e produz-se algo semelhante a uma percepção, a alucinação. Isto quer dizer que, originalmente, a mera existência da imagem mnêmica da percepção do objeto constituía uma realidade daquilo que era representado, o que permite ao pensamento poder trazer a representação de alguma coisa, percebida em alucinação.

Por outro lado, sem essa experiência da perda do objeto, não há o início da percepção ordenada, porque é a partir da alucinação que o aparelho se identifica com a tendência a reencontrar o objeto, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano. O aparelho psíquico se constitui, então, na experiência de algo que não se submete ao princípio do prazer, impasse da presença de um vazio que provoca o movimento ordenado.

Antes de finalizarmos esta seção da parte dois, abrimos um parêntese para dizermos algo a respeito dos usos que Freud faz dos conceitos de **objeto** e **coisa** nos trabalhos apresentados até aqui. Parece-nos que o termo “representação-objeto” [Objektvorstellung], usado por Freud no texto crítico sobre as Afasias (1891), utilizado ao lado da representação-palavra [Wortvorstellung], apontava mais para uma preocupação em manter a autonomia de seus registros, reservando assim a qualidade verbal especificamente para a representação-palavra. Deixando a outra metade em liberdade, expressa uma intenção de não formular aí nenhuma adequação do objeto à palavra, o que se pode verificar observando que não existe nenhum traço de semelhança que ligue os dois registros representacionais. Ao utilizar “representação-coisa” [Sach- ou Dingvorstellung], no texto sobre o Inconsciente (1915), Freud apontava, no entanto, para o próprio processo representacional, matéria das percepções, nomeação exigida por uma promoção do inconsciente, que lhe permitiu

ultrapassar a idéia cerebralista da representação como “reprodução no córtex”: “A representação-coisa [Sachvorstellung] consiste em um investimento, senão de imagens mnêmicas da coisa [Sacherinnerungsbilder], pelo menos no [investimento] de traços mnêmicos [Erinnerungsspuren] mais afastados, derivados dela”<sup>29</sup>.

A oposição Wortvorstellung/Sachvorstellung atravessa, portanto, a oposição dos sistemas Pré-consciente/Inconsciente e apresenta o sistema inconsciente como constituído de representações brutas, rudimentos dos investimentos de objetos: “O sistema Ics. contém os **investimentos da coisa dos objetos** [die Sachbesetzungen der Objekte], os primeiros e verdadeiros investimentos objetais; o sistema Pcs. nasce, quando essa representação-coisa [Sachvorstellung] é **traduzida** pela ligação com as suas correspondentes representações-palavra [Wortvorstellungen]”<sup>30</sup>.

Ao se afastar, a Coisa [das Ding] marca a presença do vazio, e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de se encontrar novamente o que teria sido uma vez percebido. Recolhe-se à forma representacional específica que Freud nomeia de representação-coisa [Sachvorstellung], preservando, assim, o nível mais primário/real, mais material/verdadeiro da representação.

Podemos dizer que essa insistência que percebemos em Freud com relação à representação e, sobretudo, com o além da representação, é sua maneira de nos dizer da **importância da dinâmica da captação do objeto para a constituição do Eu, e, conseqüentemente, para a estruturação do sujeito**. Está contida nessa experiência do Eu ser outro, a irredutibilidade do Estranho, cerne do nosso trabalho, porque, se Freud nos apresenta o Estranho como parte da experiência primordial com o outro, é para nos dizer que o Estranho é primordialmente Familiar e, assim fazendo, desloca-o da posição de estrangeiro, desconhecido que vem de fora, para o de um estranho hóspede em casa.

Todo esse complexo do outro como objeto, que constitui a experiência perceptiva primordial do ouvir e do ver, tem conseqüências fundamentais para o sujeito que daí nasce. Apesar do lugar que ocupa a representação na teoria de

---

<sup>29</sup> Sigmund Freud, 1915, *Das Unbewusste*, GW. v. 10, p. 300; ESB, op. cit. p. 206.

Freud, o que funda efetivamente o aparelho psíquico é o vazio estruturante que movimenta o Eu nos impasses da relação com o objeto. É em torno do irrepresentável que pode surgir o campo das representações.

**C) Ao lado do Vazio necessário à formação do Eu com o objeto, que importância tem, para Freud, a questão da imagem na constituição do Eu, e conseqüentemente, do sujeito?**

Devemos ainda, dada a importância da presença do objeto para a formação do Eu, passar pelo texto de Freud sobre o Narcisismo<sup>31</sup>. Interessa para este trabalho, ao reunirmos os textos em que Freud nos fala sobre as formações do Eu, que a insistência nessa questão seja compreendida fundamentalmente como uma necessidade lógica da presença do objeto, impacto sem o qual o Eu não se constitui. Aqui chamamos uma outra citação de Freud:

*“E’ uma suposição necessária, que uma unidade comparável ao Eu não está presente desde o começo, o Eu tem que ser desenvolvido, algo tem que se acrescentar ao auto-erotismo, **uma nova ação psíquica**, para que o narcisismo se constitua”<sup>32</sup>.*

Como já vimos anteriormente, o Eu, na origem da organização psíquica, não possui nenhuma diferenciação ou unidade e está entregue ao impacto constante da pulsão. A passagem do Eu-real para o Eu-prazer e para o narcisismo envolve a importante questão estrutural da necessidade de a formação do Eu estar simultaneamente ligada à apreensão do objeto. Digamos, então, que a necessidade lógica de os investimentos libidinais se dirigirem para o objeto externo, antes de se voltarem para o Eu, deixa ver, não somente a importância da qualidade do objeto para a **imagem** do Eu, como apresenta o Eu submetido à qualidade libidinal mantida com o primeiro objeto. Nessa passagem, aquilo que era do objeto ainda coincide com o Eu. É preciso, como já vimos, que algo se estranhe do Eu (através do prazer-desprazer), para que se implante o não-Eu como o exterior.

---

<sup>30</sup> idem, ibidem.

<sup>31</sup> Sigmund Freud, 1914, *Sobre o Narcisismo, uma introdução*, ESB, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Há que se compreender o desenvolvimento a que Freud se refere como uma formação interna que tem sua origem em percepções privilegiadas, que não provêm senão do outro humano. Assim, o investimento libidinal do Eu surge de representações primárias da imagem que a criança faz de seu próprio corpo na relação com o outro. Já se percebe aí que não há, na constituição do Eu nenhuma possibilidade de completude que não seja a **imaginária**, pois, de início, a criança está alienada na imagem e no desejo do outro.

Destacamos, assim, a importância do narcisismo como forma de investimento pulsional necessária à estruturação do sujeito, procurando salientar que o Eu, por nascer entre o indiferente e o prazer-desprazer com relação ao objeto, contempla, na sua estrutura, um corte, que o divide numa representação, lugar simultâneo do semelhante e do estranho.

O narcisismo se efetiva, na criança, com a reprodução do narcisismo dos próprios pais, que atribuem à criança todas as perfeições, permitindo-lhe privilégios que foram obrigados a abandonar. Observa Freud: “No ponto mais sensível do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança”<sup>33</sup>. A presença do discurso dos pais na formação do Eu da criança, Freud nomeia Eu-ideal, ou imagem do Eu, (imagem formadora do Eu, imagem do outro), dotada de todas as perfeições, sobre a qual recai o amor de si mesmo.

A resolução desse estado não organizado de identificação primordial com o outro se implanta quando a criança investe um objeto exterior, que é, afinal, seu próprio Eu, procurando recuperar essa perfeição ao projetá-la diante de si como seu ideal, o Ideal-do-Eu<sup>34</sup>. Essa nova forma, **agora externa ao sujeito**, impõe-se como exigente ideal de perfeição, assim,

*“O desenvolvimento do Eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa [Sehnsucht - **saudade**] de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em*

---

<sup>32</sup> idem, p. 84.

<sup>33</sup> idem, p. 98.

<sup>34</sup> idem, pp. 100-1.

*direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal*<sup>35</sup>

Se, para Freud, o desenvolvimento do Eu consiste em distanciar-se do narcisismo primário, no qual, porém, só é possível experimentar-se através do outro, e se, para recuperar o amor e a perfeição do narcisismo, precisa passar pela mediação do Ideal do Eu, o imediatismo do amor aí se perde. A divisão do sujeito está no fato de ele só se saber pelo outro. A linguagem separa o sujeito do corpo, transformando em desejo o que era da ordem da necessidade. Por outro lado, é pela palavra, que corresponde à demanda de amor, que será possível ao sujeito se reconhecer no que vê. A intersubjetividade não se dá a não ser a partir do engano, pois há algo da imagem do Eu que é exterior ao sujeito e não há maneira de essa imagem representar esse algo ao sujeito. O “Outro absoluto do sujeito...reencontramo-lo no máximo como saudade”, como diz Lacan<sup>36</sup>, e, como já dizia Freud, “Liebe ist Heimweh”<sup>37</sup>, amor é saudade (de casa). Como a questão da **formação da imagem na constituição do Eu** é de importância fundamental para o nosso trabalho, resumimos, a seguir, a maneira como Lacan descreve o que Freud nomeou “**nova ação psíquica**” (na primeira citação de Freud nesta parte).

Lacan elaborou sua hipótese sobre a formação da função do Eu<sup>38</sup> como um drama que se precipita da insuficiência à antecipação. Na condição prematura de ser humano, a criança antecipa sua maturação pela precipitação identificatória com a imagem do corpo do outro. Nessa hipótese, o Eu não é anterior a esse mundo de formas que o fascinam, ele não se constitui do interior para o exterior, e sim, pela passagem de um fora para um dentro. Essa precipitação identificatória é uma experiência de alienação que permite à criança formar a representação de uma unidade corporal por identificação à imagem do outro, em outras palavras, trata-se da experiência da transformação produzida no sujeito quando este assume uma imagem. O espelho representa, nessa experiência, a possibilidade

---

<sup>35</sup> idem, p. 106.

<sup>36</sup> Jacques Lacan, 1959-60, *A Ética na Psicanálise, Seminário 7*, op. cit., p. 69.

<sup>37</sup> Sigmund Freud, 1919, *O Estranho*, ESB, v. 17, Rio de Janeiro: Imago, p. 237.

de revelação e de reconhecimento de um primeiro esboço de sua forma através da identificação ao outro.

O que podemos extrair dessa experiência para a construção do nosso trabalho, é que o espelho revela que a primeira experiência consigo mesmo é, para sempre, uma relação com um outro, e que se trata de uma **configuração insuperável**, um nó de servidão imaginária, em que a potência da imagem está no seu investimento de desejo, mais do que de objetividade.

Amar a si mesmo através do outro significa voltar-se para o objeto em função primeiramente das semelhanças consigo mesmo como um modelo ideal.

Esta relação dual comporta, porém, a tensão de uma alienação, em que o pulsional se organiza segundo alternativas que giram em torno da imagem, entre bom-mau, introjetar-expulsar, preservando tanto a fascinação pela imagem do outro e mesmo a confusão com o outro, como também seu oposto, a rivalidade, a hostilidade, o ciúme e a despossessão com relação ao outro. É sempre em torno do Eu (que é outro) que se estruturam todos os objetos do mundo. A diferença radical do outro (que é Eu) que o sujeito vê como hostil, é referida a um momento de confusão na dinâmica especular, quando, na antecipação, o sujeito se deixa capturar pela imagem, sem, contudo, ter podido entendê-la, ou seja: num misto de percepção e alteridade, se apresenta a **Coisa**, que habita o sujeito e permanece, ao mesmo tempo, fora de seu alcance.

Procuramos articular nesta seção, como uma introdução para a questão da Língua Materna (que vem a seguir), os elementos que julgamos fundamentais e estruturantes na constituição do sujeito, presentes nas experiências originárias da formação do Eu. O mais primário dessa organização imaginária do Eu contempla, entretanto, a encarnação do verbo no corpo. Essa operação - que já vimos anteriormente quando Freud fala da importância do grito no processo de algo se tornar consciente - destaca a associação de um som com uma composição perceptiva, como meio (por causa da dor) de tornar consciente o desprazer, mas, ao mesmo tempo, funda a primeira classe de recordações conscientes. Quando ele diz que "agora não falta muito para inventar a linguagem", está nos mostrando

---

<sup>38</sup> Jacques Lacan, 1949. *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, trad. de

que, de início, a atenção é voltada para os signos de descarga do pensamento, isto é, para os signos verbais. São os signos de descarga verbal que igualam os processos de pensamento aos processos perceptivos e lhes emprestam uma realidade, além de lhes possibilitarem uma memória.

Se a caracterização do objeto só se faz a partir da **informação** (formação dentro) do próprio grito (na dor), ou melhor, no próprio corpo, Freud não está, com isso, esclarecendo como se aprende a língua materna, mas dizendo que não há língua materna senão como causa originária, pois encarnada no sujeito. Por outro lado encontramos, no mais originário da experiência do Eu com o objeto (o outro), o nascimento do desejo, a Coisa, que dá, ao mais familiar no sujeito, um caráter estranho.

O conceito de Língua Materna neste trabalho não se caracteriza, portanto, com relação ao Familiar, mas justamente a partir da inclusão do conceito de Estranho, tal como nos tem evidenciado essa experiência imaginária das formações do Eu com o objeto. O Estranho, como efeito do desgarramento da Coisa e a partir do qual se funda o sujeito, é o que, por um lado, faz da Língua Materna, estrangeira, pelos efeitos do seu representante, o hostil da linguagem, ou a Outra língua. O "Outro absoluto do sujeito" não pode aparecer senão na forma de estranho de linguagem, na língua. Esses momentos, onde a língua perde seu valor de código e se perde na linguagem, revelam a presença de um Outro lugar, lugar este onde o sujeito, pela língua, sofre esses descaminhos, na medida em que não entra aí em jogo qualquer vontade.

Por outro lado, com relação à língua estrangeira, os efeitos desse Estranho, pela maneira como estamos abordando a Língua Materna, se dão a ver como causa de desejo, pois falar a Língua Estrangeira pode vir a constituir a tentativa de deslocar o mal-estar que se origina de um buraco da Língua Materna, e, na suposição de preenchê-lo, a Língua Estrangeira terá sido usada para ocultar aquilo que é estranho na Língua Materna.

## 2.1 O Estranho de Freud

Para fazer uma reflexão sobre o Estranho<sup>39</sup>, como aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido e, há muito, familiar, Freud é inicialmente instigado por uma série de casos, para os quais é levado posteriormente a procurar confirmação no uso lingüístico do termo Unheimlich (estranho).

A experiência do estranho ocorre, segundo Freud, em duas circunstâncias: “quando os complexos infantis recalcados retornam, por meio de uma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas são novamente confirmadas”<sup>40</sup>. Entretanto, considera esta distinção nebulosa, pois as crenças infantis se relacionam de maneira íntima com os complexos infantis recalcados. Embora faça essa consideração, mantém as duas categorias até o final do artigo.

Apesar de Freud qualificar essa experiência remetendo sua origem ao narcisismo, ou ao que de mais arcaico constitui o sujeito, parece ser o recalçamento, para Freud, o pivô em torno do qual a experiência do estranho tem sua origem. É importante, então, que se faça uma diferenciação na estrutura do narcisismo, lembrando que o momento primordial na formação do Eu (já discutido na seção anterior deste trabalho), é aquele no qual, sob a condição de homeostase no aparelho, funciona o critério do prazer-desprazer. Sob esse critério, o Eu-real provoca uma exclusão **no** seu interior, de maneira que o que é excluído, é também não-Eu, estranho: “...isolou uma parte do seu próprio Eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil”<sup>41</sup>. O externo aqui, é bom lembrarmos, é interior ao Eu e estranho a ele.

O que interessa desse artigo sobre o Estranho, para o nosso trabalho, é o fato de que a realidade psíquica é fundada por uma divisão primordial entre **fora** e **dentro**, operada no interior do Eu, e que é a partir dessa divisão, que aliena e separa o Eu de um não-Eu, que gira todo o encaminhamento do sujeito. O que é anterior ao sujeito, o que ocorreu entre o Eu-real e o Eu-prazer, é aquilo que o possibilita. O que funda a realidade psíquica é a realidade muda da Coisa que, por

---

<sup>39</sup> Sigmund Freud, 1919, *O Estranho*, op. cit. p. 237.

<sup>40</sup> *idem*, p. 266.

dividir o Eu no seu interior, implanta aí um estranhamento que, posteriormente projetado para fora, carrega aquilo que no Eu há de mais familiar, em forma de estranho. Assim, o que se apresenta para o sujeito como estranho e assustador não lhe é senão íntimamente familiar.

Se, na experiência de satisfação, o próximo é, ao mesmo tempo, a primeira força auxiliar e o primeiro objeto hostil<sup>42</sup>, compreende-se, então, diz Freud, “porque o uso lingüístico estendeu o familiar [das Heimliche] para seu oposto, o estranho [das Unheimliche], pois esse estranho [Fremde] não é nada novo ou alheio, porém, algo que é familiar e há muito estabelecido na psique”<sup>43</sup>.

O primeiro **Heim** (lar) do homem é o corpo da mãe, um lugar no outro semelhante e no Outro da linguagem, onde o imaginário materno é sustentado por palavras. A imagem que a criança recebe do outro ganha sentido pela linguagem veiculada pelo desejo materno. Impõe-se, então, neste trabalho, que não nos apressemos em tomar a Língua Materna como algo natural, passível de uma explicação pela psicogênese, mas como nossa causa original, ou melhor, causa de nossa alienação original, pois essa língua nos torna sujeitos, a partir das formações de um Eu, que só toma corpo (se articula primariamente em imagem) pela fala do outro, e que, por isso, não pode falar do corpo.

## 2.2 Materna, Língua Estrangeira

Daquilo que não se pode dizer desse encontro com o vazio da Coisa (que não é pura negação, mas função operante) nasce uma língua que Freud aborda de maneira desconcertante, pois coloca em causa qualquer noção de língua enquanto saber, sinônimo de familiaridade, pois, nessa língua, “dizer mais do que se sabe, não saber o que se diz, dizer outra coisa do que o que se diz, falar para nada dizer”, não são mais, no campo freudiano, as falhas da língua, “são propriedades inelimináveis e positivas do ato de falar”, de acordo com o dizer de

---

<sup>41</sup> Sigmund Freud, 1915, *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, op. cit. p. 265.

<sup>42</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, op. cit., p. 383.

<sup>43</sup> Sigmund Freud, 1919, *O Estranho*, op. cit., p. 258.

Jacques-Alain Miller<sup>44</sup>. Nessa língua, a fala do sujeito testemunha a presença de um saber que age a despeito de seu querer consciente, a determinação de um dizer no qual se desconhece, divisão que, longe de ser uma ignorância, é sua própria atividade.

Freud percebia que as palavras eram investidas de um outro sentido, que não o do dicionário. Ele tomava as falas de seus pacientes como mensagens a serem decifradas, pois, na ruptura dessas falas ele podia supor, num outro lugar, um desejo em expectativa. Desse ultrapassamento do sujeito pela fala e, conseqüentemente, o efeito de sujeito que ela produzia, Freud nos trouxe a noção de Inconsciente como a determinação de uma ordem que age sobre o sujeito, e que não é sua escolha.

Se Freud supõe na base do psíquico o motor do desejo como lei para seu funcionamento - e para isso já analisamos a experiência fundamental com o próximo [Nebenmensch], ou seja, a mãe, enquanto complexo perceptivo da Coisa que funda o desejo -, ao mesmo tempo supõe a lei de um destino, de girar em volta da Coisa, para não atingi-la. Nesse encontro entre desejo e lei Freud nos mostra a relação inconsciente com a Coisa, que é o mesmo que dizer que o desejo se sustenta no desamparo (na impossibilidade da completude entre corpo e fala) e este, o desejo, se funda na demanda (linguagem). Só há desejo, portanto, porque há linguagem. Então falar será todo um trabalho de procurar, e de não encontrar a Coisa perdida, pois aquilo que se procura é diferente daquilo que a língua pode oferecer.

Os embaraços que se dão a ver e aos quais somos, na língua, submetidos, fazem supor, como Freud o percebeu, uma estrutura de linguagem, cujas leis de condensação e deslocamento apresentam no sonho, no chiste, no lapso, no esquecimento, no ato falho a transformação das palavras em coisas, instante em que valem por sua textura e literalidade, prestando-se a uma disjunção própria dessa memória que Freud chamou de Inconsciente. Os elementos dessa cadeia inconsciente, sem significação nem limitação em si mesmos, assumem o valor de Coisa que faz irrupção na língua falada enquanto signo de um desejo interdito. A

---

<sup>44</sup> Jacques-Alain Miller, *Matemas I*, Rio de Janeiro, Campo Matêmico no Brasil, Jorge Zahar Editor,

língua Materna caracteriza-se pelos signos da impossibilidade de se permanecer submetido à demanda da mãe, o que implica uma renúncia à mãe enquanto primeiro objeto para que o corpo se substitua por uma significação.

Charles Melman<sup>45</sup> diz que “a língua materna é aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interditada”<sup>46</sup> e, dessa forma, apresenta-a com um traço negativo, pois, tomá-la positiva e apressadamente, como veiculada pela lembrança daquela que nos introduziu na fala, seria uma resposta já ao alcance da mão, por estar incluída no próprio significante “materna”. Língua Materna, portanto, não é a língua que se aprende com a mãe, mas a língua com a qual o corpo da mãe é necessariamente imaginarizado. E continua “é o objeto-interditado que torna uma língua materna para nós, fazendo dela o nosso *Heim* (lar)”<sup>47</sup>. Ela é a língua do desejo, organizada tal qual o desejo, mas essa organização não garante a expressão desse desejo. Ela é materna, nessa definição, a partir do objeto que ela interdita, isto é, sob a condição de o desejo não ser reconhecido pelo sujeito, ou seja, de nela faltar justamente o que é “materno” e, por isso mesmo, poder o “sujeito ser falado por ela”<sup>48</sup>, e o que quer que ela fale em nós ser enunciado pelo Eu.

Nessa língua, o sujeito não fala como mestre, é falado por ela, o que não assegura ao sujeito sua identidade, só garante sua movimentação como sujeito embaraçado, por não poder dizer **tudo**, isto é, articular plenamente seu desejo. **A objetividade impossível** dessa língua coloca o sujeito numa posição de desconhecimento de si próprio, que constitui, segundo Freud, sua atividade por excelência, pois a língua dita materna está sempre referida ao impossível da conjunção entre os sons das palavras da mãe e o corpo da criança, remetendo-a a um Outro lugar, de onde está separada do corpo pela linguagem.

---

1996.

<sup>45</sup> Charles Melman, *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*, Contardo Calligaris (org.), trad. Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta, 1992.

<sup>46</sup> idem, p. 32.

<sup>47</sup> idem, ibidem.

<sup>48</sup> idem, p. 15.

Para Denise Lachaud<sup>49</sup>, a língua materna é, por definição, estrangeira, é uma formação do inconsciente, tal qual o sonho, o lapso, o sintoma, pois remete ao tempo da infância. O infantil, de acordo com Jerusalinsky<sup>50</sup>, deve ser entendido como estrutura permanente da organização subjetiva, lugar indestrutível do desejo, tempo que organiza suas seqüências, não de maneira linear, mas de acordo com outra necessidade, não determinada pela ordem cronológica, e sim, pela necessidade de significância.

O infantil é parte constitutiva de qualquer processo psíquico, de qualquer formação inconsciente. É o resto de um acontecimento, tecido mnêmico que se manifesta na superfície da língua completamente transformado, mascarado sob outras significações, revelando que a diacronia da fala é governada pela sincronia do inconsciente, pois, na lógica do inconsciente, jogar com a coisa das palavras é usar das palavras aquilo que as antecede, a sincronia primitiva de seus elementos.

Percebemos que aquilo que chamamos Língua Materna, a partir da hipótese freudiana do inconsciente, revela-se um **ponto nodal** em que língua e desejo se articulam, o que nos permite avançar para além de seu significado de língua que se aprende com a mãe, para a de condição de estruturação psíquica, enquanto configuração do momento mítico da subjetivação. A hipótese freudiana do inconsciente permite, ainda, saber sobre o sujeito quando seu discurso é interrompido e ultrapassado pelas formações do inconsciente. Se Freud chegou ao inconsciente pela interrupção na fala de seus pacientes, e percebeu a linguagem como fundamento da constituição subjetiva, foi Jacques Lacan quem leu essa hipótese: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O inconsciente não é, então, uma língua arcaica que se daria a ver com o levantamento do recalque. Essa diferença entre língua e linguagem é possível na medida em que há, na língua, algo que, segundo Freud, se escreve com uma outra lógica e é passível, portanto, de uma decifração, uma vez que está articulado

---

<sup>49</sup> Denise Lachaud, "A Língua Materna ou a divisão do sujeito", in *Psicanálise de Crianças*, Alduísio Moreira de Souza, org., v. I., Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

<sup>50</sup> Alfredo Jerusalinsky, "Pequena História do tempo lógico em Psicanálise", in *História, Clínica e Perspectiva nos 100 anos de Psicanálise*, Edson Luiz André de Sousa, org., Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 190.

como uma linguagem. Partimos agora da leitura freudiana do inconsciente por Lacan e das conseqüências dessa proposição, para pensarmos a nomeação Língua Materna.

Lacan funda sua definição do objeto da descoberta freudiana por uma tríplice nomeação: Simbólico, Imaginário e Real. A partir da leitura de "*Sobre o Narcisismo: uma Introdução*"<sup>51</sup> de Freud, Lacan vai chamar de identificação **imaginária** em "*O Estádio do Espelho*"<sup>52</sup>, aquilo que Freud estabelece, através da relação entre o Eu-ideal [ideal-ich] e o Eu [ich]. Se a criança se alegra em antecipar, no espelho de seu semelhante, a imagem que ela não tem, é porque o Eu-ideal, que é a imagem do outro, é a matriz formadora do Eu. Essa primeira alienação de conhecimento e de amor tem a função de interditar, por um lado, a coexistência recíproca, produzindo uma oscilação sem fim entre a captação do outro e sua destruição, no entanto, é essa alienação que sustenta o Eu. O Imaginário é o lugar das ilusões do Eu, da alienação e da fusão com o corpo da mãe. A tensão que se cria nessa relação dual se resolve, segundo Lacan, pela entrada de outra dimensão: o **Simbólico**, lugar do significante e da função paterna, essa terceira instância que Freud havia nomeado Ideal do Eu [ich-ideal].

O Imaginário tem, por outro lado, a função fundamental de se constituir de um imaginário corporal, íntima e ilusoriamente familiar, que, em razão de sua dependência do estágio do espelho e da imagem especular, nos afeta com a pregnância da primeira forma unificada, determinando as totalidades plenas de volume, substância, limite de território, objetividade, fazendo unidade permanente aquém das aparências instáveis. Vimos ainda, que a mãe é o primeiro outro que vem ocupar o lugar do Outro da linguagem, e, ao mesmo tempo, o lugar do Saber. A suposição de Saber no Outro empresta, conseqüentemente, à língua materna, uma objetividade imaginária, que, no entanto, remete o sujeito a um lugar de onde está separado pela linguagem. O Imaginário é a representação que vem

---

<sup>51</sup> Sigmund Freud, 1914, *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*, op. cit.

<sup>52</sup> Jacques Lacan, *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu*, op. cit.

responder ao vazio aberto pelo real da Coisa; esta é a função do narcisismo, suprir o fato de que o sujeito está separado do Eu pela linguagem<sup>53</sup>.

O Imaginário se subordina ao Simbólico, já que, desde antes de seu nascimento, a criança está inscrita em um universo simbólico. Já vimos anteriormente que, enquanto o Eu é visto no Eu-ideal, sem que o sujeito aí se reconheça, é pela palavra, que responde à demanda de amor, que o sujeito se reconhece no que vê; a palavra de nomeação do Outro vai se juntar à visão do outro. Pela passagem no Simbólico, a criança sai de uma posição em que é falada e passa a falante, e é essa passagem no Simbólico que separa corpo de linguagem.

Lacan liga o inconsciente freudiano ao Simbólico para dizer, com Freud, que aquilo que não veio a tempo no reconhecimento do sujeito pelo símbolo, permanece em suspenso. O que não foi decifrado retorna, insistentemente, esquecido na cena da fala. Lacan separa, então, fala e linguagem, tal como Freud o fez com a fala das histéricas, nas quais a fala está fixada no sintoma, mas separada da linguagem, pelo recalçamento. Falar não é, portanto, simplesmente nomear o que está aí, porque essa estrutura, que é a linguagem, é a condição da fala.

O Real, Lacan toma-o primeiramente, a partir da concepção de Freud da “realidade psíquica”, para designar uma realidade imanente à representação e impossível de simbolizar. Da percepção singular na experiência primordial de Freud com a Coisa, esse Outro absoluto do sujeito, Lacan postula uma realidade desejante, porém inacessível a qualquer pensamento subjetivo, **dúvida fundadora**, necessária à constituição do sujeito. O impossível do Real é, assim, significado pelo Imaginário da linguagem, através do Simbólico da língua. Para falar de língua é necessário, então, que não se suponha uma primazia entre esses três registros, mas que sua consistência advenha dessa articulação<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> Charles Melman, *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*, op. cit., p. 23.

<sup>54</sup> A articulação desses três registros está construída com detalhes no cap. 4, de Jean-Claude Milner, *Les Noms Indistincts*, Paris, Éditions du Seuil, 1983, pp. 38-49.

A língua dita materna, vista dessa perspectiva, não é objetivável, uma vez que é lugar da alteridade radical do sujeito (presentificada pelo desejo), e, ao mesmo tempo, o causa. Lacan propõe que se escreva essa língua numa palavra só, “Lalangue”<sup>55</sup>, para mostrar do que é feito o inconsciente e, ao mesmo tempo, para acentuar o efeito dos afetos:

*“Lalangue serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de Lalangue, essa Lalangue que eu escrevo numa só palavra **para designar o que é a ocupação de cada um de nós, Lalangue dita materna, e não por nada dita assim... Numa só palavra, para justamente acentuar os afetos, cujo som é anterior ao sentido...Lalangue nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de Lalangue, que já estão lá como saber, vão além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar”***

Se Lacan alinha Lalangue aos afetos, cujos efeitos estão no inconsciente como um saber anterior à fala, é ela porque guarda os efeitos dos afetos, de maneira a levar o sujeito esquecido a tentar compreender a estranheza da língua que o causa. É a maneira de inscrição, no sujeito, da sincronia primitiva dos elementos de linguagem, que vai escrever a língua para esse sujeito.

As considerações que fizemos sobre a assim chamada Língua Materna, tendo como base a hipótese do inconsciente, nos autorizam a pensar que a exterioridade radical do desejo em relação à consciência pode fazer supor que essa língua, na qual o sujeito é, afinal, estrangeiro, possa se exprimir melhor em uma Língua Estrangeira, em que uma suposta ausência de interdição da mãe possibilita imaginá-la como Outra do Saber. Nessa suposição de desembaraço para dizer de seu desejo está contida a confusão do inconsciente com uma língua, da qual bastaria levantar o recalçamento para que o desejo pudesse se articular plenamente. Acreditar, porém, que o inconsciente seja estruturado como uma

---

<sup>55</sup> Jacques Lacan, 1972-3, *Mais, ainda. Seminário 20*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de M.D. Magno, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, pp. 188-90 (grifo nosso).

língua, seria o mesmo que afirmar que o inconsciente não poderia se exprimir senão na língua em que foi escrito.

Se o sujeito, no mal-estar em que a língua materna o coloca, vai para a língua estrangeira com a (ilusão da) certeza de lá poder dizer **tudo**, e, como diz Jutta Prasse<sup>56</sup>, com um “desejo de ter escolha, de poder escolher a lei...desejo de ser livre para escolher uma ordem na qual ‘se exprimir’, de impor-se uma ordem por um ato voluntário”, é necessário que se tome primeiramente essa “ilusão” no sentido que Freud dá a ela, contrapondo-a ao erro, na medida em que faz intervir, para a crença constitutiva da ilusão, a participação do desejo:

*“o que caracteriza a ilusão é o derivar-se dos desejos humanos...é ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação”<sup>57</sup>.*

Já avançamos em parte de nossa hipótese de que, na impossibilidade de habitarmos a Língua Materna, por estarmos constitutivamente excluídos do Outro da linguagem, a Língua Estrangeira pode vir a representar o Ideal-de-língua, enquanto causa do desejo, posto que se trata de desejo (enquanto ilusão) de desarticular desejo e lei. Se todo o sofrimento a que está submetido o ser de linguagem passa pela necessidade estrutural de articular essa contradição, o que leva o sujeito para a Língua Estrangeira (nos casos que discutiremos adiante), é o impossível de dizer na própria língua: “Constituir seu impossível ao designá-lo como Estrangeiro, dá a ele ao mesmo tempo um semblante de razão”<sup>58</sup>. Essa realidade constitui a lógica do lugar da língua estrangeira para o sujeito, lógica que pode passar despercebida nos casos não reconhecidamente patológicos.

Para avançarmos ainda no desdobramento da hipótese dessa relação Língua materna - Língua Estrangeira, a partir reflexão que fizemos sobre a estruturação do sujeito por linguagem, devemos procurar, de acordo com as premissas das quais partimos, muito mais a existência de um **elemento**

---

<sup>56</sup> Jutta Prasse, “O desejo das línguas estrangeiras”, in *A Clínica Lacaniana, Revista Internacional*, v. 1, Rio de Janeiro: Editora Cia. de Freud, 1997, p. 72.

<sup>57</sup> Sigmund Freud, 1927, *O Futuro de uma Ilusão*, ESB, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>58</sup> Charles Melman, *Imigrantes*, op. cit., p. 19.

**organizador**, do que diferenciador na relação do Estranho-Familiar, elemento de linguagem que comparece na língua e surpreende o sujeito.

Para isso, tomamos a maneira como Lacan estabelece a relação entre Simbólico e Real. É pela via da escrita<sup>59</sup> que Lacan nos mostra como Freud nos ensinou a ler sintomas, sonhos, atos falhos como mensagens cifradas. Só há leitura quando o cifrado é decifrado. Não fosse o valor literal que Freud lê na imagem do sonho, a partir da língua do sonhador, não teria podido decifrar a letra do desejo. Assim fazendo, nos mostrou a letra como elemento organizador no trabalho do inconsciente em seu saber textual. Deste ponto de vista, a letra toma importância, nessa relação entre Simbólico e Real, como um elemento que, pela sua própria natureza de Real, pode fazer a passagem Estranho-Familiar, tornando estrangeira a língua materna, assim como familiar, a língua estrangeira. Tudo vai acontecer, portanto, a partir da posição do sujeito na língua materna, ou seja, a partir do traço que deixou a letra no sujeito.

Se *Lalangue* é um encontro contingente entre Real, Simbólico e Imaginário, esse encontro é uma **suposição** que pode se declinar em várias formas de falha na língua. Os efeitos ou as incidências de um registro sobre o outro constituem a singularidade da língua de cada um. Tentaremos, exemplificar, pelo relato de dois casos peculiares, os modos como os efeitos do Estranho da Língua Materna e do Familiar na Língua Estrangeira falam no sujeito, o que nos traz a questão deste trabalho.

### 2.3 O Familiar na Língua Estrangeira - o caso de Anna O .

Na *Comunicação Preliminar*<sup>60</sup>, Freud comenta a desproporção que existe no fato de um sintoma durar muitos anos, e a fugacidade da ocorrência isolada que o provocou. Com frequência, diz ele, é um fato da infância que estabelece um sintoma persistente. Escolhemos o caso dessa paciente de Freud, por sua pertinência neste trabalho, uma vez que Freud **elenca**, entre os sintomas de Anna

---

<sup>59</sup> A questão que diz respeito à 'escrita' e à 'letra', será desenvolvida especificamente na Parte Três deste trabalho.

<sup>60</sup> Sigmund Freud, 1893-5, *Estudos sobre Histeria*, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

O ., o **esquecimento da língua materna, trocada, durante longos períodos, pela língua inglesa.**

Ao relatar o caso dessa paciente, Freud nos informa sobre o momento que deu origem ao sintoma: a paciente Anna O . encontrava-se sentada à cabeceira do leito de seu pai enfermo, quando colocou o braço direito sobre o espaldar da cadeira e adormeceu por cansaço, entrando, em seguida, em um estado alucinatório. Viu, como se saísse da parede, uma cobra negra que se aproximava do doente para mordê-lo. Tentou afugentar a cobra, mas não pôde fazê-lo, pois seu braço encontrava-se dormente e insensível. Acrescenta-se a isso o fato de que, durante a alucinação, ao olhar para seus dedos, “estes” haviam se transformado em pequenas cobras, cujas cabeças (as unhas) eram caveiras. Quando a cobra desapareceu, **“ela tentou rezar, mas não conseguiu encontrar as palavras em nenhum idioma, até que, lembrando-se de um poema infantil (ou oração) em inglês, pôde pensar e rezar nessa língua”**<sup>61</sup> .

Segundo Freud, o estado (afeto) emocional de angústia, determinado pelo impacto da conjunção entre a alucinação e o adormecimento do braço (paralisia), teve como consequência uma **inibição da fala**, que encontrou uma descarga fortuita nos versos do poema/oração infantil em língua inglesa <sup>62</sup> .

Esse primeiro momento do relato nos leva de volta à importância atribuída por Freud ao mecanismo motor da fala, no processo de ‘tornar-se consciente’. Vimos, no início desta parte do trabalho, que Freud aponta a inervação da fala como uma primeira via de descarga (no grito) que, associada a uma percepção visual, funda a primeira classe de recordações conscientes. Isto porque a associação de um som, **ao evocar as próprias imagens sonoras**, dirige a atenção para a percepção.

As representações sonoras acham-se intimamente ligadas às imagens verbais motoras, pois o investimento que constitui as representações passa da imagem sonora para a verbal e, daí, para a descarga. São os signos da descarga, na fala, que equiparam os processos de pensamento aos perceptivos, e emprestam-lhes uma realidade e uma memória. Se observarmos a Figura 3, na

---

<sup>61</sup> idem, pp. 40 e 73 (grifo nosso).

Parte Um deste trabalho, veremos que, nesse Aparelho Psíquico, Freud representa o Consciente pela extremidade motora.

O processo motor da fala está, desse modo, intrinsecamente ligado ao movimento em geral. Daí entendermos a ligação (motora) que se estabelece entre a inibição da fala da paciente de Freud, e a paralisação de seu braço. No momento traumático da alucinação com a cobra, Anna **não conseguiu mover-se e não encontrou as palavras na língua alemã.**

Passemos agora à questão da representação e do afeto. Freud havia dito que o afeto de angústia, determinado pelo impacto da alucinação, e somado ao adormecimento do braço, não pôde ligar-se a uma representação adequada (inibição da fala na língua alemã) para sua descarga, encontrando possivelmente uma outra representação (da fala em língua inglesa) com certa carga emocional (oração ou poema). Mas, apesar de encontrar a descarga 'fortuita' na língua inglesa, seu braço, após o incidente, permaneceu paralisado.

Segundo o que compreendemos da leitura de *Estudos sobre Histeria*, a paralisia é interpretada por Freud como uma lesão que não depende da anatomia do sistema nervoso, mas se constrói imaginária e simbolicamente. Uma representação particular e intolerável, porque altamente investida de afeto, deixa de integrar o conjunto das representações e ao ligar-se a outra representação, converte-se em sintoma. A transformação posterior da representação intolerável (o temor de ver seu pai doente mordido pela cobra e sua paralisia) em sintoma (falar inglês e a paralisia do braço), está referida à própria ligação motora entre as duas representações (a fala na língua materna e a paralisia). O acréscimo dessa outra representação (falar inglês) é decisivo, **porque ela escapa ao saber**. É por isso que Freud diz que o trauma se transforma em sintoma, na medida em que existe uma 'relação simbólica' ligando aquilo que ele evoca com uma outra representação, sem que o Eu dela tenha notícias ou possa intervir para impedi-la.

Essa outra representação comporta um excesso de afeto do qual o Eu não pode se libertar, portanto, subtrai do registro do Imaginário um de seus suportes

---

<sup>62</sup> idem, p. 40 (grifo nosso).

simbólicos, o qual assume esse excesso de afeto que pertence à outra representação, dando ao sintoma seu peso de real.

Segue-se que, após esse acontecimento, a paciente apresentou constantes contraturas e anestésias no mesmo braço e, relata Freud, paralelamente ao desenvolvimento das contraturas, surgiu uma profunda **desorganização funcional da fala**. A princípio, sentia dificuldade em encontrar as palavras. Depois, perdeu o domínio da gramática e da sintaxe: não mais conjugava verbos e acabou por empregar apenas os infinitivos, formados incorretamente a partir dos participípios passados, além de omitir os artigos definidos e indefinidos. Com o passar do tempo, ficou quase desprovida de palavras: juntava-as penosamente a partir de quatro ou cinco idiomas e tornou-se quase ininteligível<sup>63</sup>.

Este fato, no caso dessa paciente, remete-nos para o que vimos (Parte Um deste trabalho) em *A Interpretação das Afasias* sobre a questão da **parafasia**. Esse distúrbio denuncia os diferentes níveis funcionais da estruturação das funções da linguagem. É dos casos patológicos de lesão orgânica na área da linguagem, e conseqüentes distúrbios na língua materna, que Freud extrai sua hipótese sobre a estruturação das funções da linguagem. No caso de lesão, diz Freud, aquilo que foi inscrito mais recentemente, e permanece mais eficiente, é o que se perde primeiro. Nesses casos, a língua materna é a última a sofrer os danos de uma lesão.

No caso da paciente de Freud, não houve lesão. No entanto, não passou para o inglês antes de apresentar uma espécie de 'afasia' na língua materna. Essa disfunção da fala na língua materna aconteceu ao mesmo tempo em que começou a apresentar contraturas, anestésias e paresias no braço. A parafasia se deu gradativamente: foi perdendo aquilo que Freud chama de 'funções da linguagem', repetindo uma situação que se apresenta normalmente durante a inscrição dessas funções, até, finalmente, emudecer por completo.

A representação intolerável foi esquecida (assim como foram se perdendo as funções da fala na língua materna), desaparecendo também a representação das duas imagens motoras, a da fala na própria língua e a do movimento.

---

<sup>63</sup> idem, p. 60.

Acrescenta-se a representação da língua estrangeira, que veio em seu socorro, no momento de aflição.

No relato de Freud, o fenômeno das contraturas associou-se de tal maneira à questão da fala que, posteriormente, quando a paralisia regrediu, a paciente passou ao sintoma: “**passou a falar apenas inglês - só que, aparentemente, sem saber o que estava fazendo** (pois discutia com a enfermeira, que não conseguia entendê-la)”. Meses depois, Freud consegue convencê-la de que ela estava falando inglês<sup>64</sup>.

Podemos nos perguntar, agora, a respeito da ‘familiaridade’ com que é tratada a língua estrangeira neste caso. Parece-nos que esta, pela maneira como o caso é apresentado, vem **no lugar do estranhamento na língua materna**; devido à condição de alteridade da própria língua materna, representação absolutamente estranha, a língua estrangeira se apresenta como o mais familiar. Se a realidade psíquica, segundo Freud, é fundada com a divisão primordial entre **fora e dentro** do Eu (como vimos anteriormente), o vazio deixado por essa divisão tem efeitos negativos para o Eu, que não encontra, na assim chamada Língua Materna, a objetividade desejada para poder tudo dizer. O sujeito vai para a Língua Estrangeira, a partir, portanto, de um movimento lógico primordial ocorrido no Eu, movimento causador/provocador da impossibilidade constitutiva da Língua Materna.

Gostaríamos de destacar que privilegiamos esse caso, porque, se estamos considerando, com Freud e Lacan, o sujeito, constituído por linguagem, esse caso vem, justamente, interrogar os estatutos de ‘familiar’ - atribuído à Língua Materna - , e de ‘estranho’ - atribuído à Língua Estrangeira. A concepção de sujeito que adotamos, nos permite tomar, na representação do Estranho, o elemento organizador, e não diferenciador, nessa relação ‘entre’ línguas. É através dessa representação que se dá a ‘passagem’ entre línguas. A inclusão do sujeito, nessa perspectiva, permite que o Estranho não as diferencie, mas que as coloque, como diz Freud, ‘nas mesmas áreas’, que as tome primeiramente enquanto elementos

---

<sup>64</sup> idem, p. 61.

de linguagem, de maneira que se possa entender a Língua Estrangeira como uma leitura, que faz o sujeito, a partir da Língua Materna.

## 2.4 O Estranho na Língua Materna - O caso de Louis Wolfson<sup>65</sup>

Da leitura que Fontaine faz da obra de Wolfson, interessa para o nosso trabalho destacar e extrair conseqüências das ações que Wolfson empreende a partir de sua relação com a língua materna, o inglês. Autor de 'Le schizo et les langues' (1970), Wolfson escreve em francês, e não consegue realizar seu desejo: "le jeune homme malade mentalement sera un jour capable de nouveau, d'employer cette langue, le fameux idiome anglais"<sup>66</sup>. Seus escritos em francês possuem uma razão comum: sua luta com a perseguição da língua materna, contra a qual ele se empenha em um trabalho de desarticulação.

Esse livro é a maneira pela qual o autor recebe e reage às sonoridades de sua língua materna (e particularmente à voz de sua mãe), pois esses sons "font surgir dans la tête un écho intolérable voisin de la douleur, une réverbération écholalique de son cerveau malade"<sup>67</sup>, que ele trata de suspender. Para isso, não pode fazer nada menos do que destruir, sistematicamente, todas as palavras da língua inglesa, isto é, desarticular todos os vocábulos dessa língua, fonema por fonema.

Sua relação com a língua inglesa, na citação que se segue, testemunha parte importante do processo que envolve os efeitos da percepção da imagem sonora e da imagem motora da fala, ou seja, a simultaneidade com que a fala afeta o corpo diretamente, em um "unísono quase exato" da vibração das cordas vocais de um (a mãe), às vibrações da membrana do tímpano do outro (Wolfson):

---

<sup>65</sup> Albert Fontaine, "Pour une lecture de Louis Wolfson", in *Littoral*, n. 23/24, 1987, pp. 73-101. (Agradeço a Cláudia de Lemos pela indicação da leitura desse artigo, por ocasião do exame de qualificação desta tese).

<sup>66</sup> "o jovem mentalmente doente será um dia novamente capaz de utilizar essa língua, o famoso idioma inglês", apud Fontaine, op. cit., p. 74 (a tradução das passagens desse artigo são de nossa responsabilidade).

<sup>67</sup> "...fazem surgir em sua cabeça um eco intolerável, vizinho da dor, uma reverberação ecolálica de seu cérebro doente", idem, p. 77.

*“D’ailleurs, pendant ce temps la mère de l’étudiant aliéné l’avait suivi et était arrivée à son côté où elle disait de temps à autre quelque chose de bien inutile - du moins le jeune homme le pensait-il - et naturellement en anglais, et en semblant si remplir d’une espèce de **joie macabre** par cette bonne opportunité **d’injecter** en quelque sorte **les mots qui sortaient de sa bouche dans les oreilles de son fils, son seul enfant** - ou, comme elle lui avait de temps en temps dit, de **son unique possession** - en semblant si heureuse de faire **vibrer le tympan de cette unique possession** et par conséquent **les osselets de l’oreille moyenne** de la dite possession, de son fils, en unisson presque exacte avec ses cordes vocales, à elle, et en dépit qu’il en eût”<sup>68</sup>*

Mas não é somente a voz, enquanto tal, que faz com que ele falhe em se desvencilhar desse lugar. Wolfson percebe uma intenção subjacente, um tom de triunfo dessa voz. Se Wolfson se esforça por distorcer os sons do inglês, é para mudar a tonalidade, para agir “sur le ton de mauvaise volonté, de désir de lui nuire”<sup>69</sup>. Apesar de todas as alegações maternas de boas intenções e de ligação com seu filho, é “surtout **la conduite verbale** [qui] fournit une forte preuve d’une indifférence fondamentale, sinon une vraie antipathie pour lui”<sup>70</sup>.

Parece não ser, portanto, o sentido das palavras, mas os sons das palavras que o enredam nesse mal estar, algo que, anterior a elas, as acompanha, um afeto que se impõe em bloco através da tonalidade da voz da mãe. A voz materna, o uso que a mãe faz da língua inglesa e esta, por extensão, enquanto utilizada por toda uma comunidade da qual sua mãe é parte, todas essas vozes reverberam no seu cérebro, e fazem com que Wolfson, para neutralizar esse ‘desejo de lesá-lo’ e para agir sobre os efeitos dessa voz, faça suas operações sobre a língua.

---

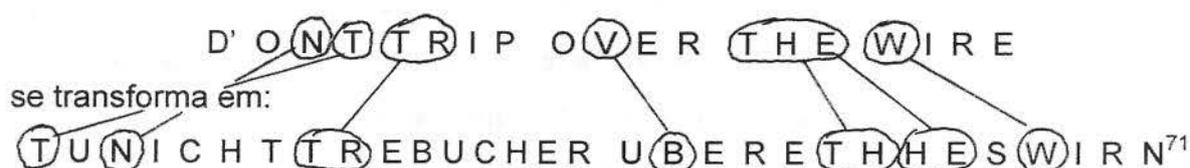
<sup>68</sup> “Aliás, durante esse tempo, a mãe do estudante alienado o tinha seguido e chegara a seu lado, quando dizia, de vez em quando, alguma coisa de bem inútil - ao menos o jovem assim pensava - e naturalmente em inglês, e parecia se tomar de uma espécie de alegria macabra pela boa oportunidade de injetar de algum modo as palavras que saíam de sua boca, nas orelhas de seu filho, sua única criança - ou, como ela lhe dizia de tempos em tempos -, de sua única posse parecendo tão feliz por fazer vibrar o tímpano dessa única posse e, por consequência, a membrana do ouvido médio da dita possessão, de seu filho, em uníssono quase perfeito com suas cordas vocais, apesar de ele também as ter”, idem, p. 78 (grifos nossos).

<sup>69</sup> “sobre o tom de má vontade, de desejo de lesá-lo”, idem, p. 79.

<sup>70</sup> “sobretudo **a conduta verbal** [que pode também ser o conduto auditivo] que fornece uma forte prova de uma indiferença fundamental, ou até mesmo de uma verdadeira antipatia por ele”, idem, ibidem (grifo nosso).

Procura, nos vocábulos escritos ou falados dessa língua, ou de outras línguas, o apoio necessário para o uso que sua mãe faz do inglês. Esse apoio ele encontra pela via da escrita, **no esqueleto consonantal da língua** (ele diz que as vogais não lhe importam, e as consoantes são mais estáveis, permitindo o despedaçamento mais eficiente de um vocábulo), o que o autoriza a identificar as correspondências consonânticas, com o que ele chama de 'congêneres' nas outras línguas. Seu objetivo em fazer 'desaparecer' um vocábulo é alcançado, então, quando uma relação termo a termo for estabelecida com um outro, entre as cinco línguas de que o autor dispõe.

Queremos destacar aqui que Wolfson procura resolver com o escrito esse mal estar com relação à tonalidade da voz, como se o escrito o remetesse a uma espécie de origem, ao momento mesmo da inscrição das marcas da linguagem no corpo. Assim, por exemplo, o enunciado materno:



Sua estratégia consiste em procurar, em outras línguas, equivalências consonânticas, o que faz, opondo ao caractere purificado da alucinação na própria língua, as conversões homofônicas tornadas instantâneas. Isso tem como efeito, fazer cessar a reverberação dolorosa, mas deixa intacta a instância persecutória da voz. Já havíamos visto, anteriormente, que a voz apenas presentifica o mal estar para Wolfson. Ele procura encontrar, no mais real/puro da escrita, um ponto de conversão homofônica com outras línguas, para fazer escoar por aí o afeto desagradável que o tolhe.

Com esses jogos lingüísticos, baseados nas **semelhanças de sentido e de som entre as palavras inglesas e as palavras estrangeiras**, a língua inglesa, 'destruída' pouco a pouco, se torna 'cada vez mais suportável'. Ele deseja ter descoberto:

<sup>71</sup> idem, p. 80.

*“un facteur émotif, sans doute plus ou moins subconscient, car il ne le trouverait jamais mentionné dans un livre...et ça serait d’après lui, peut-être vague sinon refoulé, de ne pas devoir sentir sa langue maternelle comme une entité...mais par contre de pouvoir la sentir bien différemment, comme quelque chose de plus, comme exotique, comme un mélange, un pot pourri de divers idiomes”<sup>72</sup>*

Para se tornar suportável, sua língua materna deve se abrir às línguas estrangeiras, para, com isso, perder o impacto da onipotência em que se transformou pela tonalidade da voz da mãe. Seu desejo, ao procurar correspondências entre os sons das línguas, é alargar suas fronteiras e escapar à perseguição. Wolfson toma a sonoridade da língua materna (em um momento anterior ao sentido) como o veículo do afeto (não dito) dirigido a ele. O som do afeto não dito causa seu trabalho de desconstrução dessa língua. Wolfson procura, ainda, na marca mais real dessa inscrição, a maneira de reescrever esse afeto não dito pela mãe. Ao desmontar a língua inglesa fonema por fonema, para reescrevê-la em outras línguas, nos revela os mecanismos pelos quais os sons dos afetos de sua língua materna se impuseram a ele de maneira literal.

Podemos observar essa questão da imposição do literal, na obra de Wolfson, se recolhermos mais algumas informações, trazidas por Fontaine, sobre seu segundo livro “Ma mère musicienne est morte” (1984)<sup>73</sup>. Essa segunda obra de Wolfson, é um comentário de sua própria tradução, para o francês, da absurda precisão das anotações - impenetráveis quanto ao sentido - deixadas por sua mãe (fatos cotidianos, nomes, datas, preço da consulta, apostas na hípica, etc.) durante sua doença. A morte da mãe, posterior à escrita do primeiro livro, cria um acontecimento inassimilável, fato real que não pode existir isoladamente, e para o qual esse seu segundo escrito é uma resposta. Sete anos após a morte da mãe é possível, através do segundo livro, adentrarmos os detalhes do primeiro.

---

<sup>72</sup> “um fator emotivo, sem dúvida mais ou menos subconsciente, pois ele não o encontraria jamais mencionado num livro...e isso seria, segundo ele, talvez vago, senão recalçado, de não conseguir sentir sua língua materna como uma entidade...mas, em compensação, de poder senti-la bem diferentemente, como alguma coisa de além, como exótica, como uma mistura, um potpourri de vários idiomas”, idem, p. 83.

<sup>73</sup> idem, p. 73.

A mãe, moribunda, lhe passa dois castigos, tal como se encontram no relato de Wolfson:

'Cet après-midi, ma mère mourante me donna deux consignes que je ne respecterais ni l'une ni l'autre. - Ne parle pas de moi, L! (Mais si j'en parle, c'est beaucoup sa propre faute en ayant, premièrement tenu un *Dossier d'hôpital* et en ayant, deuxièmement, "choisi" de mourir de manière tellement **allitérative!** comme mentionné! : *A Ma Mère, Musicienne, Morte d'un Mésothéliome Métastasant, au Milieu de Mai, à Minuit, Mardi à Mercredi, au Mouroir Mémorial, à Manhattan, Mille 977*, et de manière arithmétique: le 18 mai est le 138<sup>o</sup> jour de l'année et nous habitons la 138<sup>a</sup> rue.) - Ne joue plus aux chevaux! Ne joue plus aux chevaux!"<sup>74</sup>

A coincidência dos sons da língua e das cifras abre uma ordem para além do voto maternal, um **dever** de leitura desses fatos, sobre os quais se articula a razão de seu escrito. Wolfson tem o projeto de encontrar "la conjoncture de l'heure, de la date, de l'endroit de sa mort, de la sorte de cancer..."<sup>75</sup>, que tenta fazer em francês. O que surge daí, é, segundo Fontaine, uma cascata de significantes, enredados em sua semelhança ou sua simultaneidade, parecendo que a interdição da mãe não o confunde, mas sim fá-lo iniciar seu livro, pelo *Dossier d'Hôpital* que ela lhe legou. Wolfson tenta ligar **aliterativamente** as séries sem sentido, as notas e os acontecimentos. O fato da escritura reitera a 'experiência' **numa outra ordem de língua**: a escolha aliterativa da morte da mãe não é concebida numa língua anglo-saxônica. Até mesmo o título desse livro é, segundo Fontaine, uma criação aliterativa em torno da consoante *m*, e anuncia, sob uma forma singular, numa espécie de balbucio, o liame entre Wolfson e a morte de sua mãe.

A palavra, para Wolfson, fascina pelo oposto do sentido, por aquilo que ela traz de sinal, de marca, de letra. Para o inconsciente, a letra não precisa ser lida

---

<sup>74</sup> "Naquela tarde, minha mãe moribunda me deu dois conselhos, os quais não iria respeitar nem um, nem outro. - Não fale de mim, L! (mas se falo dela/disso, é por sua própria culpa em ter primeiramente conservado um dossiê do Hospital e por ter, em segundo lugar, 'escolhido' morrer de maneira tão **aliterativa!** como mencionado!/: *A Ma Mère, Musicienne, Morte d'un Mésothéliome Métastasant, au Milieu de Mai, à Minuit, Mardi à Mercredi, au Mouroir Mémorial, à Manhattan, Mille 977*, e de maneira aritmética: 18 de maio é o 138<sup>o</sup> dia do ano e nós moramos na rua 138) - Não jogue nos cavalos! Não jogue nos cavalos!" idem, p. 75 (grifo nosso).

com relação ao que a precede ou segue, pois não se distingue por sua pronúncia (sua articulação fônica e sua ligação com o som). A letra se inscreve como limite (no lugar daquilo) que não se lê. Assim, o que importa para o inconsciente é o literal ('a coisa das palavras'), e não o sentido. O literal tem, entretanto, estrutura de linguagem. Para Wolfson, a aliteração impõe-se como um dever de trabalho, isto é, operar um sentido para o sem sentido das anotações da mãe. Sua operação de destruição dos sons da língua materna com a escrita, revela uma fixação, em um dos tempos de estruturação, das funções da linguagem, que, segundo Freud<sup>76</sup>, compreende, em primeiro lugar, o sensorial-acústico, depois o motor, mais adiante o visual e, por fim, o gráfico.

Se o trabalho de Wolfson é uma luta contra os sons da língua materna, que fazem reverberar a voz da mãe, e se estamos tomando, neste trabalho, a constituição do sujeito por linguagem, devemos nos reportar, mais uma vez aos elementos da estruturação subjetiva e apontar, ao menos sinteticamente, suas diferenças nas neuroses e nas psicoses.

Tanto para Freud, quando se refere ao Estranho na experiência do 'duplo' (citada nesta parte sob o título 'O Estranho de Freud'), quanto para Lacan, com o *Estádio do Espelho*, a **agressividade**<sup>77</sup> é uma experiência subjetiva por sua própria constituição. A importância da função formadora das imagens no sujeito reside no fato de que a eficácia da imagem revela a relação específica do homem com seu próprio corpo: a agressividade ligada à relação narcísica, que caracteriza a formação passional do Eu, permite compreender toda sorte de acidentes e atipias no devir do sujeito<sup>78</sup>.

Essas atipias se prendem a uma organização original das formas do Eu e do objeto, que são afetados por ela (essa organização) em sua estrutura, nas categorias de uma defasagem espacial e temporal em que eles se constituem. O sentimento do próprio corpo vem da matriz da imagem do outro. A imagem é,

---

<sup>75</sup> "a conjunção da hora, da data, do local de sua morte, do tipo de cancer...", idem, ibidem.

<sup>76</sup> Sigmund Freud, *A interpretação das Afásias*, op. cit. p. 60.

<sup>77</sup> Jacques Lacan, 1948, "A Agressividade em Psicanálise", in *Escritos*, trad. De Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 104-26 (Agradeço a Viviane Veras pela indicação da leitura desse artigo).

<sup>78</sup> idem, pp. 107-8.

portanto, da ordem da causalidade psíquica. Assim, **o sentimento de perseguição, que equivale a uma estranheza**, corresponde a formas arcaicas ou a momentos críticos que escandem a história do sujeito, e representa deficiências do modo imaginário, modo segundo o qual o sujeito constitui seu mundo<sup>79</sup>.

O desconhecimento dessa identificação primária, ou, a ausência dessa dialética, produz uma reação em cadeia no Imaginário, cujo efeito é a presentificação de uma **alteridade persecutória por si mesma**, pois o que o Eu não pode aceitar, é que deve atribuir ao outro uma parte importante de sua constituição. Portanto, cada elemento que venha neutralizar esse desconhecimento, evocando a intolerável alienação na qual se constitui, ou seja, todo objeto que reconduza o Eu à sua origem no outro, pode ganhar valor de perseguição.

Parece-nos que, no caso de Wolfson, algo tornou inoperante a mediação da relação imaginária produzida pela linguagem, fazendo com que o som da língua materna retornasse para ele sem apoio no Simbólico, como um real persecutório. Essa perseguição não é da ordem da significação, pois Wolfson não se apressa em compreendê-la; ela tem seu motivo em um fato de escrita, em uma leitura específica daquilo que a voz da mãe revela pelo não-dito. Sua maneira de usar a língua, para desarticulá-la em outras línguas, surpreende pela seriedade com que produz seu escrito sobre o caractere alucinado dessa língua materna, evidenciando algo que, da estrutura da linguagem, só se revela pelo escrito. Desarticula, no corpo consonantal da língua, aquilo que faz marca em seu próprio corpo.

Nossa insistência, por outro lado, na importância da formação do Eu para a constituição do sujeito, comporta, além da questão da **imago**, a questão da eminência do lugar da enunciação a partir da dialética própria da **Denegação**. Quando discutimos a questão da Denegação<sup>80</sup>, vimos que o pensamento não nasce antes da denegação. Há que se entender esse artigo de Freud considerando-se a negação do julgamento de atribuição e a negação do julgamento de existência, como anterioridade lógica ao aparecimento da negação

---

<sup>79</sup> idem, p. 114.

em sua função simbólica. A gênese da denegação comporta, portanto, uma operação de expulsão, sem a qual a operação de introjeção não teria sentido. Do mesmo modo, no julgamento de existência, trata-se de atribuir ao Eu uma representação, à qual seu objeto já não corresponde, mas terá correspondido numa operação anterior: “o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade não é *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá”<sup>81</sup>.

Essas duas operações complementares definem um processo ‘primário’ constituído pela Bejahung - afirmação primeira (Freud), e simbolização (Lacan); e pela Verneinung, denegação, sucessora da Ausstossung [expulsão] - que constitui o Real, na medida em que ele é o domínio que subsiste fora da simbolização. Se Freud não nos diz que o nascimento do pensamento se torna possível pela afirmação [Bejahung] é porque só a negação [Verneinung] representa a possibilidade da simbolização. Da dialética dessa experiência nasce a função do julgamento mediante “a criação do símbolo da negação, primeira medida de liberdade das conseqüências do recalque e, com isso, da compulsão [Zwang] do Princípio de Prazer”<sup>82</sup>.

A gênese dessas operações possibilita também, por outro lado, que se entenda que o prazer generalizado de denegar [die allgemeine Verneinungslust], o negativismo que caracteriza alguns psicóticos seja um indício da desfunção da pulsão [Triebentmischung] através da subtração [durch Abzug] dos componentes libidinais<sup>83</sup>. Lacan<sup>84</sup>, como Freud, entende o negativismo dos psicóticos como ausência da Bejahung [afirmação primordial], ou melhor, daquilo que deveria se opor a ela, e que vai se constituir como aquilo que é expulso. Foi ainda Lacan quem estabeleceu, a partir do termo freudiano, esse tempo da dialética da Verneinung [denegação], a **Verwerfung** (foraclusão), que constitui a falta que dá à psicose sua condição essencial. Aquilo que foi foracluído sem a dialética da

---

<sup>80</sup> Sigmund Freud, 1925, *A Negativa*, op. cit.

<sup>81</sup> idem, p. 267.

<sup>82</sup> idem, p. 269.

<sup>83</sup> idem, ibidem.

<sup>84</sup> Jacques Lacan, “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud”, in *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 385.

afirmação-negação, instaura, na ordem da linguagem um corte, um limite. Não havendo apoio no símbolo, o sujeito permanece alienado, capturado no Imaginário. Essa interseção do Simbólico e do Real opera sem o intermediário Imaginário, mas este se mediatiza, segundo Lacan, sob uma forma que renega, pelo que foi excluído no primeiro tempo da simbolização.

Falta ao psicótico a assim chamada identificação secundária, que Lacan<sup>85</sup> reconhece como função apaziguadora e dialética (em relação à agressividade da identificação primária) que conecta o libidinal com o cultural. Essa função permite que o espaço onde se desenvolve o conjunto das imagens do Eu venha se juntar ao espaço objetivo da realidade. A identificação secundária (ou edipiana) é aquela através da qual o sujeito transcende a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva<sup>86</sup>.

Feitas essas considerações a respeito da importância da imagem e da dialética da Denegação na constituição subjetiva, retomamos o caso Wolfson para dizer, novamente, que este caso traz o Estranho da Língua Materna, como elemento organizador na relação entre as línguas, e, assim, coloca em questão, o limite entre as línguas, mas, desta vez, a partir de uma outra visada, a das correspondências fundadas nas sonoridades das línguas. A língua materna se apresenta, neste caso, como uma maneira singular de Wolfson se relacionar com a linguagem. Essa língua, Wolfson a escuta pelo corpo, convocado pela sonoridade literal, como se ela estivesse à espera de uma leitura. O que Wolfson ouve dessa língua é um modo particular de inscrição da linguagem no corpo.

Os dois casos nos fazem constatar que toda relação com uma Língua Estrangeira passa, necessariamente, pela relação Estranho-Familiar na Língua Materna. Para Anna O., o inglês vai recobrando o alemão, para re-calcular esse estranho que irrompe na língua alemã. O Estranho, nesse caso, **movimenta**, causa o desejo (causa o Familiar), porque o Estranho-Familiar encontra-se ainda no campo do sentido, no campo representacional. Anna O. não deseja o impossível, deseja, porque é impossível.

---

<sup>85</sup> Jacques Lacan, "A Agressividade em Psicanálise", op. cit.

<sup>86</sup> idem, p. 119.

No caso de Wolfson, as outras línguas entram para de-fendê-lo da língua inglesa. Esta, só lhe aparece como Estranho, uma vez que não 'importa', para Wolfson, o campo do sentido. Assim, as outras línguas entram para movimentar o Estranho que **invade**, como uma Língua Estrangeira. O Estranho não se apresenta aqui como aquele que põe em movimento, portanto, não pode causar o Familiar. O que restou a Wolfson de Familiar é de outra ordem, não se encontra no campo representacional, apresenta-se como dor, no **corpo**. Se o Estranho não pode causar o desejo, Wolfson busca o impossível: com o literal da linguagem (nas letras das línguas estrangeiras) defender-se da perseguição e dissolver a tonalidade dessa língua, cuja ressonância o capturou no corpo.

## **PARTE TRÊS**

A LINGUAGEM e a ESCRITA do SUJEITO

## INTRODUÇÃO

Nesta parte do trabalho vamos retomar algo que mencionamos na Parte Um, ou seja, que Freud concebe os 'aparelhos' de memória e de linguagem como sistemas de escrita. Lembramos que Freud caracteriza a memória tomando a impressão [Eindruck] do mundo exterior como uma inscrição [Niederschrift] e posterior reescritura [Umschrift] do signo [Zeichen], que se modifica em traço de memória [Erinnerungsspur]. Todos esses fatos são da ordem da escrita. Se Freud insiste em caracterizar esse material como literal, está nos dizendo que a linguagem é construída na inscrição de traços de memória que se reescrevem.

Se a memória é, como diz Freud, primariamente, inconsciente, e se as formações do inconsciente são decifráveis (permitem uma leitura com o escrito), entendemos que o inconsciente cifra (escreve com o escrito). Se o eixo comum que Freud encontra na linguagem são as formações decifráveis, lapsos, esquecimentos, sonhos (que revelam o desconhecimento do sujeito), é porque estão cifradas no sujeito. É assim que entendemos a relação da linguagem com a escrita do sujeito.

### **A) Por que podemos falar de texto psíquico em Freud? De que tipo é essa escrita? E o que significa a leitura dessa escrita?**

As referências de Freud sobre a escrita nos vêm desde o "*Projeto para uma Psicologia Científica*"<sup>3</sup>, passando pela "*Carta 52*"<sup>4</sup> a Fliess, até chegar ao "*Bloco Mágico*"<sup>5</sup>. Mas é sobretudo em "*A Interpretação dos Sonhos*"<sup>6</sup> que se destaca o papel da escrita no funcionamento psíquico. Ao aproximar o sonho e a escrita, Freud nos mostra que os fatos de linguagem se escrevem quando apresentam a imagem do sonho em seu valor literal. A operação do trabalho do sonho é, já, seu modo de ler os pensamentos latentes com a escrita do conteúdo manifesto. Para se entender, então, a aproximação feita por Freud entre o sonho e a escrita, é

<sup>3</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, op. cit.

<sup>4</sup> Jeffrey Moussaieff Masson, *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, op. cit.

<sup>5</sup> Sigmund Freud, 1924, *Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'*, ESB, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 255-259.

preciso que não se tome a última como uma invenção posterior à fala, mas como uma escrita latente na própria linguagem. Essa escrita, que vem de “outra cena” e não se dá a ver no imediato, revela, na interpretação do sonho, o trabalho do desejo, sob o modo específico de operação dos “processos primários”.

Se tomamos, então, como ponto de partida, os trabalhos do sonho e de sua interpretação, nos quais, em seu desvelamento, coincidem, como o disse Breuer, sua **dissolução/decomposição** com sua **solução** [Auflösung e Lösung]<sup>7</sup>, o melhor exemplo de interpretação de sonho, segundo Freud, vem da antigüidade e é baseado num trocadilho: Alexandre da Macedônia cercou a cidade de Tiro, mas se sentia inquieto em vista do longo tempo que o cerco havia tomado. Sonhou que havia um Sátiro dançando em seu escudo. Aristandro, intérprete de sonhos, que acompanhava o exército naquele momento, interpreta o sonho dividindo a palavra ‘Satyros’ em dois elementos (sa Tyros), o que incentivou o rei a apertar o cerco, e este se tornou senhor da cidade. Dessa divisão surgia: Tiro é tua<sup>8</sup>.

Esse sonho escreveu, em uma figura, um elemento literal, que pôde ser lido, quando se separaram seus elementos escritos para seu deciframento. O Sátiro não intervém enquanto figura absurda de um deus com chifres curtos e pés e pernas de bode, nem tampouco sugerindo o sentido de homem devasso, mas enquanto escrevendo: “sa tiro” (tua Tiro). A escrita do texto desse sonho figura o Sátiro, para significar outra coisa, além das significações que essa imagem possui no código. O que ocorre nesse caso é um **ciframento**, que é produzido com a escrita não apenas do som, mas do escrito. O que Freud fez, tomando este ponto de partida, foi **ler** com esse escrito, procedendo uma leitura **literal** (isto é, ler o que o sonho leu e escreveu com o som e com a escrita da figura), um **deciframento**.

Mas a operação de leitura com o escrito (transliteração) não bastaria para definir, por si só, um modo de leitura. Segundo Allouch<sup>9</sup> essa operação, por ser uma operação simbólica, está articulada a duas outras, que são a tradução, quando o escrito se baseia no sentido, e a transcrição, quando este se regula pelo

---

<sup>6</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit.

<sup>7</sup> idem, p. 135.

<sup>8</sup> Idem, pp. 133-4 (nota 1)

som. Apesar de Freud utilizar, ora o termo “transcrição” [Übertragung], ora “tradução” [Übersetzung] para caracterizar o trabalho do sonho e de toda formação do inconsciente, é ao trabalho de decifração de Champollion que Freud alude para dizer que o sonho não transporta, simplesmente, o sentido de uma língua para outra:

*“O conteúdo do sonho é como uma **transcrição** dos pensamentos oníricos **em outro modo de expressão**, cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir...O conteúdo do sonho é expresso, por assim dizer, **numa escrita imagética** [Bilderschrift], cujos caracteres têm que ser transpostos um a um para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos **ler** esses caracteres segundo seu valor de imagem [Bilderwert], e não de acordo com sua **relação com o signo** [Zeichenbeziehung], seríamos claramente conduzidos ao erro...O sonho é esse **enigma figurativo** [Bilderrätse], e nossos predecessores cometeram o erro de considerar o rébus como uma composição pictográfica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor”<sup>10</sup>.*

Está aqui colocada, mais uma vez, a oposição entre a teoria freudiana da associação e a teoria empirista da associação, cuja falha tradicional foi tentar entender o sonho como composição pictórica, associando a figura ao seu sentido. Assim procedendo, a forma do sonho aparece como um sem sentido, como expressão exterior, e não como uma ordem simbólica determinante dos elementos de uma combinatória. Os elementos do sonho, na concepção de Freud, não podem ser entendidos analogicamente, mas em uma relação formal sujeita a uma lei. Quando Freud, nessa citação, nos convida a “ler com o signo”, convoca-nos a uma operação de deciframento, ao mesmo tempo em que destaca a posição da escrita. É preciso, pois, observar primeiro a operação da **transliteração** na decifração, para depois definir o que é focalizado pela tradução e pela transcrição. Essa operação de leitura que está no princípio da significância do sonho só se realiza pela estrutura de linguagem presente no sonho.

---

<sup>9</sup> Jean Allouch, *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matemático, 1995, p. 14.

<sup>10</sup> Sigmund Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., pp. 303-4 (grifos nossos).

Para haver uma leitura, é preciso que se considere que as três operações, embora isoláveis, “nunca são encontradas em estado de completo isolamento”<sup>11</sup>. Podemos, então, entender a citação de Freud (acima) de que “o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em um outro modo de expressão”, levando em conta que, na *Carta 52*, “o material **inscrito** sob a forma de traços mnêmicos sofre, de tempos em tempos, de acordo com as novas circunstâncias, uma **reescrição** [Umschrift]”<sup>12</sup>. A partir do momento em que há a inscrição de um real, já estamos falando de transcrição (quando o escrito é regulado pelo som) e já nos encontramos no campo de uma linguagem. O objeto então produzido por essa transcrição é determinado, ele também, pela linguagem. O “de tempos em tempos”, entendemos como uma operação na qual essa escrita parcial faz sentido, ou seja, é lida com a linguagem, tendo em vista que “essa consciência secundária do pensamento se dá, **a posteriori** [nachträglich]...ligada às representações-palavra”<sup>13</sup>. Podemos tomar essa posição de Freud como confirmação da questão de uma escrita anterior, lida posteriormente com a linguagem. Na operação de transcrição está contida, como já vimos com Freud<sup>14</sup>, a impossibilidade de se apreender o objeto como tal, tendo em vista que a associação é complexa, ou seja, para ela concorrem elementos acústicos, visuais e motores, que engendram a representação. A escrita que a transcrição põe em jogo não é, portanto, a da própria coisa, é escrita parcial.

Em 1913, o sonho não é tradução, nem transferência de sentido de uma língua para outra:

*“parece-nos mais justo comparar o sonho a **um sistema de escrita**, que a uma língua. De fato, a interpretação de um sonho é análoga, do começo ao fim, ao **deciframento** de uma escrita figurativa da Antigüidade, como os hieróglifos egípcios. Em ambos os casos há certos elementos que não se destinam a ser interpretados (ou lidos, segundo for o caso), mas têm por intenção servir como ‘determinativos’, ou seja, estabelecer o significado de algum outro elemento. A plurivocidade dos diferentes elementos do sonho tem o*

<sup>11</sup> J. Allouch, *Letra a Letra*, op. cit. p. 15.

<sup>12</sup> J.M. Masson, *A Correspondência Completa*, op. cit., pp. 207-8 (grifos nossos).

<sup>13</sup> Idem, pp. 208-9.

<sup>14</sup> Sigmund Freud, *A Interpretação das Afasias*, op. cit.

*seu equivalente nesses sistemas de escrita antiga, bem como a omissão de várias relações, que em ambos os casos tem que ser suprida pelo contexto*<sup>15</sup>.

Se Freud reconhece na operação de decifração de Champollion o mecanismo possível para a leitura de um sonho, está atribuindo ao mesmo tempo ao sonho o valor de uma formação literal, e definindo este trabalho do desejo como um trabalho de escrita.

É por isso que Freud trata cada nuance da expressão falada no sonho com a mesma dignidade, mesmo quando lhe é apresentado um relato sem sentido ou insuficiente. Em suma, aquilo que, na opinião de outros autores, parece ser uma improvisação arbitrária, é lido por Freud como um **texto sagrado** [wie einen heiligen Text]. Tampouco as modificações que o sonho sofre na **redação da vigília** [Redaktion des Wachens] são, para ele, arbitrárias, pois elas permanecem em ligação associativa com o conteúdo do sonho, em cujo lugar se estabelecem e servem para apontar o caminho para esse conteúdo, que, por sua vez, será novamente o substituto de um outro<sup>16</sup>.

O que está sugerido aqui é que o trabalho do sonho não busca nada fora da massa dos pensamentos do sonho, nem mesmo cria alguma coisa, mas restringe-se a dar aos pensamentos **uma nova forma**: “arranca-os de seu contexto e os corta em pedaços, incorporando algumas partes e rejeitando outras, como os reúne numa nova ordem, de maneira que um pensamento que figura num sonho como um todo integrado revela, na análise, compor-se de três ou quatro fragmentos desconexos”<sup>17</sup>. Na reescritura dessa nova versão, o sonho abandona o sentido que as palavras possuíam originalmente nos pensamentos do sonho e lhes dá um novo sentido, combinando diversos outros significados com as quais estão relacionadas, da mesma forma que estaria uma palavra sem sentido. Às vezes, quando se trata de todo um enunciado, este pode ser composto por vários outros (seu texto permanece idêntico), aos quais são atribuídos vários significados, ou um sentido diferente do original.

---

<sup>15</sup> Sigmund Freud, 1913, *O interesse científico da Psicanálise*, ESB, v. 13, Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 179-80.

<sup>16</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, v. 5, op. cit., pp. 546-7.

Quando Freud analisa o fenômeno da distorção nos sonhos<sup>18</sup>, estabelece um contraste entre seus conteúdos, *manifesto* e *latente*. No cap. VI da mesma obra, investiga o trabalho do sonho, ou seja, as relações entre esses dois conteúdos, desvendando os processos pelos quais os pensamentos do sonho (conteúdo latente) se transformam em conteúdo manifesto. Caracterizados os dois conteúdos como duas versões do mesmo assunto, interessa a Freud investigar, na concretude de **um outro modo de expressão**, quais as outras leis sintáticas a que estão submetidos os caracteres do sonho<sup>19</sup>.

O sonho trabalha na transformação da massa dos pensamentos, que, submetidos à pressão desse trabalho, são revolvidos, transformados em fragmentos e aglutinados, e assim os reescreve, cifrando as imagens e as palavras, a ponto de o conteúdo manifesto do sonho não mais se assemelhar ao núcleo dos pensamentos latentes. Tal qual uma **carta cifrada** ou um **palimpsesto**<sup>20</sup>, a inscrição do sonho revela, sob seus caracteres superficiais, uma outra escrita, uma escrita que carrega o peso de outras leis.

Quando Freud procura algo com que comparar a forma final do sonho, não consegue pensar em nada melhor do que a **escrita enigmática** com que o jornal *Fliegende Blätter* adota, quando pretende levar o leitor a crer que uma certa frase (em dialeto e “tão chula quanto possível”) é uma citação latina:

*“Para esse fim, as letras das palavras são separadas de sua combinação em sílabas e dispostas numa nova ordem. Aqui e ali surge uma autêntica palavra latina; em outros pontos, parecemos ver abreviações de termos latinos, e ainda em outros pontos da citação, deixamo-nos ser levados a fazer vista grossa à falta de sentido das letras isoladas por partes da escrita que parecem estar apagadas ou mostrando lacunas. Se quisermos evitar o engodo do chiste, teremos de desprezar tudo o que faça parecer uma citação [latina], olhar firmemente para as letras, **não prestar atenção a seu arranjo**, e, desse modo, combiná-las em palavras pertencentes à nossa língua materna”<sup>21</sup>.*

---

<sup>17</sup> Idem, p. 451 (grifos nossos).

<sup>18</sup> Idem, p. 170.

<sup>19</sup> Idem, p. 303.

<sup>20</sup> idem, p. 170. Freud cita James Sully, 1893 (*The Dream as a Revelation*, p. 364) (grifos nossos).

<sup>21</sup> Idem, p. 532 (grifos nossos).

No sonho, o material está todo aí, mas é embaralhado, de maneira a dar a ver uma escrita, que se serve de um deslocamento ou condensação das intensidades psíquicas para chegar a uma reescrita de todos os valores psíquicos. Como os pensamentos do sonho têm que ser escritos predominantemente com o material dos traços mnêmicos visuais e acústicos, e essa necessidade impõe ao trabalho do sonho uma representabilidade, a urgência é atendida com novos deslocamentos.

### **B) Como se escreve essa escrita? Por que se pode dizer que a escrita condiciona uma passagem?**

Todas as nossas falas pertencem ao domínio do já ouvido. Retomam as mesmas palavras ou combinações de palavras: provérbios, fórmulas mágicas, canções, orações, avisos, ameaças, apelos, comandos, interdições. No trabalho do sonho, as ressonâncias fonemáticas do escrito se deixam ouvir pela forma particular (voz) e altamente dependente da língua do sonhador. Ao comparar o sonho a um **escriva**, Freud atribuiu-lhe a tarefa de produzir uma escrita que, a partir de um dado pensamento (latente), reescreva-o como pensamento (manifesto) codificado ou cifrado (utilizando ou não imagens visuais), por imposição do compromisso com a censura<sup>22</sup>.

O sonho escolhe os instrumentos com os quais pode trabalhar, sejam eles, a condensação, o deslocamento, a consideração à representabilidade ou a elaboração secundária. A **condensação** trabalha os elementos numa estrutura composta de palavras, lugares ou pessoas, contanto que esses diferentes elementos tenham algo em comum com o pensamento latente. O processo se assemelha à construção de um conceito novo e transitório, que possua esse elemento comum como núcleo. O que se produz é uma imagem difusa e vaga “à semelhança daquilo que acontece quando se batem diversas fotografias sobre uma mesma chapa”<sup>23</sup>. Ao reescrever os pensamentos latentes em uma nova forma, não se trata, diz Freud, de uma tradução, pois esta procuraria preservar as

---

<sup>22</sup> Sigmund Freud, 1916-7, *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, ESB, v. 15, Rio de Janeiro: Imago, 1996, conferência XV, p. 231.

<sup>23</sup> Idem, *Conferência XI*, pp. 173.

singularidades do texto original e, principalmente, manter separadas as semelhanças. Ao contrário, o trabalho do sonho, quando utiliza a condensação, sobrepõe dois pensamentos diferentes numa palavra ambígua, lugar onde podem se aglutinar.

Interessa-nos destacar especialmente alguns exemplos do trabalho do sonho com palavras e nomes, pois, ao mesmo tempo em que clarificam a questão do ciframento (a maneira singular em que ocorre a escrita com o escrito), revelam a produção de uma nova forma que surge do desligamento do significante e do significado, sugerindo o trabalho de outras leis que impõem, à essa escrita, uma nova leitura:

1) Um colega médico enviara a Freud um artigo, no qual a importância de uma descoberta fisiológica era, na opinião de Freud, superestimada, e o assunto, tratado de maneira emocional. Freud então sonha com a seguinte frase: “Está escrito num estilo positivamente **norekdal**”. Não havia dúvida de que a palavra poderia ser uma paródia de superlativos (alemães) como “colossal” e “piramidal”, mas sua origem não era fácil de adivinhar. Finalmente, Freud percebe que a palavra era composta de dois nomes, “Nora” e “Ekdal”, personagens de duas peças de Ibsen, sobre quem lera um artigo no jornal, escrito pelo mesmo autor, cuja obra estava criticando no momento<sup>24</sup>.

2) Uma de suas pacientes narra-lhe um sonho que terminava numa palavra composta sem sentido. Sonhou que estava com o marido numa festa de camponeses e dizia: “Isso vai terminar num **‘Maistollmütz’** geral”. No sonho, tratava-se de uma espécie de pudim de milho, uma espécie de polenta. Freud divide a palavra em “Mais” (milho), “toll” (louco) = “mannstoll” (louca por homens - ninfomaníaca) e “Olmütz” (cidade da Morávia). Verificou que todos os fragmentos eram remanescentes de uma conversa que a paciente tivera com parentes: as associações com “Mais” eram “Meissen”, figura de porcelana de Meissen representando um pássaro; “Miss”, a governanta inglesa de seus parentes, que

---

<sup>24</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 322.

partira para Olmütz; e “mies”, gíria judaica para “repulsivo”. Uma longa cadeia de idéias e associações partia de cada sílaba dessa confusão verbal<sup>25</sup>. (idem)

3) Freud sonha com uma viagem marítima, cujas duas próximas escalas pareciam chamar-se “Hearsing”, e depois, “Fliess”. Esta última palavra era o nome de seu amigo Fliess, que fora o motivo de muitas viagens de Freud. “Hearsing” parecia ser um composto de nomes de lugares ao longo da ferrovia perto de Viena: Hietzing, Liesing, Mödling, antiga Medelitz = “meae deliciae”, ou seja, “meine Freud(e)” (minha alegria/meu deleite). A outra parte derivava da palavra inglesa “hearsay” (boato). Essa palavra sugeria calúnia, e seu instigador havia sido um poema, no jornal *Fliegende Blätter*, sobre um anão caluniador chamado “Sagter Hatergesagt” (diz/ele, ele disse/disse-me-disse). Se a sílaba “ing” fosse acrescentada ao nome Fliess, teríamos “Vlissingen”, escala marítima da viagem de seu irmão, quando vinha da Inglaterra. O nome inglês para Vlissingen é “Flushing”, que em inglês significa “enrubescer”, e que lembrou Freud dos pacientes que tratara por sofrerem de ereutofobia e de um artigo de Bechterew sobre essa neurose, que lhe causara aborrecimento<sup>26</sup>.

Na nota 1, da p. 323 do mesmo capítulo, Freud faz a seguinte afirmação:

*“Na vida de vigília, essa mesma espécie de análise e síntese das sílabas - uma química silábica, de fato - desempenha seu papel num grande número de chistes...Na vigília, tenho pouco direito a ser considerado uma pessoa espirituosa. Se meus sonhos parecem divertidos, não é por minha causa, mas por causa das condições psicológicas peculiares sob as quais os sonhos são construídos; e este fato está intimamente ligado à teoria dos chistes e do cômico. Os sonhos se tornam engenhosos e divertidos porque o caminho mais direto e mais fácil para a expressão de suas idéias é barrado: eles são forçados a ser assim...”<sup>27</sup>.*

O **deslocamento**, outro instrumento de trabalho do sonho, ora substitui o elemento por uma coisa mais remota, uma alusão, ou desloca o acento psíquico de um elemento importante para outro sem importância, produzindo o

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

<sup>26</sup> Idem, p. 324.

<sup>27</sup> Idem (grifos nossos).

estranhamento do sonho. Os exemplos citados por Freud são o da *Monografia Botânica*, no qual o ponto central do conteúdo manifesto era o elemento “botânica”, enquanto que o conteúdo latente dizia respeito às complicações e conflitos que surgem entre colegas (devido às obrigações profissionais) e à acusação feita a ele de que tinha o hábito de fazer sacrifícios exagerados pelos seus passatempos. O elemento “botânica” não ocupava nenhum lugar nesse núcleo de pensamentos, senão por antítese, pois a botânica nunca havia constado entre seus estudos favoritos.

Para esclarecer essa maneira peculiar de reescrita dos pensamentos latentes do sonho, Freud cita uma anedota: numa aldeia havia um ferreiro que cometera um crime. O júri decidiu que o crime deveria ser punido, porém, como não havia outro ferreiro na vila, mas, em compensação, três alfaiates, um deles foi enforcado no lugar do ferreiro<sup>28</sup>.

Mais adiante, no cap. IV (D), Freud retoma a questão do deslocamento, dizendo que até o momento ele o havia considerado enquanto substituição de uma determinada representação por outra, de alguma forma, próxima a ela na associação [ihr in der Assoziation irgendwie nahestehend]. Porém, diz Freud, existe outra forma de deslocamento que se manifesta na mudança/troca da expressão lingüística [Vertauschung des sprachlichen Ausdrucks] para o respectivo pensamento [für den betreffenden Gedanken]. Em ambos os casos, continua Freud, estamos lidando com deslocamento ao longo de uma cadeia de associações [längs einer Assoziationskette], mas **o mesmo processo se realiza em esferas psíquicas diferentes**, e o resultado desse deslocamento é, por um lado, um elemento ser substituído por outro (uma palavra por outra, pelo significado); por outro, um elemento trocar sua **versão-palavra ou sua constituição de palavra** [seine Wortfassung] por outra [uma palavra por outra, diríamos, enquanto significante]<sup>29</sup>. As reconfigurações que o deslocamento promove não se restringem, portanto, a movimentos ao longo de uma cadeia de associações num mesmo registro, podendo passar de um registro a outro.

---

<sup>28</sup> Idem, p. 308.

<sup>29</sup> Idem, p. 371 (grifos nossos).

A este propósito convém adiantarmos aqui uma observação fundamental de Freud em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*<sup>30</sup>. No caso dos lapsos, dos atos falhos e dos esquecimentos, é preciso que se vá além do conteúdo da fala intencional (*über den Inhalt der intendierten Rede hinausgehen*) e que se procure a causa da perturbação da fala fora da intenção [*die Ursache der Redestörung ausserhalb der Intention*]. Nos exemplos mais simples (de 'contaminação', de Meringer e Mayer<sup>31</sup>, o pensamento perturbador é claramente consciente. Nos exemplos mais complexos, o elemento perturbador não se dá a ver facilmente (é freqüentemente inconsciente), pois é diferente do pensamento intencional e ora se liga ao pensamento perturbado, através de associações internas (de significado/contéudo); ora através de uma associação externa (pela via da homofonia ou da ambigüidade). Procurar, portanto, a causa da perturbação da fala "fora da intenção" significa considerar que o deslocamento se faz no caminho associativo das representações, as quais, segundo Freud, se processam em diferentes esferas psíquicas. O deslocamento, então, favorece a condensação, porque, na medida em que acontece ao longo de duas cadeias associativas, ele conduz a representações ou a expressões verbais que constituem verdadeiras encruzilhadas.

Os outros meios de que se serve o sonho para efetuar a reescritura dos pensamentos latentes em conteúdo manifesto podem ser comparados, segundo Freud, à tarefa de substituir a escrita alfabética [*Buchstabenschrift*] pela escrita pictográfica [*Bilderschrift*]<sup>32</sup>. O desafio dessas tarefas da **colocação em cena** e da **consideração à representabilidade** é representar as articulações lógicas da causalidade e da contradição. Esses elementos do texto se perdem, à medida em que são transformados em imagens, porque, através do trabalho do sonho, o conteúdo dos pensamentos latentes é decomposto em material bruto de objetos/coisas [*Objekten*] e funções [*Tätigkeiten*]<sup>33</sup>. Com isso, Freud está nos dizendo que o fato de o sonho poder dispor da fala como mais um de seus

---

<sup>30</sup> Sigmund Freud, 1901, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, ESB, v. 6, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 266. (cf. também *Zur Psychopatologie des Alltagsleben*, GW, v. 4, p. 302.

<sup>31</sup> Idem, p. 70.

<sup>32</sup> Sigmund Freud, 1916-7, *Conferências Introdutórias*, op. cit. GW, v. 11, conferência XI, p. 178.

recursos nada modifica, porque, para o inconsciente, ela é apenas mais um elemento da encenação, como os demais. E é justamente porque o sonho esbarra nessa falta de material para representar as articulações lógicas, que se pode dizer que o sonho é uma questão de escrita e não de uma semiologia figurativa aliada aos fenômenos da expressão natural.

Como o trabalho do sonho leva em conta a ligação que existe entre todos os pensamentos do sonho, sua tarefa consiste em combinar esse material numa única situação. A **ligação lógica** vai ser reproduzida pela **simultaneidade no tempo**:

*“A cada vez que ele [o sonho] aproxima dois elementos, garante um laço particularmente íntimo entre os elementos que lhes correspondem nos pensamentos do sonho. Da mesma forma, em nosso **sistema de escrita**, “ab” significa que duas letras devem ser pronunciadas como uma única sílaba. Quando se deixa uma lacuna entre o “a” e o “b”, isso significa que o “a” é a última letra de uma palavra e o “b”, a primeira da seguinte”<sup>34</sup>.*

A memória para Freud, como já vimos (Parte Um deste trabalho), não se faz presente de uma só vez, mas é formada por um processo de estratificação. É escrita em diversos registros e o primeiro, o do signo de percepção [Wahrnehmungszeichen], é inconsciente, e se organiza de acordo com as associações por simultaneidade. A lei do primeiro registro de traços mnêmicos é, portanto, a da simultaneidade. É a essa lei que Freud chama de associação. A razão da associação é a simultaneidade, lei primeira que está na base do inconsciente, primeiro registro dos traços mnêmicos que suporta o registro posterior, o do pré-consciente, ligado à representação-palavra. Portanto, se Freud estabelece, com a citação acima, uma relação entre a simultaneidade [Gleichzeitigkeit] e o sistema de escrita e de leitura (o alfabético e o silábico), está apontando para o fato de que a lei primeira da associação por simultaneidade é que dita um primeiro tempo da escrita, que só pode fazer sentido, posteriormente [nachträglich]. A simultaneidade serve para dispensar a representação de todo tipo de relações lógicas ou “gramaticais”, que é trabalho de registros posteriores.

---

<sup>33</sup> idem, p. 180.

Dessa maneira, toda manifestação do inconsciente se serve desse primeiro tempo da escrita, para oferecer uma organização que não se dá a ver no imediato, e necessita de associações de um outro registro para se deixar decifrar.

Conseqüentemente, todas as outras formas às quais o trabalho do sonho recorre para figurar as relações de causalidade, de semelhança, de contrários ou de negação utilizam expressões verbais, especificamente as palavras, porque, por serem “pontos nodais”<sup>35</sup> (ou seja, pela sua escrita diacrônica), facilitam o deslocamento do caminho da associação, que tem como efeitos, os disfarces da ambigüidade e da condensação. É por isso que, ao construir esse enigma, o trabalho do sonho não se preocupa com a escolha das palavras: ele as troca, tanto quanto for necessário, para encontrar as semelhanças ou os acidentes que lhe são favoráveis. Para cifrar uma representação proibida pela censura, apropria-se das vias que já encontra estabelecidas no inconsciente e que se ajustam melhor aos requisitos de sua formação: citações, canções, provérbios, simbolizações, chistes, para fazer valer o primeiro tempo de sua escrita.

Por exemplo: em um sonho, diversas carroças, cada qual repleta de uma espécie diferente de legumes, representam um contraste desejado entre “Kraute und Rüben” (couves e nabos), dito popular que significa “de pernas para o ar”, “desordem”<sup>36</sup>. Em outro, a expressão verbal “Schwarzer Rettig” (rabanete negro), por exemplo, pode ser lida, tal qual nos exemplos de quebra-cabeças do jornal *Fliegende Blätter*, como uma exclamação - “Schwarzer, rett’dich” ! (negro, salve-se/ caia fora)<sup>37</sup>. Outro exemplo, desta vez, não de uma palavra sem sentido, nem de uma composição pictórica, mas de uma palavra que perdeu seu significado próprio e que combina diversos outros significados com as quais está relacionada, da mesma forma que estaria uma palavra “sem sentido”: um menino de dez anos sonhou com uma “categoria” que, nesse caso, significava “órgãos genitais femininos”, e “categorizar, significava “urinar”<sup>38</sup>.

---

<sup>34</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 340 (grifo nosso).

<sup>35</sup> Idem, p. 372.

<sup>36</sup> Idem, p. 377.

<sup>37</sup> Idem, p. 214.

<sup>38</sup> Idem, p. 329.

Aos elementos facilitadores na reescrita do sonho, que são, sem dúvida as relações de som [Lautbeziehungen] e a semelhança das palavras [Wortähnlichkeit], deve ser acrescentada, então, a influência das associações de palavra [Einfluss der Wortassoziationen], ou seja, o **trajeto associativo** que elas permitem, pois, por serem processadas em esferas psíquicas diferentes, podem estar utilizando registros diversos para sua representação. Quando, por exemplo, uma palavra é tomada para a representação no sonho, e perde seu valor semântico (quando tomou lugar seu primeiro tempo de escrita), ela vai ter seu motivo nesse fato de escrita, isto é, de leitura do significante, uma leitura específica, porque não se apressa pela compreensão e, assim, localiza o significante como tal, isto é, isolado de seu valor no código. É isso que Freud pretende quando nos chama a atenção para o fato de qualquer palavra ser um ponto nodal em potencial. As leis da linguagem (condensação e deslocamento) vigoram na palavra, submetendo-a à função de uma encruzilhada (das coordenadas fundamentais do aparelho: sincronia e diacronia), cujo efeito de multiplicidade de significações se encontra à mercê da lei do desejo. Se as palavras estão “predestinadas” à ambigüidade, não é somente porque seu sentido não é o do dicionário, mas, sobretudo, porque o desejo usa a palavra para escrevê-la seguindo outros caminhos de associação.

**C) O que revela, especificamente, essa operação das leis do primeiro tempo da escrita com relação à significação?**

Graças à operação dos mecanismos de condensação e de deslocamento, cujos efeitos se encontram na fala/figuração dos sonhos, foi possível a Freud, à sua maneira, apresentar-nos o lugar da linguagem, lugar onde as relações se desenrolam segundo um regime de processos primários, de leis ditadas por uma outra lógica. A atualização da fala dos sonhadores/pacientes vai apontando a Freud, na não-identidade consigo mesma das palavras, um modo de determinação do antes pelo depois [nachträglich], que permite ao sujeito ter acesso ao seu desejo.

Para Freud, é preciso ressaltar, a linguagem tem um lugar diferente daquele a ela atribuído por Lacan. É fato amplamente reconhecido que Freud parte dos

aparelhos por estar à procura de um modelo do funcionamento psíquico, para além daquele que a Psicologia lhe apresentava na época, e a linguagem se apresenta, conseqüentemente, como o lugar onde o aparelho se presentifica. Sabemos também, por outro lado, que apesar de não ser tomada como a prioridade da hipótese freudiana, toda a sua obra está tecida em torno de uma concepção da linguagem, tendo em vista que todas as formações do Inconsciente se esclarecem, para Freud, como manifestações de linguagem. A teoria freudiana empresta conceitos da Filologia, da gramática, da história dos mitos e da história das escrituras antigas e atinge o inconsciente, a partir da linguagem, através de uma fala. A linguagem não é, para Freud, o objeto da Psicanálise, mas é, afinal, o que lhe permite o acesso ao inconsciente. A linguagem e suas leis dão, de modo potencial em Freud, seu estatuto ao inconsciente.

Freud faz notar que, no jogo das associações inconscientes, o sentido das palavras, sua significação e pertinência ou não a uma família, não representam nenhum papel. Se há um sentido, é dentro de uma lógica do desejo. Assim, sem falar em significante, Freud mostra que uma palavra é suscetível de significar outra coisa além da sua significação no código, ou seja, que há alguma coisa que vem primeiro na constituição do mecanismo das associações e que não necessita do significado para funcionar. Esse algo, o significante, é reconhecido em Freud, por Lacan quando nos diz, nos Escritos<sup>39</sup> que, na *Carta 52*, de Freud a Fliess, o significante é expressamente isolado como termo de uma percepção original, sob o nome de signo, *Zeichen*. Esses processos de pensamento que ocorrem entre percepção e consciência, entretanto, nada seriam para a consciência, se não pudessem ser levados a ela por intermédio de um discurso no pré-consciente, através de palavras<sup>40</sup>.

As leis da linguagem determinam a não-identidade a si do significante. Um dos modos de não-identidade a si do significante é a **homofonia**<sup>41</sup>. A homofonia, como fato de linguagem, facilita essa não-identidade a si do significante, pois

---

<sup>39</sup> Jacques Lacan, *Escritos*, trad. De Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 564.

<sup>40</sup> Jacques Lacan, 1959-60, *A Ética na Psicanálise, Seminário 7*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. De Antonio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, pp. 80-1.

<sup>41</sup> Jean Allouch, *Letra a Letra*, op. cit., p. 70.

separa-o de sua significação, deixando-a vazia. No exemplo que citamos no início da elaboração desta parte do trabalho, o sonho de Alexandre da Macedônia escreveu “*sa Tyro*” (Tiro é tua), com a imagem de um Sátiro. A figura do Sátiro perde a significação possível, no código, por assumir, no sonho, o valor de escrita. Se a homofonia se serve dessa escrita para propor um outro sentido, não pode ser referida somente a algo da ordem do som sem, ao mesmo tempo, corresponder ao escrito. Portanto, não existe demarcação do significante como tal, sem o escrito; a homofonia depende de um escrito porque só este pode fazer corresponder elementos de distinção vizinhos. Se a homofonia não correspondesse ao escrito, não poderíamos ver, na passagem de um conteúdo para o outro, a literalidade do primeiro elemento que surge posteriormente.

Quando Freud diz que há casos em que, para fins de representação, a **grafia das palavras é muito menos importante do que seu som**<sup>42</sup>, não está ele justamente nos apontando essa questão da homofonia como uma escrita, uma vez que é por essa outra condição de escrita da homofonia que vai ser possível passar de um conteúdo para outro? Observemos este exemplo:

Freud toma de Rank<sup>43</sup>, o sonho de uma moça que estava andando pelos campos e cortando espigas [Ähren] de cevada e trigo. Um amigo da juventude vinha em sua direção, mas ela evitou esse encontro. A análise revelou que o sonho dizia respeito a um “Kuss in **Ehren**” (beijo respeitoso), do provérbio alemão que reza: “Einen Kuss in Ehren kann niemand verwehren” (um beijo em sinal de honra, ninguém pode recusar). A sonhadora, na realidade, recebera seu primeiro beijo, quando caminhava por um milharal - um beijo entre as espigas de milho. No sonho, as espigas, “Ähren” (que tem o mesmo som de “Ehren”), figuravam como espigas de milho, enquanto que, condensadas com “Ehren”, representavam outros pensamentos latentes.

Outro exemplo: Um homem sonhou que estava *puxando uma mulher de trás de uma cama*. O elemento em negrito do verbo “**hervorziehen**”, que significa “tirar” ou “puxar para a frente”, palavra que aparece tal e qual no sonho, favorece também, pela homofonia, a significação de “preferir/dar preferência”, “vorziehen”.

---

<sup>42</sup> Sigmund Freud, 1900, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 439 (grifo nosso).

O próprio sonhador, partindo da primeira associação que lhe ocorreu, leu, pela homofonia, o outro significado de preferência pela mulher<sup>44</sup>.

Num outro sonho, Freud atribui ao remoto significado pictórico de certas palavras ou expressões, o fato de serem utilizadas facilmente pelo sonho. Basta, na interpretação, imprimir a essas palavras seu significado anterior: um homem sonhou que seu irmão estava numa caixa, "Kasten". Durante a interpretação, "caixa" foi substituída por "**Schrank**", armário, que possui um outro significado, mais remoto, de "restrição", como substantivo, e "sich einschränken", "restringir-se", ou, literalmente, "fazer-se caber num armário", como verbo.

Para reescrever uma escrita alfabética [Buchstabenschrift] em uma imagética [Bilderschrift] o sonho se apega à homofonia como a uma espécie de ponte que facilita essa escrita: um homem sonhou que estava tratando de alguém que tinha uma "Knochenbruch" (quebra de osso), ou "Beinbruch" (fratura da perna). Essa quebra do osso estava representando uma "Ehebruch" (quebra no casamento), "adultério", propriamente<sup>45</sup>. A imagem literal de adultério como "quebra", "bruch", só pôde ser representada por uma "quebra", fratura da perna.

O próximo exemplo mostra que, quando um dos sentidos de uma palavra ambígua está presente nos pensamentos do sonho, o outro pode ser introduzido no sonho manifesto, pois a ambigüidade, pela homofonia, faz a ponte para essa nova escrita: o sonhador estava resfriado no dia do sonho e resolvera que, se fosse possível, naquela noite não sairia da cama durante a madrugada. Sonhou que estava ocupado em colar recortes de jornal em um álbum, cada um no lugar que lhe era adequado, mas um deles não cabia na página: "**Er geht nicht auf die Seite**" (literalmente, não dá/entra/cabe na página), o que lhe causava muita dor. O sonho lhe dera a ilusão de realizar seu desejo de ficar na cama, através da representação ambígua: "Er geht aber nicht auf die Seite", que é uma expressão

---

<sup>43</sup> Otto Rank, 1910, apud S. Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 439-0.

<sup>44</sup> Sigmund Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 442. (cf. também S. Freud, 1916-7, *Conferências Introdutórias*, conferência VII, op. cit., p. 124.

<sup>45</sup> Idem, p. 442 (acrescentado em 1914).

da língua alemã para indicar “ir ao banheiro”, literalmente, “ir ao lado”. “Seite” significa “lado” e também “página” em alemão<sup>46</sup>.

Numa análise que estava conduzindo em francês, Freud aparece no sonho de seu paciente, como um **elefante**. Ao ser interrogado sobre o porquê daquela forma, o paciente lhe respondeu: “Vous me **trompez**” (o senhor está me enganando). “Trompe”, em francês, é o mesmo que “tromba”<sup>47</sup>.

O exemplo que trazemos a seguir não é de um sonho, mas de uma paciente de Freud que alucinava canções e fragmentos de canções. Freud nos dá esta amostra para dizer que, no sonho, o sentido original das palavras é, muitas vezes abandonado, para retornar numa outra palavra com o mesmo som. A paciente, concedendo a si própria uma certa dose de liberdade, faz um uso impróprio do texto da canção: “Leise, leise, fromme **Weise**” (mansinho, mansinho, piedosa **melodia**), quando toma a última palavra “Weise”, melodia, por “**Waise**” (**órfã**), porque ambas têm o mesmo som e por ser, ela própria, órfã<sup>48</sup>. O som, e apenas o som de “Weise”, melodia, lhe permite ler “Waise”, órfã. Ocorrências como essas permitem a Freud dizer que no sonho as palavras são tratadas como coisas, isto é, perdem seu significado no código e se revestem de outro sentido, o sentido do desejo. A paciente nos apresenta, no sutil movimento de um pensamento e através de uma formação auditiva, o trabalho do desejo.

Este exemplo, muito semelhante ao anterior, nos mostra um paciente que era atormentado pela lembrança de um poema: “Nächtlich am Busento lispeln...” (à noite, em **Busento**, sibilam...), porque seu pensamento não ia além da primeira parte da citação “Nächtlich am **Busen**...” (à noite no seio). A palavra “Busento” só interessava ao paciente, na medida em que lhe recordava o seio, “Busen”<sup>49</sup>.

O que Freud nos mostra com esses exemplos, e uma infinidade de outros ainda dentro de *A Interpretação dos Sonhos* e em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (que veremos mais adiante), é que o sonho escolhe palavras capazes de serem, para além de sua significação, signos de um gozo, de uma vertigem,

---

<sup>46</sup> Idem, p. 444 (acrescentado em 1914).

<sup>47</sup> Idem, p. 446 (acrescentado em 1919).

<sup>48</sup> Idem, p. 452.

<sup>49</sup> Idem, ibidem.

propiciada por essa operação de escrever com um escrito na homofonia. Nessa operação, como vimos nos exemplos acima, o sentido não conta. O que conta é uma correspondência de sons que importam menos etimológica - do que homofonicamente. A homofonia, na correspondência sincrônica de seus elementos, produz um efeito que, para além da linguagem, se suporta somente pela escrita.

É preciso, novamente, que retomemos a Carta 52 a Fliess, para entendermos no que consiste esse gozo:

*“Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico...Cada reescrita posterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitatório. Quando falta uma reescrita posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e segue as vias abertas naquela época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada província, ainda vigoram os fueros; estamos na presença de “sobrevivências”. Uma falha de tradução - eis o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. O motivo disso é sempre a liberação de desprazer, que provoca um distúrbio do pensamento e não permite o trabalho de tradução”<sup>50</sup>.*

O registro do inconsciente é precedido por uma série de extratos de memória que permanecem como “sobrevivências”, que não foram reescritos e que se constituem de inscrições de gozo que precedem, necessariamente no tempo e na estrutura, a formação do inconsciente. Esses conteúdos recalçados são regidos pelas leis vigentes no momento da “não-tradução” e constituem núcleos cristalizados que podem atrair outras representações, antes que intervenha qualquer intenção consciente. O que é recalçado? Só a representância da representação da pulsão [die Vorstellungsrepräsentanz des Triebes]<sup>51</sup>, ou seja, os traços mnêmicos. Estes permanecem ativamente escritos no inconsciente em diferentes registros. Quer sejam acessíveis ou subsistam no estado recalçado, os

---

<sup>50</sup> J. M. Masson, *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, op. cit., p. 209.

traços, principalmente visuais e auditivos, podem ser reativados. O gozo corresponde a uma investida relâmpago do recalçado (do seu escrito) rumo à consciência, pela via da fala.

Lacan nos diz que o que pode nos apresentar a dimensão da escrita como tal é perceber que o significado tem a ver com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é o que se ouve, é efeito do significante. O que se ouve é significante<sup>52</sup>. A referência à escrita possibilita, a partir da leitura freudiana de Lacan, apontar, nos efeitos de linguagem, uma outra articulação. Freud recolheu o efeito desse significante, que todavia não nomeou, no discurso da histórica e no sonho, nos lapsos, nos chistes e instituiu o discurso analítico.

#### **D) O que faz a escrita no lapso e no esquecimento? Como a linguagem os lê?**

Em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*<sup>53</sup> Freud levanta a hipótese de que não é o efeito da proximidade dos sons que determina a ocorrência do lapso. A proximidade dos sons é fundamental, mas o lapso acontece na ligação com pensamentos situados fora da intenção da fala. As leis segundo as quais os sons continuamente exercem influência sobre os outros sons, ou a “vantagem coincidente do material lingüístico” [die zufällige Gunst des Sprachmaterials] apresentam, segundo Freud, apenas o mecanismo pré-formado, do qual se serve um motivo psíquico mais remoto, sem todavia ligar-se ao campo de poder dessas leis<sup>54</sup>. Essa complacência da linguagem fornece material para que, ao longo de uma associação superficial [oberflächliche Assoziation], que se apóia na ambigüidade/duplo sentido da palavra [Wortzweideutigkeit] e na homofonia/mesmo som [Gleichklang] se produza aí um substituto, por deslocamento<sup>55</sup>.

---

<sup>51</sup> Sigmund Freud, 1915, GW, v. X, *Das Unbewusste* (o inconsciente), p. 276.

<sup>52</sup> Jacques Lacan, *Mais, ainda, Seminário 20*, texto estabelecido por J.A Miller, trad. De M.D. Magno, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985, p. 47.

<sup>53</sup> Sigmund Freud, 1901, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, op. cit.

<sup>54</sup> idem, pp. 92 e 97 (cf. também, *Zur Psychopatologie des Alltagslebens*, GW, op. cit. pp. 90 e 97.

<sup>55</sup> Idem, p. 39 (cf. também *Zur Psychopatologie des Alltagslebens*, op. cit., p. 28).

Freud cita o exemplo classificado por Meringer e Mayer como pré-sonância ou antecipação: “es war mir auf der **Schwes**t...auf der Brust so **schwer**” (“pesava tanto no meu peito”, onde ‘Schwest’ é uma palavra inexistente que substitui ‘Brust’)<sup>56</sup>, para daí se perguntar se ‘Schwe’ teria recalcado ‘Bru’, de igual valor, como antecipação do som de ‘schwer’. Não se pode negar que, diz Freud, por outro lado, o som ‘schwe’ é capacitado por uma relação especial com essa antecipação, que, todavia, não poderia ser outra além da associação: ‘Schwester - Bruder’ (irmã - irmão), ou ainda ‘Brust der Schwester’ (peito da irmã), que leva a outras esferas de pensamento. “Este auxiliar invisível por trás da cena” [dieser hinter der Szene unsichtbare Helfer] empresta ao inofensivo ‘schwe’ o poder, cujo êxito se expressa como falha da fala [Sprechfehler]. Nesse exemplo, não foi a mera antecipação de ‘schwe’ como ‘schwer’ (difícil/pesado) que produziu o lapso, mas o poder de ‘schwe’ em evocar ‘Schwester’ (irmã)<sup>57</sup>.

O mesmo se dá com o exemplo de esquecimento de um nome (número 8, da parte III), citado por Freud e enviado por Ferenczi, em que este aponta como fato notável a **pura associação conteudística** das ocorrências encobridoras com o nome procurado [die rein inhaltliche Assoziierung der Deckeinfälle zu dem gesuchten Namen] e a **falta de associações pelo som** [und das Fehlen von Klangassoziationen]. Trata-se de uma mulher que não conseguia se lembrar do nome de Jung (‘jovem’ em alemão). No lugar desse nome, outros lhe ocorreram e, ao fazer as associações, surgiram expressões como ‘Alter’ (idade), “sie wird nicht alt” (ela não envelhece), “junge Leute” (pessoas jovens), e mesmo assim ela não conseguia chegar ao nome esquecido. Só depois de dizer “Jugend” (juventude) é que se lembrou do nome de Jung. Essa senhora ficara viúva com 39 anos e tudo que se relacionasse com ‘idade’ ou ‘juventude’ seria uma ameaça para ela<sup>58</sup>.

Não podemos deixar de comentar, também, o exemplo com que Freud inicia o capítulo I de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, ou seja, o exemplo do esquecimento do nome estrangeiro, *Signorelli*. Neste caso temos, **ao mesmo tempo**, o exemplo do deslocamento em esferas psíquicas diferentes, cujo

---

<sup>56</sup> Idem, p. 67.

<sup>57</sup> Idem, p. 92 (cf. também GW, op. cit., p. 91).

<sup>58</sup> Idem, p. 44 (cf. também GW, op. cit., p. 33).

resultado é a troca de uma palavra por outra pelo significado (associações internas - [inhaltliche Assoziationen]) e a presença de associações externas [äusserliche Assoziationen] baseadas no som. No lugar do nome esquecido, surgiram outros dois nomes de pintores *Botticelli* e *Boltraffio*, que eram tão familiares a Freud quanto o primeiro. No contexto da conversa anterior, relata-nos Freud, haviam surgido os nomes de *Bósnia*, *Herzegóvina*, *Herr* e *Traffoi*, que entram numa seqüência associativa com os três primeiros nomes. A partir dessa seqüência não é mais possível a Freud considerar o esquecimento do nome *Signorelli* um fato casual. Este nome não havia sido esquecido por causa de sua peculiaridade como nome. O que Freud deveria esquecer não era *Signorelli*, mas sim **outra coisa** que entrou em conexão associativa com esse nome, fazendo com que seu ato de vontade “errasse o alvo” [so daß mein Willensakt das Ziel verfehlte]<sup>59</sup>. A aversão [Abneigung] em se lembrar voltou-se contra um conteúdo e a incapacidade de se lembrar surgiu no outro. Seria mais fácil, diz Freud, se aversão e incapacidade mnemônica atingissem o mesmo conteúdo. Assim, os nomes substitutos que surgem no lugar de *Signorelli* (*Botticelli*, *Boltraffio*) não se apresentam tão enigmáticos e, ao mesmo tempo, lembram a Freud, **à maneira de um compromisso**, que nem aquilo de que se esqueceu foi bem sucedido, nem tampouco aquilo de que queria se lembrar foi um fracasso<sup>60</sup>.

Como se deu esse processo? A palavra *Signorelli* foi dividida em duas partes. Um par de sílabas - *elli* - retornou em um dos nomes substitutos (*Botticelli*) e o outro par ganhou, através da **tradução** *Signor* - *Herr*, inúmeras e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado, e portanto se perdeu para a reprodução. Seu substituto (*Herr* para *Signor*) tomou lugar como se um deslocamento ao longo da ligação dos nomes “Herzegowina e Bósnia” não necessitasse considerar nem o sentido, nem o limite acústico das sílabas, ou seja, os nomes substitutos receberam o mesmo tratamento que recebem as imagens escritas, ou a escrita figurativa de uma frase [die Schriftbilder eines Satzes] que deve ser transformada num enigma figurativo [Bilderrätsel], um Rébus<sup>61</sup>. A

---

<sup>59</sup> Idem, p. 21.

<sup>60</sup> Idem, p. 22.

<sup>61</sup> Idem, p. 23 (cf. também GW, op. cit., p. 10)

consciência não tem notícia do processo que, em vez de trazer o nome *Signorelli*, conseguiu produzir, por tais caminhos, os nomes substitutos. A relação entre o tema, no qual o nome *Signorelli* aconteceu, e o tema recalcado que o precedeu, ultrapassou esse retorno das mesmas sílabas [dieser Wiederkehr gleicher Silben], ou melhor, das seqüências das letras [oder vielmehr Buchstabenfolgen]<sup>62</sup>.

No Seminário 5, sobre as *Formações do Inconsciente*, Lacan nos ensina que Freud apresenta, nesse jogo de sílabas, ruínas metonímicas a propósito de uma pura e simples combinação de significantes<sup>63</sup>. A presença dos outros nomes em lugar de *Signorelli* é uma formação de combinação, tendo em vista que não há nenhuma relação perceptível na análise de Freud, que reuniria os três nomes, a não ser relações indiretas, ligadas unicamente a fenômenos de significante: “*Botticelli* está presente para retomar o resto *elli* de *Signorelli*, do qual *Signor* foi esquecido. Assim como *Bo* é o resto de Bósnia e Herzegóvina, na medida em que *Herr* é recalcado. É o mesmo recalque de *Herr* que explica que *Boltraffio* associa o *Bo* de Herzegóvina ao Trafoi”.

É preciso lembrar, diz Lacan, que nem *Signorelli*, nem *Signor* jamais estiveram lá. O que encontramos são os traços metonímicos, fragmentos da realidade que representam. “Se é o *Signor* que faz com que Freud não possa reencontrar o nome de *Signorelli*, é porque ele já está aí implicado”<sup>64</sup>. É por estar já aí implicado de maneira indireta, uma vez que *Herr* já foi pronunciado, é que *Herr* pode se traduzir por *Signor*. O que ocorre entre *Signor* e *Herr* é o que ocorre em toda tradução: uma substituição heteronímica. A tradução, no plano substitutivo, ao nível de sistemas lingüísticos, é a substituição heterônima. *Signor* surge de uma decomposição metonímica.

No último capítulo de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Freud coloca três questões e se propõe a respondê-las. 1) Quais são o conteúdo e a origem dos pensamentos e expressões que se anunciam através dos atos falhos e dos atos casuais? 2) Quais são as condições para que um pensamento ou uma

---

<sup>62</sup> idem, ibidem (cf. GW, pp. 10-1).

<sup>63</sup> Jacques Lacan, 1957-8, *Les Formations de l'inconscient*, lição de 13 de novembro de 1957, inédito.

<sup>64</sup> Idem, ibidem.

expressão necessite de, e se coloque na posição de se servir (parasitariamente) desses acontecimentos (lapsos, atos falhos, esquecimentos) como meio de expressão? 3) É possível apontar relações constantes e inequívocas entre os tipos de atos falhos e as qualidades daquilo que é trazido à expressão através deles?<sup>65</sup>.

À primeira questão, Freud responde apontando a origem dos pensamentos perturbados nas expressões reprimidas da vida psíquica. Sentimentos e impulsos egoístas, invejosos e hostis se valem dos caminhos dos atos falhos para expressar seu poder não reconhecido pelas instâncias psíquicas superiores. Para responder à segunda questão, Freud recomenda que se busquem as condições para o acontecimento dos atos em moções recalçadas. Para responder à terceira questão, recomenda que se vá além daquilo que se tem a intenção de dizer, portanto, que se procure a causa da perturbação fora da intenção. Nos exemplos mais simples, a causa é óbvia, são as “contaminações” de Meringer e Mayer<sup>66</sup>.

No segundo grupo a causa não é suficientemente forte para conseguir uma discricção completa. Este é um dos ‘bons’ exemplos colhidos de Meringer e Mayer: “Ru falava de ocorrências que considerava repugnantes [Schweinereien], literalmente, “porcarias”. Ao tentar se expressar de modo mais suave disse: ‘mas certos fatos vieram à ‘Vorschwein’ (palavra sem sentido), quando deveria ter dito ‘Vorschein’, vir à luz”<sup>67</sup>. Nos dois grupos a versão discreta se mantém consciente.

No terceiro grupo, o pensamento perturbador difere do pensamento intencionado e, nesse caso, pode-se estabelecer uma diferenciação fundamental: ou o pensamento perturbador está ligado ao pensamento perturbado (perturbação através de contradição interna) por associações de pensamento [Gedankenassoziationen], ou o primeiro é visceralmente estranho ao segundo, e através de uma estranha associação externa [äusserliche Assoziation], a palavra perturbada, que é ligada ao pensamento perturbador, é freqüentemente inconsciente.

---

<sup>65</sup> Sigmund Freud, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, op. cit., p. 266 (cf. também a edição Alemã, GW, p. 302).

<sup>66</sup> Idem, p. 70.

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*.

Dos exemplos oferecidos por Freud, toda a fala está, evidentemente, sob a influência de pensamentos completamente inconscientes, que simultaneamente se tornaram ativos e, ou bem se denunciam através da própria perturbação, ou expressam uma influência externa, quando possibilitam que os diversos fragmentos/partes da fala intencional consciente se perturbem a si próprios. Os pensamentos discretos, ou inconscientes, dos quais parte a perturbação na fala, são de origem diversa.

É sempre bom recordar que na *Carta 52*, tanto quanto no Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*, o fenômeno da consciência e o fenômeno da memória se excluem. No início da apreensão psíquica há a percepção, que implica a consciência, porém, de maneira singular. Essa maneira singular nos é demonstrada no artigo sobre o *Bloco Mágico*, quando, ao se escrever sobre a folha de acetado sobre a ardósia, levantando-se a folha o escrito desaparece, a folha está de novo virgem. Mas tudo o que foi escrito reaparece como sobrecarga na substância ligeiramente aderente que permitiu a escrita, porque a ponta do estilete faz o acetato colar com o fundo que aparece momentaneamente, escurecendo-o de leve. O traço escrito se mantém na cera e permanece legível com uma iluminação adequada. Aí está o jogo da percepção em sua relação com a memória: a memória, constituída de pequenos sinais não se extingue jamais. Por outro lado, só se torna consciente se for articulada. É preciso, portanto, supor, com Freud, a organização de uma escrita anterior e parcial, para que a memória possa funcionar. Os fenômenos de memória pelos quais Freud se interessa sempre são fenômenos de uma escrita, anterior à linguagem. É preciso, dizendo de outra maneira, que haja um material significativo para se fazer significar qualquer coisa. O significante já é dado primitivamente, mas não é ainda nada enquanto não for articulado pelo sujeito.

É necessário ainda recordar um trecho do texto de Freud sobre as *Afásias* (já citado na Parte Um deste trabalho), que toca na questão da escrita anterior e parcial através da função da linguagem nas novas aquisições:

*“A função da linguagem apresenta excelentes exemplos de novas aquisições...Todas as outras novas aquisições da função da linguagem - se aprendo a falar e a compreender*

*diversas línguas estrangeiras, se, além do alfabeto aprendido em primeiro lugar, aprendo também o grego e o hebraico, se, ao lado da minha grafia, uso também a estenografia e outras escritas - todas essas atividades (aliás, as imagens mnêmicas que é preciso empregar para isso podem ultrapassar em muito o número das da língua de origem) estão evidentemente localizadas nas **mesmas áreas** que conhecemos como centros da primeira língua aprendida”<sup>68</sup>.*

Freud está aqui nos dizendo que toda produção simbólica tem o mesmo funcionamento, e que, portanto, a Língua Materna prepara, à sua maneira, o leito para as outras línguas. É sobre a escrita da Língua Materna que as outras línguas se arranjam. Quando Freud introduz a noção de inconsciente, está submetendo o sujeito a uma inscrição em um sistema simbólico anterior a ele. Se o sujeito organiza seu discurso com elementos que o excedem, mas que o determinam simbolicamente, **a língua estrangeira entra, nesse contexto, como um modo de leitura da língua materna.**

Se, para o significado, temos, com Lacan, a leitura do que se ouve de significante, está implícita, nessa proposição, a materialidade do significante como uma literalidade pela via de seus momentos fônico e gráfico. Trata-se da **letra** no discurso, da estrutura literante em que se articula e se analisa o significante no discurso: “Suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem”<sup>69</sup>. Das pistas, portanto, deixadas por Freud em suas interpretações literais, Lacan produz uma inflexão da leitura do que se ouve do inconsciente. A partir daí, Lacan acentua uma nova relação entre a fala e a escrita, tendo como referência as **letras**. Através da dimensão da letra, a escrita poderá ser avaliada quanto à sua função no discurso: “Uma escrita, como o próprio sonho, pode ser figurativa, mas, como a linguagem, é sempre articulada simbolicamente, ou seja, exatamente como a linguagem *fonemática* e, a rigor, fonética, porquanto é lida”<sup>70</sup>.

Para Lacan, a estrutura do significante, tal qual a da língua, é articulada, isto é, está às expensas de um sistema, de um código, mas o significante não

---

<sup>68</sup> Sigmund Freud, 1891, *A Interpretação das Afasias*, op. cit., p. 60 (grifo de Freud).

<sup>69</sup> Jacques Lacan, *Escritos*, op. cit., p. 498.

<sup>70</sup> Idem, p. 473.

pode ser considerado a não ser enquanto inserido num sistema de relações diferenciais. Os fonemas não são considerados por seu conteúdo, mas por uma relação de diferença, combinando-se segundo leis do código, sistema fechado que estipula as condições de possibilidade de uma combinatória. O que importa não é a constância fonética na variabilidade combinatória, mas o sistema sincrônico dos pares diferenciais de fonemas, pois assim se opera o discernimento dos vocábulos de uma dada língua<sup>71</sup>. A homofonia marca um fonema diferencial que desloca o sujeito, colocando em relação a letra com a letra, questionando-o como posição de desamparo, porque a letra, em sua combinatória, não carrega um sentido, mas pode gerar um sentido em sua composição com outras letras. A homofonia é a dimensão em que a letra se manifesta no inconsciente.

Se podemos dizer, com Freud, que a **coisa** sem a palavra, não é ainda objeto, devemos também recordar que o inconsciente é o lugar das representações de coisas, puro encadeamento literal, lugar onde se inscrevem os sinais de percepção [Wahrnehmungszeichen]<sup>72</sup>. A **coisa** tem um estatuto diferente daquele que com ela se produz na associação com as representações de palavra. Ela pode ou não se associar a outras representações, o que faz com que Lacan a nomeie **letra** e a distinga do significante: "A escrita, a letra, é no real, e o significante, no simbólico"<sup>73</sup>.

A letra é o que barra o significante de todo significado pré-estabelecido, pois ela é o que, do significante, é da ordem da fonemática, na medida em que cada fonema é apenas pura diferença em relação a um outro, razão, portanto, da homofonia. A letra está, então, por um lado, vinculada ao significante pela sua estrutura fonemática, o que faz com que a escrita seja a presença dessa estrutura; por outro, está distinta do significante, quando dele pode se desgarrar, cumprindo uma função diferente da função de representação (para além da dimensão simbólica), ou seja, a função de operadora da cifração, propiciando novos efeitos, que não concernem apenas a novos sentidos, através do som, mas a um saber sobre o gozo, pela escrita.

---

<sup>71</sup> Idem, p. 504.

<sup>72</sup> Cf. Carta 52, in *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, op. cit.

<sup>73</sup> Jacques Lacan, 1971, "Lituraterre", in *Se um Discurso que não seria do Semblante*, inédito.

### E) Por que importa considerar a escrita e sua leitura no conjunto deste trabalho?

Para aqueles que pensam em termos de uma evolução histórica, a escrita se forma lentamente e alcança sua perfeição e maturidade com a escrita fonética. A grafia seria, inicialmente, a figura imitativa do objeto, que, depois, por abstração e estilização, tornar-se-ia sinal puro do objeto (ideograma), para chegar ao estatuto de letra, como suporte fonético na escrita alfabética. Para outros, não há progresso, nem mudança, a escrita já existe antes de sua função de transcrição de uma língua.

Lacan<sup>74</sup> nega o esquema evolutivo apresentando a letra, não como sendo a pura notação do fonema; ela é um material literal que espera, que já se encontra presente em sua materialidade. Esse material literal vem do traço, que, por sua vez, não é um apelo à figura do objeto, mas seu apagamento: "O que pode haver de mais destruído, de mais apagado que um objeto, se é do objeto que surge o traço...?". O traço nega e destrói tudo o que o objeto tem de vivo e só retém dele "sua unicidade". Essa relação com o objeto, na origem do signo, permite a Lacan conjecturar que "algo já está lá para ser lido, lido com a linguagem, quando ainda não existe a escrita". A existência material da letra não depende, portanto, de sua função de notação fonemática. É somente em um segundo momento que ela servirá para transcrever a língua, por uma **inversão funcional**: "É pela inversão dessa relação de leitura do signo, que pode nascer, em seguida, a escrita, na medida em que ela pode servir para conotar a fonematização".

A letra, como a escrita, portanto, nasce de uma negação. É assim que a letra não se distingue por uma pronúncia, ou seja, sua articulação fônica e sua ligação com o som. A denominação da letra não é sua pronúncia: *c*, *q*, *k*, têm a mesma vocalização e nomes diferentes. A letra é o traço nomeado pelo seu nome. O traço/letra destaca a relação da linguagem com o real. Antes de toda

---

<sup>74</sup> Neste parágrafo, sigo de perto o Seminário sobre a *Identificação*, 1961-2, de J. Lacan, apud J. Allouch, *Letra a Letra*, op. cit., p. 136.

fonematização, a linguagem esconde a letra como traço distintivo. Este, na sua ligação com a marca, não se traduz, mas transfere-se como tal<sup>75</sup>.

Se tomarmos elementos do *Projeto para uma Psicologia Científica*<sup>76</sup> no que se refere à constituição da memória, vemos que ocorre uma diferenciação na trama dos neurônios para distinguir o sistema  $\Psi$  do sistema  $\phi$ . E aquilo sobre o que ou com o que essa memória opera são sistemas de traços, uma memória de escrita, ou texto psíquico. “A memória está constituída pelas **diferenças** nas facilitações entre os neurônios-psi”<sup>77</sup> significa que, se todas as barreiras de contato fossem igualmente facilitadas, não haveria predileção por um percurso [Wegbevorzugung] em detrimento de outro<sup>78</sup>. Assim, o traço mnêmico não pode ser concebido como um elemento simples, independente das facilitações, mas como **diferença** entre os caminhos possíveis. Diferença constituinte do aparelho.

A diferença/negação constituinte do aparelho se dá a ver também na *Carta 52*, quando as percepções [Wahrnehmungen], que não constituem memória, dão lugar às primeiras inscrições [Niederschriften], que passam a funcionar como sinais de percepção [Wahrnehmungszeichen]. Estes formam o primeiro registro mnêmico das percepções<sup>79</sup>. Freud diferencia, em 1900, essa operação de primeiro registro como sendo “ainda outra coisa” [noch etwas anderes], além de uma mera transcrição das percepções em traços, ou mesmo de uma tradução de seu conteúdo: “É fato conhecido que, das percepções que incidem no sistema-perceptivo [W-System], retemos/conservamos de maneira permanente, **algo mais/outra coisa, ainda/outra coisa** [noch etwas anderes als bleibend bewahren] além do conteúdo das mesmas [als den Inhalt derselben]<sup>80</sup>. É a letra, como traço distintivo, que não se traduz (que não se presta a fazer sentido), mas resta lá, para ser transferida como tal, isto é, suprimindo a necessidade de referi-la a outra coisa, senão a outras letras.

---

<sup>75</sup> Philippe Julien, *O retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho*, trad. de Ângela Jesuino, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 111.

<sup>76</sup> Sigmund Freud, 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, op. cit.

<sup>77</sup> idem, p. 352 (grifo nosso).

<sup>78</sup> Idem, ibidem.

<sup>79</sup> J. M. Masson, *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, op. cit.

<sup>80</sup> Sigmund Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, op. cit., p. 569 (grifo nosso). (cf. também GW, p. 544.

O que interessa a Lacan, nos modos de desgarramento da letra em relação ao sistema do simbólico, é o fato de essa ruptura estar associada a uma produção de gozo, entendendo-se aí o gozo no dizer, feito do próprio tecido da linguagem, onde o desejo encontra suas regras. A textura da linguagem permite, no jogo do gozo, o retorno do objeto desejado. Para Freud, em *Além do Princípio do Prazer*<sup>81</sup>, o tecido do gozo já era o mesmo que o da linguagem.

O gozo é o trabalho do inconsciente. No momento em que se comete um equívoco, está presente o inconsciente em ato. O prazer é do pré-consciente ou do consciente. O gozo é da ordem do inconsciente e se apresenta como mescla **de embriaguez, vertigem, ruptura e estranheza**, momento em que se transpõe limites. O gozo faz pouco das palavras e do pensamento para expressar apenas sua ação. No gozo há ausência de significante representativo, o inconsciente goza sem sujeito. Algo goza em nós. O gozo é da ordem de uma convocação da linguagem, tendo em vista que implica o sujeito no discurso, mas só na medida em que o discurso o ultrapassa. Como não é simbolizado, nem simbolizável, ele é real. É o vazio central, inteiramente exterior da Coisa (das Ding), em torno da qual todas as representações se organizam, ou seja, se falamos, é porque a relação com o objeto não é imediata. Nos jogos de concatenação da cadeia significante, o jogo do gozo se apresenta pelo fato de nosso desejo estar constituído de nossas relações com as palavras. É quando a linguagem é utilizada no seu próprio tecido (naquilo que chamamos de letra), que o gozo pode fazer seu jogo.

---

<sup>81</sup> Sigmund Freud, 1920, *Além do Princípio do Prazer*, ESB, v.18, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 80. O jogo sonoro do "fort-da" da criança fazendo desaparecer e aparecer o carretel, não pode ser entendido, diz Freud, a não ser, como um ganho de prazer de outra ordem, ligado à repetição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tempo de retomarmos nossa questão inicial sobre o tênue limite entre Língua Materna e Língua Estrangeira. Se tomamos o sujeito constituído por linguagem, e se existe na linguagem uma função que remete, para além da dimensão simbólica, ao real, é esta função que está sendo privilegiada neste trabalho, por se revelar um caminho que possibilita deslocar a questão da natureza dos limites fronteiriços entre Língua Materna e Língua Estrangeira. O que nos direcionou na busca do caminho da escrita foi justamente a observação do fato de a Língua Estrangeira se inscrever, para cada um, de maneira diversa, uma vez que se assenta no mesmo trilhamento aberto pela Língua Materna. Se existe uma fronteira entre ambas, é da mesma natureza que aquela que existe entre saber e gozo: a letra.

Se o inconsciente fosse estruturado por língua e não por linguagem, não seria possível cometer lapsos em língua estrangeira. Se esses fenômenos ocorrem, é porque os elementos de linguagem não pertencem a nenhuma língua em particular, melhor dizendo, não há, no momento do acontecimento, nenhuma fronteira entre as línguas, porque a letra, que é anterior ao sentido, permite essa passagem.

Freud nos legou um exemplo que, afinal, destacamos<sup>82</sup>, pois, por si só representa muito bem toda a questão de nosso trabalho. Freud conta que um jovem paciente, cuja língua materna era o inglês, veio posteriormente morar na Alemanha, esquecendo sua língua materna quase que completamente. Num dado momento, ao invés de dizer “**Glanz** auf der Nase”, brilho sobre/no nariz, diz “**Glance** auf die Nase”, olhadela para o nariz. Freud nos diz em que língua é preciso decifrar esse lapso: o fetiche, originado na infância do paciente, tinha que ser ouvido em inglês e não em alemão.

É preciso esclarecer primeiramente que “auf der”, no primeiro exemplo, marca o caso da preposição “auf” com o dativo “der”, por ser um lugar fixo,

---

<sup>82</sup> Este exemplo é apresentado por Freud em *Fetichismo*, 1927, ESB, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 155-60.

“no/sobre o nariz”. No segundo exemplo, a preposição “auf” está regendo o acusativo, pois se trata de um movimento, “olhar para”, portanto, “auf die”.

Se, como diz Lacan<sup>83</sup>, o significado tem a ver com a leitura do que se ouve de significante, olhar para o nariz (Glance) era o fetiche, que, incidentalmente (na troca da letra) fora dotado de um brilho (Glanz) que a língua estrangeira permitiu aparecer. Não se deve pensar que aí houve a ‘virada’ de uma palavra em outra. Trata-se de uma outra ‘lógica’, na qual as relações entre termos não têm a referência externa do sentido, só a interna, da letra. Se não houvesse aí, de alguma forma, uma escrita anterior (Glance), o deslocamento da letra não teria produzido, nessa outra leitura (Glanz), o acesso ao que constitui a indestrutibilidade do desejo. O que se vê, nesse caso, é o movimento do Estranho fazendo deslizar o Familiar de um outro texto.

O ponto de fuga das duas línguas em questão foi a letra, que possibilitou que “Glance” fosse esvaziado de sentido e fizesse a passagem para “Glanz”. O que fez insistência nesse caso foi a letra, que distingue o significante, tomando-o como objeto ao separá-lo da significação, e não o significante propriamente dito. Lacan diz que a homofonia é a dimensão em que a letra se manifesta no inconsciente<sup>84</sup>. É a correspondência sincrônica de elementos literais que forma o conjunto necessário e suficiente para constituir a passagem da letra, isto quer dizer que, no equívoco, no lapso, no esquecimento, em todas as formações do inconsciente, a letra passa. Por que não haveria também de passar na Língua Estrangeira?

---

<sup>83</sup> Jacques Lacan, 1972-3, *Mais, ainda, Seminário 20*, texto estabelecido por J.A Miller, trad. de M.D. Magno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 47.

<sup>84</sup> Jacques Lacan, *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 576.

## ABSTRACT

This work is a reflection about the possibility of considering the relation between Mother Tongue and Foreign Language from the point of view of the constitution of the subject by Language. This means a differentiation between subject and Ego which is possible if we take as a support for this reflection the **unconscious Freudian hypothesis**. This hypothesis presents a different concept of memory: according to Freud, the inscription of language in memory is a process of reading/writing of mnemonic traces, whose simultaneous registrations in several systems does not allow for their immediate recovery. The possibility of recovering mnemonic traces depends necessarily on verbal expression and reading. Accordingly, if memory is to a great extent unconscious, another way of discussing the status of Mother Tongue unfolds: Mother Tongue does not represent an assuredness to the subject, since he/she cannot say everything there. The idea of Mother Tongue as a place of certainty for the subject is then questioned.

This hypothesis entails, therefore, a division between "tongue" and "language", being "tongue", after Freud, the place of presentation of Ego's certainty but also the place of possible unconscious language manifestations, which are spoken without Ego's consent. As a consequence of this hypothesis, it is added to the discussion **the strangeness within the language** as an organizing element which permits, in Mother Tongue - Foreign Language relationship, the displacement of the concept of **otherness**. The Foreign Language loses its status of a strange - because different - language, and starts to be questioned from the point of view of a strangeness constitutive of the Mother Tongue itself.

If the hypothesis about the unconscious was developed because Freud heard slips, hesitations and omissions as manifestations of a functioning unknown by the Ego, it must be stressed that Freud conceives his memory and language "apparatus" only and above all as **writing systems**. That is not irrelevant to this work, once it is this conception of **language as a reading/writing system** which gives us elements to question the condition of the Mother Tongue familiarity and the Foreign Language foreignism.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ALLOUCH, J.**, *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

**FONTAINE, A.**, "Pour une lecture de Louis Wolfson", in *Littoral*, n. 23/24, 1987.

**FREUD, S.**, (1891), *A Interpretação das Afasias*, trad. (do italiano) de António Pinto Ribeiro, introdução de Armando Verdiglione, Lisboa: Edições 70, 1977.

\_\_\_\_\_, (1893-5), *Estudos sobre Histeria*, ESB, v. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1885), *Projeto para uma Psicologia Científica*, ESB, v. 1, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1895), *Entwurf einer Pchychologie*, Frankfurt: Fischer Verlag, 1950.

\_\_\_\_\_, (1900), *A Interpretação dos Sonhos*, ESB, vls. 4 e 5, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1901), *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, ESB, v. 6, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1901), *Zur Psychopatologie des Alltagsleben*, GW, v. 4.

\_\_\_\_\_, (1913), *O Interesse Científico da Psicanálise*, ESB, v. 13, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1914), *Sobre o Narcisismo, uma introdução*, ESB, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1914), *Os Instintos e suas Vicissitudes*, ESB, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1966.

\_\_\_\_\_, (1914), *Trieb und Tribschicksale*, GW, v. 10.

\_\_\_\_\_, (1914), *O Inconsciente*, ESB, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_, (1914), *Das Unbewusste*, GW, v. 10.

\_\_\_\_\_, (1915), *Pulsões e destinos das Pulsões*, ESB, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

**FREUD, S.**, (1915), *O Recalcamento*, ESB, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- \_\_\_\_\_, (1916-7), *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, ESB, v. 15, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, (1919), *O Estranho*, ESB, v. 17, Rio de Janeiro: Imago, 1966.
- \_\_\_\_\_, (1920), *Além do Princípio do Prazer*, ESB, v. 18, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, (1924), *Uma nota sobre o Bloco Mágico*, ESB, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, (1925), *A Negativa*, ESB, v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, (1927), *O Futuro de uma Ilusão*, ESB, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, (1929), *O Futuro de uma Ilusão*, ESB, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, (1929), *O Fetichismo*, ESB, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JERUSALINSKY**, "Pequena história do tempo lógico em psicanálise", in *História, clínica e Perspectiva nos 100 anos de Psicanálise*, Edson Luiz André de Sousa (org.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- JULIEN, PH.**, *O Retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação do Espelho*, trad. de Ângela Jesuíno, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- LACAN, J.**, (1948), "A Agressividade em Psicanálise", in *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_, (1949), *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu*, trad. de Fernando Cabral Martins, Lisboa: Editora Arcádia, 1977.
- \_\_\_\_\_, (1953-4), "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a 'Verneinung' de Freud", in *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_, (1957-8), *Les Formations de l'inconscient*, inédito.
- \_\_\_\_\_, (1959-60), *A Ética da Psicanálise, Seminário 7*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Antonio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- \_\_\_\_\_, (1971), "Lituraterre", in *De um discurso que não seria do semblante*, inédito.
- LACAN, J.**, (1972-73), *Mais, ainda, Seminário 20*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de M.D. Magno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

**LACHAUD, D.**, "A Língua Materna ou a divisão do sujeito", in *Psicanálise de Crianças*, v. 1, Aldúisio Moreira de Souza (org.), Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

**MASSON, J. M.**, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

**MELMAN, Ch.**, *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*, Contardo Calligaris (org.), trad. Rosane Pereira, São Paulo: Editora Escuta, 1992.

**MILLER, J-A** , *Matemas I*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Campo Freudiano no Brasil, 1996.

**MILNER, J-C.**, *Les Noms Indistincts*, Paris, Éditions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_, *A Obra Clara*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

**PRASSE, J.**, "O desejo das línguas estrangeiras", in *A Clínica Lacaniana, Revista Internacional* n. 1, Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1997.

**SAFOUAN, M.**, *Estruturalismo e Psicanálise*, São Paulo: Editora Cultrix, 1960.

\_\_\_\_\_, *O Fracasso do Princípio do Prazer*, Campinas: Papirus, 1988.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

**ASSOUM, P-L.**, (1993), *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

**CHATEL, M.M.**, "O Narcisismo", in *Revista Dizer*, n. 6, Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro, 1992.

**CHEMAMA, R.** (org.), *Dicionário de Psicanálise*, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

**GABBI Jr., O .F.**, "Sobre a concepção das afasias e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana", in *Filosofia da Psicanálise*, Bento Prado Jr. (org.), São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

**GARCIA-ROZA, L.A .,** *O Mal Radical em Freud*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

\_\_\_\_\_, *Introdução à Metapsicologia Freudiana*, vls. 1, 2 (1991) e 3 (1995), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

**KAUFMANN, P. (org.),** *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

**LACAN, J.,** (1953-54), *Seminário 1, Os Escritos Técnicos de Freud*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Betty Milan, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

\_\_\_\_\_, (1954-55) - *Seminário 2, O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Marie Christine Laznik Penot, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_, (1955-56), *Seminário 3, As Psicoses*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_, (1963-64), *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais na psicanálise*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de M.D. Magno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

**LAPLANCHE, J. e PONTALIS,** *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

**MANDIL, R. A .,** "Para que serve a escrita?", in *Para que serve a escrita?* , Maria Inês de Almeida (org.), São Paulo: Editora EDUC, 1997.

**MANNONI, O .,** *Freud e a Psicanálise*, Rio de Janeiro: Estudos Freudianos 1: Editora Rio, 1976.

**POMMIER, G. (1989),** *A Neurose infantil da Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v. 28, 1992.

**THOM, M.,** "Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: A Problem in the Interpretation of Freud", in *The talking cure*, Colin MacCabe, The Macmillan Press, 1981.